

Livro de resumos



Nota prévia:

Os resumos estão organizados por ordem de ocorrência no programa do Encontro.

No programa, ao clicar sobre o nome dos autores de cada apresentação, é feito o “link” para o respetivo resumo.

XXXIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística

26-27-28 de outubro de 2023

Universidade da Beira Interior (Covilhã)

Polo I da UBI (Faculdade de Artes e Letras)

Dia 26 de outubro – 5ª FEIRA

11.00	RECEÇÃO AOS PARTICIPANTES	
13.00	<i>Pausa para almoço</i>	
14.00	SESSÃO DE ABERTURA XXXIX ENAPL Anfiteatro 2.12	
14.20	CONFERÊNCIA PLENÁRIA 1 Malte Rosemeyer (Freie Universität Berlin) <i>Data-driven identification of situated meanings in corpus data using Latent Class Analysis</i> Moderação: Cristina Flores Anfiteatro 2.12	
	COMUNICAÇÕES ORAIS	
	Sala 2.02	Sala 2.08
	Presidente: Aida Cardoso	Presidente: Ana Rita Carrilho
15.30	Bruna Bragança <i>Aquisição de aspeto em português por falantes bilingues de mandarim e português: dados de compreensão</i>	Carla Aurélia Almeida <i>Mecanismos de mitigação em narrativas conversacionais: a colaboração interacional em situação de entrevista</i>
16.00	Liliana Correia, Cristina Flores, Carina Eira & Maria Lobo <i>O papel da quantidade e da riqueza de input no desenvolvimento gramatical do português língua de herança</i>	Henrique Barroso <i><Largar a + infinitivo> no Português Europeu</i>
16.30	Pausa para café	
	Presidente: Purificação Silvano	Presidente: Gonçalo Fernandes
17.00	Nelli Kerezova & Esther Rinke <i>Factors conditioning anaphoric resolution of null objects in European Portuguese</i>	Rute Rosa <i>A noção de padrão discursivo: caracterização diferencial de géneros de texto e perspetivas didáticas</i>
17.30	Raquel Madureira <i>A colocação dos pronomes clíticos no português de São Tomé e Príncipe</i>	Solange Lima <i>Depois da venda, a recompensa – o ato ilocutório de elogio em Livros de Elogios digitais do setor imobiliário</i>
18.00	Pekka Posio <i>Incipient human impersonal constructions based on the noun “pessoa” in European Portuguese</i>	Marta Antão & Carla Aurélia Almeida <i>O poder simbólico da indelicadeza e a construção de identidades discursivas em interações virtuais</i>

Dia 27 de outubro – 6ª FEIRA

COMUNICAÇÕES ORAIS			
	Sala 2.02	Sala dos Conselhos	Sala 2.03
	Presidente: Anabela Rato	Presidente: Esther Rinke	Presidente: Ana Espírito Santo
9.00	Xinyan Wang, Adelina Castelo & Chao Zhou <i>A aquisição da assimilação de vozeamento da fricativa em coda no português por aprendentes chineses</i>	Catarina Varela Silva, Vitor Pellissari Zardo, Juliana Gomes & Pilar Barbosa <i>Concordância em sujeitos disjuntivos em PE e PB: um estudo psicolinguístico</i>	Sílvia Barbosa & Mariana Ninitas <i>Envelhecer com dignidade: que respostas existem em Portugal? - uma análise linguística de textos informativos sobre as infraestruturas para o cidadão em idade avançada</i>
9.30	Jéssica Gomes, Ana Margarida Ramalho & Maria João Freitas <i>A aquisição da lateral alveolar por crianças portuguesas com alterações fonológicas</i>	Izabela Müller, Jorge Baptista & Nuno Mamede <i>Differentiating Brazilian and European Portuguese Multiword Adverbs</i>	Leonardo Marcotulio <i>Fenómenos linguísticos variáveis no português falado em Aveiro: revisitando a literatura</i>
10.00	Adelina Castelo, Chao Zhou & Clara Amorim <i>Aquisição das vogais médias do português na China: alguns dados sobre a percepção</i>	Xinyi Li, Maria Lobo & Joana Teixeira <i>Efeitos de Intervenção no Processamento de Estruturas Clivadas do Português Europeu</i>	Viviane Costa & Rui Sousa-Silva <i>Palavras gramaticais como possíveis marcadores de estilo: contributos para a análise de autoria forense em português</i>
10.30	Pausa para café		
COMUNICAÇÕES ORAIS			
	Sala 2.02	Sala dos Conselhos	Sala 2.03
	Presidente: Clara Amorim	Presidente: Ana Madeira	Presidente: Ignacio Vázquez
11.00	Chao Zhou & Maria João Freitas <i>Harmonic Grammar outperforms Optimality Theory in simulating European Portuguese morpho-phonological acquisition</i>	Paula Luegi, Márcio Leitão, Daniela Avila-Varela, Jéssica Gomes & Armanda Costa <i>Processamento de formas reflexivas com e sem marcação de género: efeitos de codificação ou de recuperação?</i>	Mariana Ninitas <i>O acordo que nunca envelhece: análise discursivo-pragmática da polémica verbal em artigos de opinião sobre o (novo) Acordo Ortográfico (de 1990)</i>
11.30	Susana Correia, João Fernandes, Yuxin Ge, Kazuya Saito, Anabela Rato & Patrick Rebuschat <i>Effects of perceptual training and cognitive aptitude on L2 perception and production</i>	Pilar Barbosa, Juliana Gomes & Inês Pereira <i>Estudo comparativo do efeito da lacuna preenchida no processamento de frases com tópicos na periferia esquerda da oração em PE e PB</i>	Gonçalo Fernandes, Carlos Assunção, Rolf Kemmler & Ezra Nhapoca <i>Portugaliae Monumenta Linguistica (PML)</i>

12.10	CONFERÊNCIA PLENÁRIA 2 Maria Lobo (Universidade Nova de Lisboa) Aquisição da sintaxe e (micro)variação: evidência do português Moderação: Alexandra Fiéis Anfiteatro 2.12	
13.10	Pausa para almoço	
	COMUNICAÇÕES ORAIS	
	Sala 2.02	Sala 2.03
	Presidente: Paula Luegi	Presidente: António Leal
14.30	Nélia Alexandre, Ana Espírito Santo, Anabela Gonçalves & Jiaojiao Yao <i>Construções copulativas em português europeu L2 por falantes de chinês: dados de corpora vs. experimentais</i>	João Azevedo & Jacob Maché <i>As propriedades sintático-semânticas das partículas modais</i>
15.00	Joana Teixeira, Alexandra Fiéis & Ana Madeira <i>Efeitos do input na aquisição de PE L2: o caso dos objetos nulos</i>	Inês Cantante <i>Notas sobre a quantificação no domínio verbal</i>
15.30	João Veríssimo <i>Generalisation of 'pure' morphology: Dual-mechanism in native speakers, similarity in second language learners</i>	Telmo Mória <i>A expressão da habitualidade com o verbo costumar – tempo verbal e interação com adjuntos frequentativos</i>
16.00		Ana Teresa Alves & Telmo Mória <i>Uma construção especial com “só” – interação com quantificadores e sinalização de quantidades elevadas e dignas de nota</i>
16.30	Pausa para café	
	SESSÃO DE PÓSTERES Corredor das Fornalhas do Museu de Lanifícios	
	COMUNICAÇÕES ORAIS	
	Sala 2.02	Sala 2.03
	Presidente: Susana Correia	Presidente: Maria Lobo
17.30	Jiaojiao Yao, Anabela Gonçalves & Nélia Alexandre <i>L2 Acquisition of State-of-Change Causatives – A Chinese-Portuguese Bidirectional Study</i>	Marco Favaro <i>The interplay between illocutionary force and information managing. A comparison of the pragmatic functions of European Portuguese LÁ and Italian UN PO'</i>
18.00	Saulo Ferreira & Chao Zhou <i>The effect of orthography on the acquisition of English word-initial /h/ by L1-Portuguese speakers</i>	Ana Sofia Ferreira, Inês Cantante & Rute Rebouças <i>Algumas notas sobre o uso dos tempos verbais com valor de futuro em acórdãos de crime de ameaça</i>
18.30	Teresa Brocardo. In memoriam. Anfiteatro 2.12	
18.45	REUNIÃO DA ASSEMBLEIA GERAL DA APL Anfiteatro 2.12 Entrega de prémio de investigação APL / Maria Helena Mira Mateus	
20.30	Jantar do XXXIX Encontro Nacional da APL Restaurante Hotel Covilhã Dona Maria	

Dia 28 de outubro – SÁBADO

COMUNICAÇÕES ORAIS		
	Sala 2.06	Sala 2.07
	Presidente: Telmo Mória	Presidente: Ana Cao
9.00	Jorge Batista & Sónia Reis <i>Comparação de anotações AMR entre línguas: problemas e soluções</i>	Ana Luísa Costa, Xavier Fontich & Rute Nunes <i>«Isto é pronomes pessoais?» Sobre a construção de conceitos gramaticais</i>
9.30	Soroosh Akef, Amália Mendes, Detmar Meurers & Patrick Rebuschat <i>Linguistic Complexity Features for Automatic Portuguese Readability Assessment</i>	Joana Batalha, Aida Cardoso & Maria Lobo <i>Desenvolvimento de estruturas de subordinação na escrita: estudo longitudinal com crianças de 1.º ciclo</i>
10.00	Purificação Silvano, António Leal, Alípio Jorge & Ricardo Campos <i>Text-to-Story: extracting and representing journalistic narratives from text</i>	Francisco Fidalgo <i>O desuso de cujo/cuyo em português e em espanhol. Tendências analíticas nas formas de substituição.</i>
10.30	Pausa para café	
COMUNICAÇÕES ORAIS		
	Sala 2.06	Sala 2.07
	Presidente: Pilar Barbosa	Presidente: Isabel Pereira
11.00	Ana Maria Brito <i>A reanálise / incorporação de “o que” em relativas livres em Português revisitada</i>	Gabriela Tavares, Andreia Deme & Susana Correia <i>Perception of European Portuguese [e] and [i] by Hungarian native speakers</i>
11.30	Gabriela Matos <i>Frases relativas e elipse frásica</i>	Christophe dos Santos, Émeline Bronner-Huard & Nicola Lampitelli <i>Alongamento compensatório em repetição de pseudopalavras</i>
12.00	MESA-REDONDA AS VARIEDADES DO PORTUGUÊS NA SOCIEDADE E NA ESCOLA. COMO DESFAZER MITOS E CRIAR PONTES? Adriana Cardoso (ESELx) Margarita Correia (FLUL), Irene Cadime (UMinho), Juliana Gomes (FLUP) Anfiteatro 2.12	
13.30	SESSÃO DE ENCERRAMENTO	

SESSÃO DE PÓSTERES (sexta-feira, 27 de outubro, 16.30 - 17.30)

1. [Márcia Bolrinha](#), *Concordância Verbal 3SG Não-Padrão em Orações Relativas de Sujeito*
2. [Celeste Rodrigues](#), *Discurso Informal de Lisboa e Braga (DILeB) – novo corpus de fala do português europeu on-line*
3. [Serafim Muenho](#), *Dominância linguística e variáveis sociais: um estudo contrastivo entre o português de Angola e a língua umbundu*
4. [Rute Rebouças & Inês Cantante](#), *“Ficar branco de susto, verde de inveja e vermelho de raiva”: A contribuição do verbo ficar em construções com adjetivos de cor em Português Europeu*
5. [Bruno Costa](#), *O impacto de uma estratégia de ensino afetiva sobre algumas variáveis não-linguísticas em aulas de PLE em formato remoto emergencial*
6. [Rute Rebouças](#), *“Ouvir (dizer)” como marcador de evidencialidade em Português Europeu: algumas considerações semânticas*
7. [Len Nils Beké](#), *The Manito Topos Project: documenting the silenced toponymies of the bilingual Spanish-English speaking communities of Nuevo México and Colorado*
8. [Vera Fernandes](#), *Variação na concordância verbal – um estudo sobre o verbo haver existencial*

Data-driven identification of situated meanings in corpus data using Latent Class Analysis

Malte Rosemeyer

Freie Universität Berlin

Variation in the morphosyntactic format of utterances can frequently be explained in terms of meaning differences (Bybee, 2010: 165). For instance, in Spanish, the periphrases *tener que* + infinitive 'have to', *deber* 'must' + infinitive and *deber de* 'must' + infinitive can express deontic (1) or epistemic modal meanings (2). *Tener que* + infinitive is assumed to be more likely to be used with deontic readings than the *deber* + infinitive and especially *deber de* + infinitive. The reverse is true for epistemic readings.

- | | | | | | |
|-----|----|-----------------------------------|--------------------|-----------------------------|----------------------|
| (1) | a. | <i>Ten-go</i>
have-PRS.IND.1SG | <i>que</i>
that | <i>cant-ar.</i>
sing-INF | |
| | b. | <i>Deb-o</i>
must-PRS.IND.1SG | | <i>cant-ar.</i>
sing-INF | |
| | c. | <i>Deb-o</i>
must-PRS.IND.1SG | <i>de</i>
of | <i>cant-ar.</i>
sing-INF | |
| | | 'I have to sing.' | | | |
| (2) | a. | <i>Tien-e</i>
have-PRS.IND.3SG | <i>que</i>
that | <i>ser</i>
be.INF | <i>Juan.</i>
Juan |
| | b. | <i>Deb-e</i>
must-PRS.IND.3SG | | <i>ser</i>
be.INF | <i>Juan.</i>
Juan |
| | c. | <i>Deb-e</i>
must-PRS.IND.3SG | <i>de</i>
of | <i>ser</i>
be.INF | <i>Juan.</i>
Juan |
| | | 'That must be Juan.' | | | |

Identifying the meanings of grammatical elements in context is a major challenge for corpus-linguistic studies of grammatical variation. This study proposes a novel solution to this problem. I describe the situated meanings of grammatical elements as as latent constructs. Latent constructs are variables that non-observable but measurable in terms of indicators that represent the underlying construct (Nylund-Gibson and Choi, 2018). Thus, situated meanings cannot be observed directly but need to be inferred from the way that speakers behave. These indicators are features of the linguistic and non-linguistic context.

I use Latent Class Analysis (LCA) to establish a data-driven typology of grammatical meanings for the three modal periphrases illustrated in (1)-(2) to show how LCA can be used to identify unobserved grammatical meanings based on their distribution in terms of a set of contextual predictors. I then compare this typology to manual classification of the data in terms of modality. In conducting this analysis, I use data from spoken sociolinguistic interviews (Preseea, 2014).

My findings show that (a) the situated meanings identified by the Latent Class Analysis do not directly correspond to the modal meanings that are commonly assumed to govern the variation between the three periphrases, and (b) the data-driven typology of meanings is better in explaining the variation between these periphrases. My analysis also considers the relevance of socioeconomic status for this variation and shows that certain types of situated meanings are more likely to be expressed by speakers with a higher socioeconomic status.

References

- Bybee, Joan L. (2010). *Language, Usage, and Cognition*. Cambridge, New York, Cambridge University Press.
- Nylund-Gibson, Karen and Andrew Young Choi (2018). Ten frequently asked questions about Latent Class Analysis. *Translational Issues in Psychological Science* 4: 440-461. 10.1037/tps0000176
- Preseea (2014). *Corpus del Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América*. Alcalá de Henares, Universidad de Alcalá. Available online at <http://preseea.linguas.net>. Last access 6 January 2020.

Aquisição da morfologia de aspeto gramatical em português por falantes bilingues de mandarim e português: dados de compreensão

Bruna Bragança

CLUNL-FCSH

O presente trabalho integra-se num projeto de doutoramento que se propõe estudar o processo de aquisição da morfologia aspetual em português. Nomeadamente, esta tarefa visa investigar como é que as crianças bilingues de mandarim e português interpretam o uso do presente progressivo (PrProg) (imperfetivo) e do pretérito perfeito (PP) (perfetivo) em diferentes contextos. Pretende-se também perceber se os fatores extralinguísticos, como a experiência linguística (ExpL) e a idade de início de exposição regular ao português (IERP) influenciam a aquisição e a compreensão da morfologia aspetual.

As frases possuem um tempo externo, a que chamamos tempo, e um tempo interno, o aspeto, que pode ser dividido em aspeto gramatical e lexical. Relativamente ao aspeto gramatical em português, destacamos aqui os valores do perfetivo e do imperfetivo, em particular o progressivo (de Swart 2012). Quanto ao aspeto lexical, este depende da natureza semântica dos predicados e dos seus argumentos internos, e pode caracterizar-se, entre outros valores, por ser [+/-téllico], [+/-dinâmico] e [+/-durativo]. Neste trabalho, iremos focar-nos na oposição entre uma situação que, no momento da enunciação, está acabada/concluída (perfetivo, cf.1) e uma situação que, no mesmo momento, se encontra em curso (PrProg, cf. (2)), e nas classes aspetuais dos eventos (ou seja, das situações caracterizadas pela sua dinamicidade): atividades, *accomplishments* e *achievements*. Em línguas como o português, o aspeto pode ser marcado pela flexão verbal (cf.3), por verbos auxiliares (cf.4) e por expressões adverbiais (cf.5). Por outro lado, em línguas como o chinês os falantes recorrem a marcadores aspetuais, como *le*, *guo*, *zai* e *zhe*, que não expressam o tempo da frase, mas sim diferentes perspetivas sobre a situação (Li & Thompson 1981).

Alguns estudos sobre aquisição de aspeto em L2 concluíram que as propriedades semânticas do verbo guiam a aquisição do aspeto gramatical, e que este processo ocorre segundo uma determinada sequência (*Hipótese da Primazia do Aspeto HPA*, Andersen & Shirai 1996): os falantes começam por associar o passado perfetivo aos predicados téllicos (Bardovi-Harlig 1999) e o presente e o passado imperfetivo aos predicados atélicos (Collins 1997; Finger et al 2006). A investigação na área do bilinguismo tem demonstrado que uma criança exposta a mais do que uma língua desde muito cedo percorre, em ambas as línguas, os mesmos estádios de aquisição que as crianças que apenas têm contacto com uma única língua. As crianças bilingues desenvolvem assim, dois sistemas gramaticais autónomos (Flores 2013), embora as línguas possam influenciar-se entre si (Paradis & Genesee 1996). A idade de início de exposição regular à segunda língua, neste caso o português, parece ter um impacto relevante neste percurso, assim como a ExpL. A ExpL é geralmente definida tendo em conta a quantidade e a qualidade do *input* que a criança recebe nas duas línguas, isto é, o uso, ou a frequência de uso, de cada uma dessas línguas (Unsworth 2016).

Assim, para esta tarefa partimos das seguintes questões de investigação: (i) os falantes bilingues adquirem as propriedades aspetuais numa determinada sequência, apoiando-se nos traços lexicais dos predicados, como defende a HPA? (ii) como é que os falantes bilingues

interpretam o uso das formas verbais do PrProg e do PP em português em diferentes contextos? e (iii) a Expl e/ou o IERP influenciam esta interpretação das formas verbais do PrProg e do PP?

Para responder a estas questões, desenhamos uma tarefa de seleção de imagem, para investigar se os falantes bilingues estabelecem as correspondências esperadas quanto às formas morfológicas do aspeto em diferentes contextos. Apresentamos situações associadas a frases que denotam diferentes relações aspetuais para com um determinado ponto de referência temporal, que neste caso corresponde ao presente: com morfologia perfeitiva (descrevendo ações que terminaram antes desse ponto) e com morfologia progressiva (descrevendo ações em curso/a decorrer num período que inclui esse ponto). Testámos os seguintes predicados (i) atividades: *beber água, correr e nadar*; (ii) *achievements: cair, chegar e sair*; (iii) *accomplishments: comer uma banana, construir uma casa e pintar o quadro*. A tarefa é constituída por um total de 36 itens – 18 itens experimentais e 18 distratores –, para além de 2 itens de treino.

Para este trabalho analisamos as respostas de 43 falantes bilingues de mandarim e português e 43 falantes nativos de português, com idades que variam entre os 6 e os 12 anos e que se encontram entre o 1.º e o 6.º ano de escolaridade (tabela 1 e 2). A tarefa foi realizada presencialmente, sem limite de tempo. Foi também aplicado um questionário sociolinguístico aos falantes bilingues, preenchido pelos pais, que nos permitiu aferir o índice de Expl e IERP de cada um dos participantes.

Numa análise preliminar dos resultados desta tarefa, constatamos que os falantes bilingues apresentam uma taxa de acerto mais baixa nos itens de atividade no perfeitivo (tabela 3), o que pode estar relacionado com o facto de terem preferência pela interpretação que privilegia uma situação durativa com uma culminação ou limite final. Quanto ao progressivo, tanto os falantes bilingues como os nativos de português têm uma taxa de acerto mais baixa nos itens de *achievements* (tabela 4), possivelmente por estes implicarem uma mudança de estado perspectivada na sua culminação e não no seu processo. Assim, parece-nos que os falantes bilingues se apoiam, nestes casos, nos traços lexicais dos predicados, associando o perfeitivo a predicados télicos e o imperfeitivo a predicados atélicos.

Procuraremos complementar estes resultados analisando os fatores extralinguísticos Expl e IERP, discutindo se eles influenciam ou não a aquisição da morfologia aspetual. No entanto, pelo observado até ao momento, não nos parece existir uma relação linear entre a taxa de acerto e a Expl / IERP, sendo o nível de escolaridade e a idade os fatores que nos parecem mais sugestivos de relação com as dificuldades mostradas pelos falantes (aquisição mais tardia da morfologia de aspeto em português).

Palavras-chave: *Aquisição de morfologia aspetual; compreensão; crianças bilingues; dominância linguística; idade de início de exposição*

Bibliografia

Andersen, R. & Shirai, Y. (1996). The primacy of aspect in first and second language acquisition: the pidgin-creole connection. In Ritchie, W. C. & Bhatia, T. K. (eds.), *Handbook of Second Language Acquisition*. London: Academic Press, 527-570.

- Bardovi-Harlig, K. (1999). From morpheme studies to temporal semantics: Tense-aspect research in SLA. *Studies in Second Language Acquisition*, 21, 341-382.
- Collins, L. (1997). The development of tense and aspect. Paper presented at the *Second Language Research Forum*, Michigan State University, East Lansing, MI.
- de Swart, H. (2012). Verbal Aspect. In Binnick, R. (eds.), *The Oxford Handbook of Tense and Aspect*. Oxford University Press. 752-780.
- Finger, I, Gonçalves M. & Spuldaro, E. (2006), *A influência do aspecto lexical na aquisição da morfologia verbal do português como L2*, *Investigações: linguística e teoria literária*. Recife, PE. 19(2), 49-59.
- Flores, C. (2013). Português Língua Não Materna. Discutindo conceitos de uma perspectiva linguística. In R. Bizarro, M. A. Moreira & C. Flores (orgs.), *Português Língua Não Materna: Investigação e Ensino*. Lisboa: Lidl, pp. 35 – 46.
- Li, C., & Thompson, S. (1981). *Mandarin Chinese: A Functional Reference Grammar*. Berkeley: University of California Press.
- Paradis, J. & F. Genesee (1996). Syntactic acquisition in bilingual children: autonomous or independent? *Studies in Second Language Acquisition* 18, 1-25.
- Unsworth, S. (2016). Quantity and Quality of Language Input in Bilingual Language Development. In: E. Nicoladis & S. Montanari (Eds.). *Bilingualism Across the Lifespan*. Berlin, Boston: De Gruyter, 103-122.

Anexos:

- (1) A Maria escreveu uma carta à tia. -> perfeito
- (2) A Maria está a escrever uma carta à tia. -> progressivo
- (3) foi ao parque
- (4) tem ido ao parque
- (5) foi frequentemente ao parque

	n.º participantes	média da idade	Média idade de IERP (min-máx)
1.º -2.º ano	18	7,3	2,4 (0-6 anos)
3.º - 4.º ano	11	9,2	4,3 (3-7 anos)
5.º - 6.º ano	14	11,3	4,1 (2-7 anos)

Tabela 1: falantes nativos de mandarim

	n.º participantes	média da idade
1.º -2.º ano	18	7,1
3.º - 4.º ano	11	9,1
5.º - 6.º ano	14	11,4

Tabela 2: falantes nativos de português

Aspeto lexical	N.ºAcerto Mand.	N.ºAcerto Port.	% Acerto Mand.	% Acerto Port.
<i>Accomplishment</i>	120/132	127/132	91%	96%
<i>Achievement</i>	124/132	126/132	94%	95%
Atividade	103/132	127/132	78%	96%

Tabela 3: Taxa de acerto no perfeito

Aspeto lexical	N.ºAcerto Mand.	N.ºAcerto Port.	% Acerto Mand.	% Acerto Port.
<i>Accomplishment</i>	122/132	131/132	92%	99%
<i>Achievement</i>	96/132	123/132	73%	93%
Atividade	127/132	132/132	96%	100%

Tabela 4: Taxa de acerto no presente progressivo

O papel da quantidade e da riqueza de *input* no desenvolvimento gramatical do português língua de herança

Liliana Correia¹, Cristina Flores¹, Carina Eira¹ & Maria Lobo²

¹Universidade do Minho

²Universidade NOVA de Lisboa

O desenvolvimento bilingue da linguagem, e em particular o desenvolvimento de uma língua de herança, caracteriza-se por apresentar um elevado grau de variação individual (Paradis, 2023). Uma dimensão importante, que contribui para essa variação, está relacionada com a heterogeneidade das experiências sociolinguísticas de crianças bilingues, afetando particularmente a língua de herança. O presente estudo investiga os efeitos de diferentes variáveis de exposição linguística na competência gramatical de crianças lusodescendentes, avaliada por meio de uma Tarefa de Repetição de Frases (TRF) em português europeu (PE), aplicada a dois grupos de crianças, falantes de herança do português: um grupo residente na Alemanha, com alemão como língua da sociedade; e um grupo que vive em França, com francês como língua da sociedade.

As TRF têm sido consideradas ferramentas eficazes na avaliação do conhecimento gramatical de crianças monolingues e bilingues (Correia, Lobo & Flores, submetido; Marinis & Armon-Lotem, 2015). Num estudo anterior, mostrámos que uma TRF desenvolvida para PE conseguiu captar diferenças entre o desempenho de 43 crianças monolingues residentes em Portugal e o de 25 crianças bilingues de PE-alemão, residentes na Alemanha (com idades compreendidas entre os 6 e os 10 anos). Demonstrámos ainda que as diferenças observadas eram moduladas pelas variáveis 'idade', 'nível de complexidade' das estruturas testadas e, no grupo bilingue, pela variável extralinguística 'riqueza do *input* na língua de herança'. Os dados relativos ao *background* sociolinguístico das crianças bilingues foram obtidos através de um questionário detalhado, preenchido pelos cuidadores.

O presente estudo estende esta investigação a um segundo grupo de crianças bilingues da mesma idade: 31 crianças lusodescendentes a viver em França, as quais, comparativamente aos seus pares residentes na Alemanha, têm contacto mais limitado e menos diversificado com o PE. Com este estudo, procuramos investigar, por um lado, se há diferenças intergrupais quanto ao desempenho dos dois grupos de crianças falantes de herança do PE na TRF; e, por outro lado, se as potenciais diferenças de desempenho das crianças bilingues são moduladas pelo tipo de língua maioritária, pela experiência sociolinguística das mesmas e/ou pelo nível de complexidade das estruturas testadas. As variáveis incluídas na análise foram 'idade atual', 'grupo', 'quantidade de exposição acumulada' (medida através do número de membros da família que falam PE com a criança + frequência de uso do PE por cada membro + cálculo ao longo da vida da criança) e 'riqueza de *input*' (medida pelo número de diferentes atividades realizadas na língua de herança, incluindo instrução formal), tendo sido também inserido o preditor 'nível de complexidade'.

Os resultados de dois modelos lineares generalizados mistos, um centrado nas diferenças intergrupais e o outro focado nos potenciais preditores de desempenho, mostram que (1) de facto, os bilingues PE-alemão têm um desempenho superior ao dos bilingues PE-francês; (2) a 'idade', o

‘nível de complexidade’ (C2 vs. C3) e a ‘exposição acumulada’ são variáveis preditivas do desempenho das crianças bilíngues, i.e., por um lado, o desempenho das crianças melhora significativamente com a idade e com uma maior quantidade de *input* acumulado ao longo do tempo; por outro lado, a probabilidade de as crianças produzirem uma resposta certa diminui à medida que o nível de complexidade das estruturas gramaticais aumenta. O modelo identificou ainda um efeito marginalmente significativo da variável ‘riqueza de *input*’, sugerindo que a diversidade e a complexidade do *input* da LH a que as crianças são expostas no quotidiano parecem estar a exercer alguma influência no seu desempenho linguístico. Para além disso, a variável ‘grupo’ deixa de ser preditiva quando a experiência linguística das crianças é tida em consideração, fornecendo evidências de que as diferenças intergrupais advêm da variação na quantidade e na qualidade de exposição linguística que as crianças recebem no dia a dia e não da influência da língua maioritária.

Palavras-chave: crianças falantes de herança; português europeu; tarefa de repetição de frases; desenvolvimento gramatical; efeitos de *input*

Referências

Correia, Lobo & Flores (submetido)

Marinis, T. & Armon-Lotem, S. (2015). Sentence Repetition. In S. Armon-Lotem, J. de Jong & N. Meir (eds.), *Assessing Multilingual Children. Disentangling Bilingualism from Language Impairment* (pp. 95-121). Multilingual Matters.

Paradis, J. (2023). Sources of individual differences in the dual language development of heritage bilinguals. *Journal of Child Language*, 1–25. <http://doi.org/10.1017/S0305000922000708>

Mecanismos de mitigação em narrativas conversacionais: a colaboração interacional em situação de entrevista

Carla Aurélia Almeida

Universidade Aberta

Estando ancorado na perspectiva semântico-pragmática (Verschueren, 1999) de análise dos fenómenos linguísticos, o presente trabalho tem como enfoque analítico o estudo de mecanismos linguísticos e de estratégias discursivas (Gumperz, 1982) que denotam o sentido partilhado (Norrick, 2001, p. 78) em narrativas conversacionais (Norrick, 2000; Schiffrin, 2006). Com base neste enquadramento teórico e metodológico, procurar-se-á estudar as estratégias discursivas desenvolvidas pelos interlocutores num *corpus* oral de narrativas em Português Europeu que ocorrem em 23 entrevistas de investigação, de duas horas e meia cada uma, sobre as condições de vida no trabalho. A orientação teórica e metodológica de análise do discurso das entrevistas enfatiza sobretudo questões de índole qualitativa, a partir das quais é possível analisar os processos de coconstrução de sentido garantidos pela interação entre entrevistador e entrevistados e que se refletem na construção de narrativas de experiência de vida que revelam a colaboração interacional (De Fina, 2009, p. 255).

Com a análise de estratégias discursivas que ocorrem nestes contextos interacionais, procurar-se-á, assim, demonstrar de que modo é realizado o trabalho colaborativo de construção do sentido: analisaremos os lapsos, as hesitações, as repetições lexicais e sintáticas (Duarte, 2003), as sobreposições da fala e a reprodução do diálogo oral com a justaposição dos enunciados dos locutores, o uso de mitigadores que expressam a vagueza (imprecisão), a proteção e a delicadeza, e a ocorrência, no oral interacional, de estratégias de mitigação, expressas em atos de natureza sequencial como o ato da justificação e o da reformulação, e verificação da relação entre mitigação e modalidade epistémica e deôntica (Caffi, 2007). O estudo da sequencialidade discursiva e das respetivas regularidades possibilita a compreensão da organização e funcionamento de seqüências de atos de discurso que constituem estratégias discursivas de “envolvimento conversacional” (Gumperz, 1982: 2-3; Tannen, 1989, p. 11) dos interactantes no seio das trocas discursivas. Verificaremos que os mecanismos de mitigação (Caffi, 1999) permitem que os falantes resolvam problemas e dilemas interacionais e revelem a sua competência pragmática (Fraser, 2010, p. 15).

Na linha de Fraser (2010), considerar-se-á, assim, a mitigação através do estudo dos seus dispositivos, que ocorrem nos discursos constituídos e delimitados para a análise, e identificaremos os efeitos interacionais visados.

Referências

- Caffi, C. (1999). On mitigation. *Journal of Pragmatics*, 31, 881-889.
- Caffi, C. (2007). *Mitigation*. Amsterdam: Elsevier.
- De Fina, A. (2009). Narratives in interview — The case of accounts: For an interactional approach to narrative genres. *Narrative Inquiry*, 19(2), 233-258.

- Duarte, I. (2003). Aspectos linguísticos da organização textual. In M. H. M. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria, S. F., G. Matos, F. Oliveira, M. Vigário, & A. Villalva, *Gramática da Língua Portuguesa* (pp. 87-123). Lisboa: Caminho.
- Fraser, B. (2010). Pragmatic competence: the case of hedging. In G. Kaltenböck, W. Mihatsch, & S. Schneider (Eds.), *New approaches to hedging* (pp. 15-34). Bingley: Emerald Group Publishing.
- Gumperz, J. J. (1982). *Discourse Strategies*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Norrick, N.R. (2001). Discourse and semantics. In D. Schiffrin, D. Tannen, & H. E. Hamilton (Eds.), *The Handbook of Discourse Analysis* (pp. 76-99). Oxford/ Massachusetts, Blackwell.
- Norrick, N. R. (2010 [2000]). *Conversational narrative. Storytelling in everyday talk*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Schiffrin, D. (2006). *In other words. Variation in reference and narrative*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Tannen, D. (1989). *Talking Voices: Repetition, dialogue and imagery in conversational discourse*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Verschueren, J. (1999). *Understanding pragmatics*. London, New York, Sydney, Auckland: Arnold.

Factors conditioning anaphoric resolution of null objects in European Portuguese

Henrique Barroso

Universidade do Minho, CEHUM

Pretende-se, nesta comunicação, fazer o reconhecimento e caracterização da estrutura <largar a + infinitivo>. Para tal, procede-se, num primeiro momento, à identificação do seu significado, ou seja, ficar-se-á a saber que se trata de uma construção de **inceptivo** – valor que partilha, contudo, com um número considerável de outras construções, e só para referir algumas: *principiar a, desatar a, deitar a, romper a, meter-se a, pôr-se a*, todas portadoras de propriedades idiossincráticas, que as distinguem (a construção sob escopo caracteriza-se por, ao ‘inceptivo’, acrescentar o significado ‘de forma repentina e/ou brusca’ e por coocorrer com verbos que denotam situações dinâmicas, em particular com os que manifestam o modo ou maneira de se mover e, ainda, os de reação física ou emotiva) entre si e de *começar a*, construção geral, não marcada –, pois focaliza o ‘limite inicial’ de uma situação; num segundo momento, à sua delimitação estrutural, isto é: recorrendo a testes quase exclusivamente de natureza sintática, verificar-se-á que *largar a* se pode considerar um verbo semiauxiliar e a sequência “*largar a + infinitivo*”, uma construção perifrástica (ou perífrase) verbal; e, num terceiro momento, à descrição sintático-semântica (tipos de sujeito, configurações sintáticas, classes aspetuais de predicções), no sentido de averiguar as suas compatibilidades e restrições de seleção. Ficar-se-á a saber, por exemplo, que *largar a* se combina só com predicados denotadores de eventos dinâmicos (processos, designadamente), transformando-os, ao atuar como operador, em eventos pontuais. O *corpus*, para esta análise, é constituído por material linguístico autêntico, recolhido exclusivamente em textos literários, do séc. XX (quase tudo) e do XXI (pontualmente).

Palavras-chave: <Largar a + infinitivo>; verbo semiauxiliar; perífrase verbal; inceptivo + ‘de forma repentina e/ou brusca’; Português Europeu.

Referências

- Cunha, Luís Filipe. 1998. *As construções com progressivo no Português: uma abordagem semântica*. Porto: Universidade do Porto. [Tese de Mestrado inédita]
- Cunha, Luís Filipe. 2007. *Semântica das predicções estativas. Para uma caracterização aspectual dos estados*, München, Lincom Europa.
- De Miguel, Elena. 1999. El aspecto léxico, em Ignacio Bosque e Violeta Demonte (diretores), *Gramática descriptiva de la lengua española*, Vol. 2, Madrid, Espasa: 2977-3060.
- Duarte, Inês. 2003. Subclasses de verbos e esquemas relacionais, em Maria Helena Mira Mateus, Ana Maria Brito, Inês Duarte, Isabel Hub Faria e Sónia Frota, Gabriela Matos, Fátima Oliveira, Marina Vigário, Alina Villava, *Gramática da língua portuguesa*, 5.ª ed., Lisboa, Caminho: 295-316.
- Duarte, Inês e Ana Maria Brito. 2003. Estrutura argumental e papéis temáticos; Tipos de situações e tipologia aspectual dos verbos; Natureza aspectual do verbo e respectiva estrutura argumental, em Maria Helena Mira Mateus, Ana Maria Brito, Inês Duarte, Isabel Hub Faria

- e Sónia Frota, Gabriela Matos, Fátima Oliveira, Marina Vigário, Alina Villava, *Gramática da língua portuguesa*, 5.ª ed., Lisboa, Caminho: 183-197.
- García Fernández, Luis (diretor). 2006. *Diccionario de perífrasis verbales*, Madrid, Gredos.
- Gonçalves, Anabela e Teresa da Costa. 2002. *(Auxiliar a) Compreender os verbos auxiliares. Descrição e implicações para o ensino do Português como Língua Materna*, Lisboa, Edições Colibri e Associação de Professores de Português.
- Moens, Marc. 1987. *Tense, aspect and temporal reference*, Ph.D., University of Edinburgh, Edinburgh [em linha] Disponível em: https://www.academia.edu/es/67948438/Tense_aspect_and_temporal_reference
- Oliveira, Fátima. 2003. Tempo e aspecto, em Maria Helena Mira Mateus, Ana Maria Brito, Inês Duarte, Isabel Hub Faria e Sónia Frota, Gabriela Matos, Fátima Oliveira, Marina Vigário, Alina Villava, *Gramática da língua portuguesa*, 5.ª ed., Lisboa, Caminho: 127-178.
- Raposo, Eduardo Buzaglo Paiva. 2013. Verbos auxiliares, em Eduardo Buzaglo Paiva Raposo, Maria Fernanda Bacelar do Nascimento, Maria Antónia Coelho da Mota, Luísa Segura e Amália Mendes (eds.), *Gramática do Português*, Vol. II, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian: 1219-1281.
- Vendler, Zenon. 1967. *Linguistics in philosophy*, New York, Cornell University Press.

There is a great deal of research regarding anaphoric resolution of null and overt subject pronouns in Romance languages and beyond. The factors determining the reference of *null objects* (NO) have received much less attention. Based on a corpus study, this paper considers several factors conditioning anaphoric resolution of NOs in European Portuguese (EP), comparing them to object clitic pronouns (CL).

In general, the choice between different referential expressions depends on the degree of *accessibility* of a referent. According to Ariel's (1990) *Accessibility hierarchy*, definite descriptions realize low accessible referents, whereas pronouns refer to more accessible entities. Null elements ("zeros") refer to even more accessible referents than overt pronouns and are labelled as "extremely high accessibility markers".

Whether a referent is more or less accessible is determined by different factors: i) the syntactic function of the antecedent, ii) its distance in the discourse, and iii) the presence of interfering entities (Ariel 2001). We also know that accessibility markers encode *future* accessibility (so-called *topic persistence*) in addition to anaphoric accessibility.

With respect to the first question, it has been shown that subject referents are in general more accessible than object referents. Therefore, null subjects generally refer to subject antecedents whereas overt subject pronouns refer to non-subject referents (Calabrese 1986; Carminati 2002a, among others). An alternative pattern is discussed by Chambers & Smith (1998) and Arnold (2003) with respect to NOs: they tend to refer to object referents, whereas overt object pronouns refer to subject entities, showing that *structural parallelism* may override the accessibility of a subject referent in the case of NO.

Concerning previous and overt mention of a referent, it has been claimed in the literature, that NOs in EP are legitimate in contexts, where the antecedent is previously mentioned (Costa, Lobo & Silva 2009, Rinke et al. 2019, Flores et al. 2020). Can this tendency be confirmed in spontaneous speech?

Concerning the factor "competition", Clancy (1980) argues that implicit mention is preferred when there are no intervening NPs. The existence of an intervening overt referent has also been shown to be influential for the realization of overt or null pronouns in languages like Swedish (Sigurdsson 2011) or Polish (Sopata 2016). For NOs and CLs in EP, the question arises whether they are more likely to co-occur with a null or overt subject in the same sentence.

With respect to topic persistence, Givón (1983) has shown that anaphorically accessible entities are typically also cataphorically persistent (suitable for forward references). Can we confirm a tendency of the respective referent to remain accessible (realized by a null element) in the upcoming discourse after the occurrence of a NO/CL?

Data analysis is based on the corpus CORDIAL-SIN (Martins, 2000), including 636 sentences with object clitics (310 sentences) and null objects (326 sentences). The results reveal the following patterns:

Syntactic function of the antecedent: Both NOs and CLs tend to select an object referent (NO in 59% of the cases, CLs in 67.6%). When the NO takes a subject antecedent, it is very likely to be the subject of a passive sentence, i.e. it was base-generated in the object position.

Overt realization of the antecedent: The antecedent of both NOs and CLs has a strong tendency to be overt (NO=82.1%; CL=87.6%).

Realization of the subject in the same sentence: There is no clear impact of this factor. 54.8% of the sentences containing a CL and 56.6% of the sentences containing a NO have a null subject.

Continuation of the referential chain: In the sentence following both NOs and CLs, the referent tends not to be mentioned (null in approx. 65% of the cases). If it is mentioned, it tends to be a null subject in the case of CLs and a NO in the case of NOs.

Based on these results, we derive the following conclusions:

1. In contrast to NSs, NOs and CLs tend to have an antecedent in object position. This shows that structural parallelism is more relevant than accessibility in the case of both types of object pronouns.
2. The results confirm that NOs –but also CLs- tend to refer to previously and overtly mentioned referents.
3. The overtness of the subject in the same sentence does not have an impact on the realization of a NO/CL, showing that the linking mechanisms may be different from those proposed for Polish or Swedish pronouns.
4. NOs and CLs do not show topic persistence. If they show it, they do so in different ways.

To conclude, overall the factors determining the anaphoric resolution of NOs and CLs differ from that of null and overt subjects. Accessibility of the antecedent is not the only factor determining the choice of a referential form.

References

- Ariel, M. 1990. *Accessing noun phrase antecedents*. London: Routledge.
- Ariel, M. 2001. Accessibility theory: An overview. In T. Sanders, J. Schilperoord, & W. Spooren (eds.), *Text representation: Linguistic and psycholinguistic aspects* (p. 29-88). Amsterdam: Benjamins.
- Arnold, J. 2003. Multiple constraints on choice of reference: Null, pronominal, and overt reference in Mapudungun. In Du Bois, J. W., L. Kumpf & W. Ashby (eds.), *Preferred argument structure: Grammar as architecture for function* (p. 225-245). Amsterdam: Benjamins.
- Calabrese, A. 1986. Pronomina: some properties of the Italian pronominal system. MIT Working Papers in Linguistics 8. 1-46.
- Carminati, M. N. 2002. *The processing of Italian subject pronouns*. PhD dissertation. University of Massachusetts at Amherst.
- Chambers, C. & R. Smith 1998. Structural Parallelism and Discourse Coherence: A Test of Centering Theory. *Journal of memory and language* 39, 593-608.

- Clancy, P. M. 1980. Referential choice in English and Japanese narrative discourse. In Chafe, W. L. (ed.), *The pear stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production* (p. 127-202). Norwood, NJ: Ablex Publ. Co.
- Costa, J., M. Lobo & C. Silva 2009. Null objects and early pragmatics in the acquisition of European Portuguese. *Probus* 21(2), 143-162.
- Flores, C., E. Rinke & A. Sopata 2020. Acquiring the distribution of null and overt direct objects in European Portuguese, *Journal of Portuguese Linguistics* 19 (5), 1–20.
- Givon, T. 1983. *Topic continuity in discourse: A quantitative cross-language study*. Amsterdam: Benjamins.
- Martins, A. M. (coord.) [2000-]. CORDIAL-SIN: *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe* URL: <https://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=CORDIAL-SIN>
- Rinke, E., C. Flores & A. Sopata 2019. Heritage Portuguese and Heritage Polish in contact with German. More evidence on the production of objects. *Languages* 4(3), 53.
- Sigurðsson, H. A. 2011. Conditions on argument drop. *Linguistic Inquiry* 42(2), 267-304.
- Sopata, A. 2016. Null objects in adult and child Polish: Syntax, discourse and pragmatics. *Lingua* 183, 86–106.

A colocação dos pronomes clíticos no português de São Tomé e Príncipe

Raquel Madureira

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

Nas últimas décadas, tem-se assistido a um progressivo investimento na investigação sobre as variedades africanas do português, o que reflete a crescente difusão do português nas ex-colónias. De facto, após 1975, o português conheceu uma expansão não só no número de falantes, como também nos contextos de utilização nesses países. Em São Tomé e Príncipe (STP), em particular, o português é atualmente falado por cerca de 98,4% da população (Hagemeijer 2018) e encontra-se em processo de nativização. Vários estudos têm procurado descrever esta variedade do português (e.g., Alexandre et al. 2011; Gonçalves 2010, 2016; Hagemeijer 2016). No entanto, esta comunicação pretende tratar um tema que carece ainda de uma descrição detalhada: a colocação dos clíticos. Para tal, recorrer-se-á a dados de 25 entrevistas, recolhidas entre 2008 e 2012 e que integram um corpus oral semi-espontâneo de português de São Tomé e Príncipe (PST), elaborado no âmbito do projeto Posse e localização: microvariação em variedades africanas do português (PALMA) do CLUL. As propriedades e a colocação dos pronomes clíticos em português europeu têm sido alvo de estudo, estando amplamente descritas em Duarte & Matos (2000), Brito, Duarte & Matos (2003), Martins (2013) e Martins (2016), entre outros. Foram também elaborados alguns estudos sobre a colocação dos clíticos para o português de Moçambique (Gonçalves 1990; Matsinhe 1998; Mapasse 2005) e para o português de Angola (Mutali 2019). Os dados que têm servido de base para os estudos desenvolvidos são provenientes de um espectro alargado. Alguns têm recorrido a dados da oralidade obtidos através da constituição de corpora, como o Panorama Oral de Maputo (PROM) (Gonçalves & Stroud 1997). Outros sustentam-se em textos manuscritos ou em obras literárias (Hagemeijer 2016). Contudo, a colocação dos clíticos em PST ainda não foi analisada de forma aprofundada. Este estudo procurará contribuir para a compreensão deste tema, recorrendo a dados da oralidade produzidos por dois grupos de informantes: falantes com um nível de escolaridade até ao 4º ano e falantes com o ensino superior. Procurará ainda dar resposta às seguintes questões: (i) Qual é o padrão de colocação de clíticos em PST? (ii) De que forma variáveis sociolinguísticas, como a escolarização, se relacionam com um maior ou menor distanciamento da norma do português europeu? Assim, esta comunicação fará uma análise interfalante da colocação dos clíticos em (i) orações finitas e (ii) orações não-finitas. No primeiro grupo, inclui-se: (a) as frases finitas, com verbo inicial (V1); (b) as frases finitas, não V1, sem proclisadores; (c) as frases finitas afirmativas, com proclisadores; (d) as orações subordinadas finitas; (e) e as frases finitas negativas. O segundo grupo abrange: (f) as orações não-finitas, sem proclisadores; (g) e as orações não-finitas, com proclisadores. Os dados recolhidos parecem indicar que o PST apresenta uma forte tendência para a ênclise em frases finitas, conforme demonstrado em (1). Contudo, mesmo em contextos que legitimam a próclise, verificam-se percentagens consideráveis de ênclise. Isso é exemplificado em (2), onde a ênclise ocorre em contexto de frase finita afirmativa, com proclisador (2a), de oração subordinada finita (2b) e de frase finita negativa (2c). Além disso, uma análise preliminar dos dados parece indicar que o nível de escolarização é

uma variável sociolinguística determinante, já que a convergência com a norma do português europeu em contextos de próclise é maior em informantes com o ensino superior.

Exemplos

(1) (a) Normalmente, encontra-se pessoas de mais idade.

(b) Então, ajuda-nos a amadurecer bastante.

(c) Eu pedi-lhe explicação.

(2) (a) E, para isso, também vai-se aplicar um questionário.

(b) Ele disse que ele matriculou-me no superior.

(c) Ele não falta-me dez conto, um cinco conto.

Palavras-chave: português de São Tomé e Príncipe, clíticos, variação linguística

Referências selecionadas

- Alexandre, Nélia, Gonçalves, Rita, & Hagemeijer, Tjerk. (2011). A formação de frases relativas de PP no português de Cabo Verde e de São Tomé. In A. Costa, P. Barbosa, & I. Falé, *Actas do XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 17-34). Lisboa: APL.
- Brito, Ana Maria, Duarte, Inês, & Matos, Gabriela. (2003). Tipologia e distribuição das expressões nominais. Tipologia dos pronomes clíticos. In M. H. Mira Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. Hub Faria, S. Frota, G. Matos, et al., *Gramática da Língua Portuguesa* (pp. 832-834). Lisboa: Caminho.
- Gonçalves, Perpétua. (1990). *A construção da gramática do português em Moçambique: aspectos da estrutura argumental dos verbos*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: FLUL.
- Gonçalves, Rita. (2010). *Propriedades de Subcategorização Verbal no português de São Tomé*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: FLUL.
- Gonçalves, Rita. (2016). *Construções ditransitivas no português de São Tomé*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: FLUL.
- Hagemeijer, Tjerk. (2016). O português em contacto em África. In Ana Maria Martins & Ernestina Carrilho, *Manual de Linguística Portuguesa* (pp. 43-67). Berlim: Mouton de Gruyter.
- Hagemeijer, Tjerk. (2018). From creoles to Portuguese. Language shift in São Tomé and Príncipe. In Laura Álvarez López, Perpétua Gonçalves & Juanito Ornelas de Avelar, *The Portuguese Language Continuum in Africa and Brazil* (pp.169-184). Amsterdão: John Benjamins.
- Mapasse, Ermelinda. (2005). *Clíticos pronominais em português de Moçambique*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: FLUL.
- Martins, Ana Maria. (2013). Posição dos Pronomes Pessoais clíticos. In E. B. P. Raposo et al., *Gramática do Português*. Vol. II (pp. 2231-2302). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Mendes, Amália, & Estrela, Antónia. (2008). Constructions with SE in African varieties of Portuguese. *Phrasis*, 2008:2, 83-107.
- Matsinhe, Sozinho. (1998). *Pronominal Clitics in Tsonga and Mozambican Portuguese: a Comparative Study*. Dissertação de Doutoramento. Londres: School of Oriental and African Studies.
- Mutali, Henrique Simão. (2019) *A colocação dos pronomes clíticos no português angolano escrito*. Dissertação de mestrado. Lisboa: FLUL.

Incipient human impersonal constructions based on the noun *pessoa* in European Portuguese

Pekka Posio

University of Helsinki

The grammaticalization of nouns meaning ‘man’ or ‘person’ into impersonal pronouns is a well-documented phenomenon found across the world. In Europe, such impersonal pronouns are characteristic of languages with obligatory subject expression like Germanic languages and French (Siewierska & Papastathi 2011). However, European (EP) and Brazilian Portuguese (BP) also display impersonal uses of noun phrases with the lexeme *pessoa* ‘person’ as recently discussed by Posio (2017, 2021) and Amaral and Mihatsch (2019), that correspond to generic ‘you’ or ‘one’ in English, as illustrated in example (1):

(1) *quando uma pessoa vai para um país estrangeiro,*
when a person goes to a country foreign,

também vai à capital
also goes to.the capital

‘When you go ~ one goes to a foreign country, you also go ~ one also goes to the capital.’

The present paper analyses the use of the singular forms *uma pessoa* ‘a person’ and *a pessoa* ‘the person’, as well as the plural form *as pessoas* ‘the people’ in a 77,000-word sociolinguistic interview corpus of spoken EP collected by the author in the region of Porto, comparing it with similar data from Peninsular Spanish (Fernández Juncal 2005) and with dialectal data from the CORDIAL-SIN corpus (Martins 2000–).

In terms of frequency, the lemma *pessoa* occurs 62.07 times per 10,000 words in the Portuguese main corpus, while in the comparable Spanish corpus the cognate lemma *persona* occurs only 9.83 times per 10,000 words. Particularly frequent is the plural form *as pessoas* that occurs over 30 times per 10,000 words in the EP interview data, in contrast to just over 3 occurrences in the CORDIAL-SIN and less than one occurrence of the cognate *las personas* in the Spanish data, demonstrating the advanced grammaticalization of the lexeme in EP in contrast with only lexical uses found in Spanish. A phonetic analysis of the occurrences of *a/uma pessoa* reveals also a significant difference in the duration of the sequence between lexical uses as a noun phrase and the grammaticalized uses as an impersonal construction.

In addition to discussing the high token frequency and other properties associated with grammaticalization, the paper examines the referential and quantificational properties of *a gente* in the EP interview data and explores the hypothesis that *as pessoas* might be a sociolinguistically conditioned alternative for the impersonal pronoun *a gente* ‘people; us’, considered ‘popular’ in normative EP. However, this hypothesis is not supported by the data: while sociolinguistic factors do affect the frequency of use of *a gente* and *as pessoas*, they are functionally different in that *a gente* typically includes the speaker in its referential range and *as pessoas* implies a speaker-exclusive reading.

It is argued that the emergence of these constructions is favored by pragmatic and morphosyntactic tendencies found in EP: avoidance of direct person reference and a preference for expressed subjects even in contexts permitting null subjects.

Keywords: European Portuguese, grammaticalization, impersonality, pronouns, person

References

- Posio, P. (2021). *Português Falado no Porto*. Unpublished sociolinguistic interview corpus.
- Fernández Juncal, Carmen (2005). *Corpus de habla culta de Salamanca*. Burgos: Instituto Castellano y Leonés de la Lengua.
- Martins, A. M. (coord.) (2000–). *CORDIAL-SIN: Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe / Syntax-oriented Corpus of Portuguese Dialects*. Lisbon: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Retrieved on February 10, 2021 from <http://www.clul.ulisboa.pt/en/10-research/314-cordial-s>
- Amaral, E., & Mihatsch, W. (2019). Incipient impersonal pronouns in colloquial Brazilian Portuguese. In P. Herbeck, B. Pöll & A. C. Wolfsgruber (Eds.), *Semantic and syntactic aspects of impersonality* (pp. 149–185). Hamburg: Buske.
- Posio, P. (2017). Entre lo impersonal y lo individual. Estrategias de impersonalización individualizadoras en el español y portugués europeos [Between impersonal and individual. Individuating strategies of impersonalization in European Spanish and European Portuguese]. *Spanish in Context*, 14(2), 209–229. DOI: <http://doi.org/10.1075/sic.14.2.03pos>
- Posio P., (2021) “A pessoa and uma pessoa: Grammaticalization and functions of a human impersonal referential device in European Portuguese”, *Journal of Portuguese Linguistics* 20(1), p.2. doi: <https://doi.org/10.5334/jpl.254>
- Siewierska, A., & Papastathi, M. (2011). Third person plurals in the languages of Europe: Typological and methodological issues. *Linguistics*, 43(2), 575–610.

A noção de padrão discursivo: caracterização diferencial de géneros de texto e perspectivas didáticas

Rute Rosa

CLUNL

Inscrevendo-se no âmbito da Linguística do Texto e privilegiando o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) (Bronckart, [1997]1999), esta proposta enquadra-se num trabalho de investigação desenvolvido no âmbito de um Doutoramento no qual se propôs um instrumento de análise de textos e de caracterização diferencial de géneros textuais: o padrão discursivo: ocorrência, articulação e configuração linguística dos tipos discursivos ao nível do plano de texto (Rosa, 2020). No ISD, assume-se que as atividades de linguagem que se materializam em textos são indissociáveis de géneros de texto. Neste sentido, é o conhecimento de diferentes géneros que permite comunicar de forma adequada em diferentes situações comunicativas (Rosa, 2020: 323). Conforme atestam os principais documentos curriculares de referência para o ensino de Português no Ensino Básico e Secundário, o domínio de diferentes géneros de texto é transversal a todo o percurso de ensino-aprendizagem da disciplina de Português. De acordo com Schneuwly e Dolz (2004), o recurso aos géneros de texto no âmbito do ensino possibilita o domínio do género, bem como o desenvolvimento de competências que ultrapassam o género, promovendo a apropriação das práticas comunicativas em uso em diferentes atividades sociais, constituindo, por isso, como sublinha Coutinho (2014), um “fator facilitador, tanto na perspectiva da produção como na da interpretação.”. Tendo em vista a didatização dos géneros textuais, foram desenvolvidos dois instrumentos de transposição didática: o modelo didático de género (MDG), que constitui um dispositivo teórico de carácter sintético que evidencia as dimensões ensináveis (ou parte delas) de um dado género, e a sequência didática de género (SDG), dispositivo prático constituído por módulos de ensino dedicados às diferentes dimensões do género em causa (Rosa, 2021).

Neste sentido, o objetivo desta comunicação é demonstrar a aplicabilidade do padrão discursivo no âmbito da didática, apresentando modelos didáticos dos géneros *texto publicitário* e *apreciação crítica*, sendo o primeiro destinado ao 3.º ciclo do Ensino Básico e o segundo ao Ensino Secundário. Para tal, num primeiro momento, apresenta-se uma análise textual descritiva, de carácter exploratório, de um *corpus* constituído por oito textos do português europeu, quatro exemplares de cada género. Em termos metodológicos, privilegiando uma análise descendente (Voloshinov, [1929]1977), contemplamos as atividades e os parâmetros do contexto de produção dos textos, seguindo-se a análise do padrão discursivo: plano de texto (configuração, seleção e organização dos conteúdos temáticos) e tipos discursivos (ocorrência, articulação e configuração linguística). Num segundo momento, apresentam-se os modelos didáticos dos géneros, nos quais consideramos duas dimensões – dimensão contextual e social e a dimensão composicional. Na primeira, destacamos os aspetos sociais e situacionais dos géneros passíveis de ser ensinados. Na segunda, consideramos o padrão discursivo.

Palavras-chave: Interacionismo Sociodiscursivo; géneros de texto; modelo didático; padrão discursivo.

Referências

- Bronckart, J-P. ([1997]1999). *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Anna Raquel Machado (Trad.). São Paulo: EDUC.
- Coutinho, M. A. (2014). Géneros de texto – Noção teórica e ferramenta didática. *Conferência, Formação de Professores de Português, Programa e Metas, Português, Ensino Secundário*, Ministério da Educação e Cultura.
http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Formacao/es_conf_generos_texto_ac.pdf
- Rosa, R. (2020). *A noção de padrão discursivo: textos e géneros em análise*. Tese de Doutoramento em Linguística, especialidade Texto e Discurso. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10362/97668>
- Rosa, R. (2021). *Os géneros de texto como instrumentos de aprendizagem da cidadania*. Dissertação de Mestrado em Ensino de Português no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa.
<http://hdl.handle.net/10362/130217>
- Schneuwly, B. & Dolz, J. (2004). *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução de G. S. Cordeiro e R. Rojo. Campinas: Mercado das Letras.
- Voloshinov, V. N. ([1929]1977). *Le marxisme et la philosophie du langage*. Paris: Minuit.

Depois da venda, a recompensa – o ato ilocutório de elogio em Livros de Elogios digitais do setor imobiliário

Solange Lima

No que diz respeito ao ato ilocutório expressivo de elogio em Português Língua Materna, escassos são os estudos que o definem e caracterizam (cf. Seara (1998), Almeida (2010, 2013) e Seara & Cabral (2017)). A diversidade de estratégias possíveis na enunciação de elogios dificulta o seu processo de categorização (Seara & Cabral, 2017: 327); sendo estes geralmente integrados no grupo de felicitações e congratulações (Seara, 1998: 420; Norrick, 1978: 286) ou numa categoria geral de atos valorizadores, nos quais, segundo Seara e Cabral (2017: 320), o comentário elogiativo inclui o ato de felicitar. Contudo, apesar de se reconhecerem as ténues fronteiras entre os atos expressivos já mencionados, neste estudo sublinha-se que o ato de elogio deve ser definido e categorizado como um ato de fala independente.

Não obstante, dada a sua complexidade de análise, considera-se que o ato de elogio deve ser igualmente observado segundo uma abordagem discursiva que o considera um *speech act set* (SAS), isto é, um ato de fala constituído por uma cadeia de unidades menores que, uma vez produzidas em conjunto, formam um ato de fala completo (Murphy & Neu, 1996: 214; V Válková, 2013: 44).

Como suporte teórico para esta investigação, consideram-se os contributos de Manes e Wolfson (1980), Holmes (1986) e Válková (2013) relativamente a definições e categorizações deste ato, assim como as noções de cortesia de Brown e Levinson (1987).

Deste modo, visando contribuir para uma descrição de estruturas do ato ilocutório de elogio em Português Língua Materna, a presente investigação pretende analisar as estruturas do ato de elogio em produções escritas por falantes do português europeu nos Livros de Elogios digitais de duas imobiliárias. O *corpus* em que se baseia este estudo é composto por 60 elogios de falantes do português (41 produzidos por mulheres e 19 produzidos por homens). Considerando o ato ilocutório de elogio inserido numa estrutura de *speech act set* (Válková, 2013), a presente análise pretende identificar as fórmulas semânticas mais utilizadas, em concomitância outros atos ilocutórios, assim como os suportes linguísticos mais frequentes num contexto comunicativo específico.

Os resultados apontam para o predomínio de enunciados extensos e segmentados por diferentes atos ilocutórios (congratulações, recomendações, agradecimentos, votos e saudações) em simultaneidade com o elogio. Desta forma, foi possível identificar uma estrutura prototípica que define a força ilocutória deste ato, constituída por cinco categorias que contêm (i) o elogio propriamente dito em conjunto com estratégias de (ii) iniciação, (iii) preparação, (iv) justificação e (v) reforço do elogio.

Palavras-chave: Pragmática; Atos Ilocutórios; Elogio.

Referências

- Almeida, C. (2010). "Se à sua imagem corresponder a beleza da sua voz, é fácil imaginar a razão pela qual não nos dá o sono nestas duas horas" (ouvinte do programa 'Boa Noite'): a co-construção do sentido em programas de rádio nocturno. In J.S. Ribeiro, O. Gonçalves & C. Pinto (Coord.). *Imagens da cultura - Actas do VI Seminário Imagens da Cultura | Cultura das Imagens*, pp. 122-130. Centro de Estudos das Migrações e Relações Internacionais - CEMRI - Universidade Aberta.
- Almeida, C. (2013). Contributos para o estudo da configuração dos rituais verbais de descortesia em programas de rádio portugueses. In F. Silva; I. Falé & I. Pereira. *Textos Seleccionados - XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, pp. 59-77. Coimbra, APL.
- Brown, P. & Levinson, S. C. (1987). *Politeness: Some Universals in Language Usage*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Holmes, J. (1986). Compliments and compliments responses in New Zealand English. *Anthropological Linguistics*, 28(4), pp. 485-508.
- Manes, J. & Wolfson, N. (1980). The compliment formula. In F. Coulmas (ed.). *Conversational Routine*. The Hague: Mouton.
- Murphy, B. & Neu, J. (1996). My grade's too low: The speech act set of complaining. In S. M. Gass & J. Neu (eds). *Speech Acts Across Cultures: Challenges to Communication in a Second Language*, pp. 191-216, Berlin: Mouton de Gruyter.
- Norrick, N. R. (1978). Expressive illocutionary acts. *Journal of Pragmatics*, 2(3), pp. 277-291.
- Seara, I. R. (1998). Formas de felicitação e congratulação: elementos para o seu estudo. *Actas do XIV Encontro Nacional da APL*, pp. 419-429.
- Seara, I. R., & Cabral, A. L. T. (2017). O comentário elogiativo nas redes sociais: estratégias de cortesia valorizadora. *Revista Da Associação Portuguesa De Linguística*, (3), pp. 311-332.
- Válková, S. (2013). Speech acts or speech act sets: apologies and compliments. *Linguistica Pragensia*, 23(2), pp. 44-57.

O poder simbólico da indelicadeza e a construção de identidades discursivas em interações virtuais

Marta Antão & Carla Aurélia Almeida

Universidade Aberta

A presente análise linguística inscreve-se no âmbito da Pragmática Sociocultural (PS), na confluência de pressupostos teóricos da Sociolinguística Interacional (SI) e da Pragmática Linguística (PL). Tendo como objeto de análise um *corpus* de interações verbais em Português Europeu que ocorrem no *comentário* da rede social do *Facebook*, são examinados os mecanismos linguístico-discursivos relativos à indelicadeza verbal e à configuração de identidades discursivas (Antaki & Widdicombe, 1998).

As produções discursivas em ambientes virtuais desafiam as noções tradicionais de *discurso* e *interação* e têm redefinido o conceito de *cultura* nas sociedades modernas. O estudo dos usos linguísticos nas redes sociais permite compreender as dinâmicas e as relações sociais que aqui se estabelecem, possibilitando o levantamento de regularidades discursivas desenvolvidas pelos seus utilizadores e a verificação do modo como a indelicadeza e o discurso do ódio (Wodak, 1996) são lexicalizados no contexto específico da comunicação *online*.

O presente estudo tem por base as estratégias discursivas (Gumperz, 1982) que configuram, por um lado, a credibilização das imagens do enunciador e, por outro lado, o modo como discursivamente se realiza o descrédito do alocutário visado. Com efeito, as sequências dialógicas tendem a formar discursivamente uma imagem de descrédito do Outro, assim como a reforçar a ideia de configuração de grupos sociais opostos, estando a argumentação baseada em dicotomias presentes em conflitos morais.

O suporte teórico da presente análise apoia-se na noção de *face* (Goffman, 1967) e nos estudos sobre as estratégias linguísticas de indelicadeza como os trabalhos de Culpeper (1986), Terkourafi (2008) e Mills (2003, 2007).

Consideraremos *o poder* na interação como uma rede de relações em constante transformação e procederemos à sua análise tendo por base a perspetiva de vários autores: para Mills (2003), a indelicadeza é uma forma de exercer o poder; Garcés-Conejos Blitvich (2014) relaciona o *poder*, a coconstrução de *identidade* e de *face* com a *delicadeza* e *indelicadeza*; por último, as noções de *campo*, *habitus* e *capital linguístico* de Pierre Bourdieu (1982; 1989) são igualmente consideradas na formação de qualquer classificação identitária e, conseqüentemente, na forma de exercer o poder simbólico através do uso da linguagem. Também a noção de *comunidade de prática* (Eckert & McConnell Ginet 1992), que, de acordo com Wenger (1998: 76), possibilita a interpretação das produções discursivas de cada locutor em função dos contextos de uso, permitir-nos-á a análise do *envolvimento conversacional* dos interlocutores que interagem *online*.

Palavras-chave: Indelicadeza, Interações verbais *Online*, Pragmática Sociocultural, Sociolinguística Interacional, Estratégias discursivas, Identidades discursivas.

Referências

- Antaki, C. & Widdicombe, S. (eds.) (1998a): *Identities in talk*. London: Sage
- Bourdieu, P. (1989) O Poder Simbólico. Trad. Fernando Tomaz. Edições 70, 2011.
- Bourdieu, P. (1982). ¿Qué significa hablar? Economía de los intercambios lingüísticos”, Ediciones Akal.
- Culpeper, J. (2011). *Impoliteness: Using Language to Cause Offence*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Eckert, P. & McConnell Ginet, S. (1992). Communities of practice: where language, gender and power all live. In K. Hall, M. Bucholtz & M. Birch (eds.), Proceedings of the 1992 Berkeley Women and Language Conference (pp. 89-99). Berkeley: Berkely Women and Language Group. <http://www.stanford.edu/~eckert/PDF/Communitiesof.pdf>
- Goffman, E. (1967). *Interaction Ritual: Essays on face-to-face behaviour*. New York: Pantheon Books.
- Gumperz, J. J. (1982). *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Mills, S. (2003). *Gender and politeness*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Spencer-Oatey, H. and Franklin, P. (2009). *Intercultural Interaction: A Multidisciplinary Approach to Intercultural Communication*. Palgrave Macmillan. <http://dx.doi.org/10.1057/9780230244511>
- Terkourafi, M. (2008). Towards a unified theory of politeness, impoliteness, and rudeness. In D. Bousfield & M. Locher (eds) *Impoliteness in language: studies on its interplay with power in theory and practice* (pp. 45-74). Berlin, New York: Mouton de Gruyter.
- Wenger, E.C. (1998). *Communities of Practice: Learning, Meaning, and Identity*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Wodak, Ruth. (1996) *Disorders of Discourse*. London Longman.

A aquisição da assimilação de vozeamento da fricativa em coda no português por aprendentes chineses: resultados preliminares

Xinyan Wang¹, Adelina Castelo^{2,3} & Chao Zhou^{1,3}

¹ Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

² Universidade Aberta

³ Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

No sistema fonológico do português europeu (PE), regista-se um processo de assimilação de vozeamento da consoante fricativa em coda silábica, sendo esta produzida como [ʒ] antes de consoante vozeada e como [ʃ] antes de consoante não vozeada – cf. Mateus e Andrade (2000). Já há estudos sobre a aquisição segmental das fricativas entre os falantes nativos de chinês mandarim (CM) que aprendem português como língua segunda (L2) (e.g. Ci, 2021). Contudo, até onde sabemos, não existe qualquer estudo sobre a aquisição deste processo de assimilação do PE entre os falantes nativos de CM, pelo que a avaliação da aplicação do processo na produção destes aprendentes pode contribuir para uma melhor compreensão da sua aquisição fonológica do PE e para a reflexão sobre diferentes modelos de aquisição da fonologia de uma L2 (e.g. Flege, 1995; Escudero & Boersma 2004; Best & Tyler, 2007).

Assim sendo, o presente trabalho visa observar a especificação do vozeamento da consoante fricativa em posição de coda, na fala controlada produzida por falantes nativos de CM que são aprendentes de PE. Para o efeito, foi desenhada uma tarefa de leitura em voz alta de 40 pseudopalavras e de 20 pseudopalavras-distratoras. Todas as pseudopalavras consistiram em dissílabos paroxítonos com o formato CVC_{fricativa}.CV, havendo cinco grupos de 8 pseudopalavras cada, de acordo com o modo de articulação da consoante da segunda sílaba: fricativa não vozeada, fricativa vozeada, oclusiva oral não vozeada, oclusiva oral vozeada, oclusiva nasal (vozeada). A lista das pseudopalavras foi apresentada aos participantes que as deveriam ler integradas na frase-veículo “Digo XX novamente.”, sendo estas produções gravadas no próprio telemóvel do participante. Ao todo, foram recolhidas as produções de dez falantes nativos de PE e de trinta aprendentes chineses de PE.

Os resultados dos falantes nativos revelam uma aplicação sistemática do processo (99.75%). Pelo contrário, nos aprendentes de português como L2 é visível o predomínio de produções da fricativa não vozeada, mesmo quando em adjacência a uma consoante vozeada (9.91% de produções vozeadas; 90.09% de produções não vozeadas): muitos aprendentes usam quase exclusivamente a fricativa não vozeada em todos os contextos e alguns tendem a empregar a vozeada apenas antes de consoante nasal (11.67%) (e não antes de oclusiva oral ou fricativa vozeadas). Após uma apresentação detalhada dos resultados obtidos, são analisadas as implicações destes resultados tanto em termos de aquisição fonológica como de questões didáticas.

Palavras-chave: aquisição de português língua segunda; consoantes; processo fonológico; especificação do vozeamento da fricativa em coda; produção; aprendentes chineses

Referências

- Best, C. T., & Tyler, M. D. (2007). Nonnative and second-language speech perception: Commonalities and complementarities. In O.-S. Bohn & M. J. Munro (Eds.), *Language Experience in Second Language Speech Learning: In honor of James Emil Flege* (pp. 13–34). John Benjamins Publishing Company. doi.org/10.1075/llt.17.07bes
- Ci, Y. (2021). *Percepção das Consoantes Fricativas do Português Língua Segunda por Aprendentes Chineses*. Dissertação de mestrado, Universidade do Minho.
- Escudero, P., & Boersma, P. (2004). Bridging the gap between L2 speech perception research and phonological theory. *Studies in Second Language Acquisition*, 26(4), 551–585. doi.org/10.1017/S0272263104040021
- Flege, J. E. (1995). Second-language Speech Learning: Theory, Findings, and Problems. In W. Strange (Ed.), *Speech Perception and Linguistic Experience: Issues in Cross-language research* (pp. 229-273). York Press.
- Mateus, M. H. M., & Andrade, E. (2000). *The Phonology of Portuguese*. Oxford University Press.

A aquisição da lateral alveolar por crianças portuguesas com alterações fonológicas

Jéssica Gomes, Ana Margarida Ramalho & Maria João Freitas

Faculdade de Letras, Centro de Linguística, Universidade de Lisboa

A lateral alveolar é um segmento complexo tanto na perspetiva fonética (Andrade 1999; Marques 2010; Monteiro 2012; Rodrigues 2015; Recasens 2012) como fonológica (Ladefoged & Maddieson 1996; Mateus & d' Andrade 2000; Amorim & Veloso 2021; Freitas *et al.* 2022; Matzenauer & Freitas *no prelo*). Nos estudos sobre a aquisição fonológica típica, /l/ é descrito como um segmento problemático, vindo a estabilizar cada vez mais tardiamente no sistema fonológico das crianças portuguesas (Freitas 1997; Costa 2010; Mendes *et al.* 2013; Amorim 2014; Guimarães *et al.* 2014; Ramalho 2017; Freitas *et al.* 2022). Em contexto de intervenção clínica, o segmento é também referido por terapeutas da fala portugueses como de difícil generalização (Reis 2021). Todavia, não existem dados de referência no Português Europeu (PE) sobre como /l/ é adquirido pelas crianças com alterações fonológicas.

A presente proposta de comunicação tem como objetivos principais: (i) analisar o processo de aquisição fonológica de /l/ com base em dados de produção infantil de crianças portuguesas com Perturbações do Desenvolvimento da Linguagem (PDL) e com Perturbações dos Sons da Fala (PSF), extraídos do *corpus* PhonoDis, explorando potenciais diferenças entre os dois grupos clínicos; (ii) explorar, confrontando com os dados existentes na literatura para o desenvolvimento típico (DT), a possibilidade de /l/ constituir um marcador clínico de desenvolvimento atípico (DA) no PE; (iii) refletir, à luz da teoria fonológica e de dados de aquisição, sobre as várias propostas teóricas para a representação fonológica da lateral alveolar neste sistema.

Em PE, /l/ é tradicionalmente descrito como exibindo duas variantes alofónicas, o alofone com ponto de articulação principal alveolar ([l]), que ocorre em Ataque simples (AS) e ramificado (AR), e o alofone com ponto de articulação secundário, de tipo velar, em Coda (Cd) ([ɫ]) (Mateus & Andrade 2000). Esta visão dicotómica da variação alofónica em PE tem sido questionada pelos estudos acústicos e articulatórios, que relatam velarização nas diferentes posições silábicas, embora mais acentuada em Cd (Andrade 1999; Marques 2010; Monteiro 2012; Martins 2014; Rodrigues 2015). Numa perspetiva fonológica, várias propostas para a representação da lateral alveolar em PE, com base em modelos de traços distintivos, têm vindo a ser apresentadas (cf. Tabela 1).

Os resultados apresentados foram extraídos do *corpus* PhonoDis (Freitas *et al.* 2019), tendo sido analisados, no total, produções de 8 crianças com PDL e 7 crianças com PSF, falantes monolíngues de PE, com idades entre os 3;02 e os 8;03 anos, provenientes dos distritos de Aveiro, Évora, Leiria, Santarém. O *corpus*, de natureza experimental transversal, integra produções obtidas através da aplicação de um teste de nomeação de palavras, o *Crosslinguistic Child Phonology Project – Português Europeu* (CLCP-PE) (Ramalho *et al.* 2014; Ramalho 2017). O teste tem na base o modelo da fonologia não-linear, sendo os estímulos nele incluídos controlados em função de aspetos fonológicos inerentes à distribuição prosódica dos segmentos do inventário do PE. O CLCP-PE integra 48 alvos lexicais com /l/, tendo sido contabilizado um total de 598 *tokens* para análise (324 em AS (PDL=177; PSF=147); 165 em Cd (PDL=90; PSF=75); 109 em AR (PDL=59; PSF=50)).

Assumindo o quadro teórico da fonologia não-linear, centramo-nos na interface *segmento-sílaba*, trabalhando com a variável *constituente silábica*. Foi realizada uma análise estatística descritiva e inferencial paramétrica.

Taxas de sucesso globais para os dados das crianças com alterações fonológicas, tanto com PDL como com PSF, permitiram identificar a ordem de aquisição: *AS* >> *Cd* >> *AR*. Para ambas as amostras, *AR* e *Cd* são as estruturas mais complexas, com taxas de acerto inferiores a 35% (cf. gráfico 1). Sublinha-se a ligeira assimetria registada no comportamento verbal dos dois grupos clínicos, com PDL a registar taxas de acerto superiores às de PSF (cf. tabela 2 e gráfico 1). Estes resultados argumentam, uma vez mais, a favor da eficácia da fonologia não-linear na avaliação fonológica atípica, amplamente reportada na literatura (Lousada 2012; Ramalho *et al.* 2017; Catarino 2019; Aguilar-Mediavilla & Serra-Raventós 2006; Tamburelli & Jones 2013; Ferré *et al.* 2015; Almeida *et al.* 2019).

Conforme apresentado na tabela 4, a preferência pela variante [w] e a residual frequência de variantes oclusivas, tanto orais como nasais, para o alvo /l/ parecem indiciar o processamento da lateral alveolar como [+contínuo], tal como observado para o DT em Freitas *et al.* (2022) (a favor de Mateus (1975) e Mateus & d'Andrade 2000 e contra Andrade (1977) e Amorim & Veloso (2021)). Por outro lado, o uso de [w] e a aquisição tardia de /l/, também observado no DT, argumentam a favor da integração do traço [+aproximante] na representação fonológica da lateral alveolar em PE, que substitui [+lateral] na proposta de Amorim & Veloso (2021). Por fim, o registo residual de [r] para alvos com /l/, tanto no DT como no DA, permite questionar o processamento de /l/ e de /r/ como membros de uma mesma classe natural das líquidas.

O confronto dos dados do DA com os do DT (Ramalho 2017; cf. gráfico 1 e 2) permite observar contrastes entre os desempenhos linguísticos dos dois grupos no que diz respeito às estruturas estudadas, fornecendo, assim, evidência empírica para a hipótese de /l/ em posições silábicas ramificadas ser um forte candidato a marcador clínico em PE.

Palavras-chave: Aquisição fonológica; português europeu; desenvolvimento atípico; lateral alveolar

Anexos:

	Mateus (1975)	d'Andrade (1977)	Mateus & d'Andrade (2000)	Amorim & Veloso (2021)
[consonântico]	+	+	+	+
[soante]	+	+	+	+
[contínuo]	+	-	+	-
[lateral]	+		+	
[aproximante]				+

Tabela 1- Representação de /l/ em PE

	PDL		PSF	
	A/C	M(DP)	A/C	M (DP)
[l] AS	79/177	44,63% (46,64)	58/147	39,73% (44,78)
[ʔ] Cd	28/90	31,11% (46,3)	5/75	6,67% (24,94)
[l] AR	11/59	18,97% (47,35)	3/50	6,12% (42,33)

Tabela 2 - Resultados comparativos entre PDL e PSF da análise estatística de /l/, por constituinte silábico

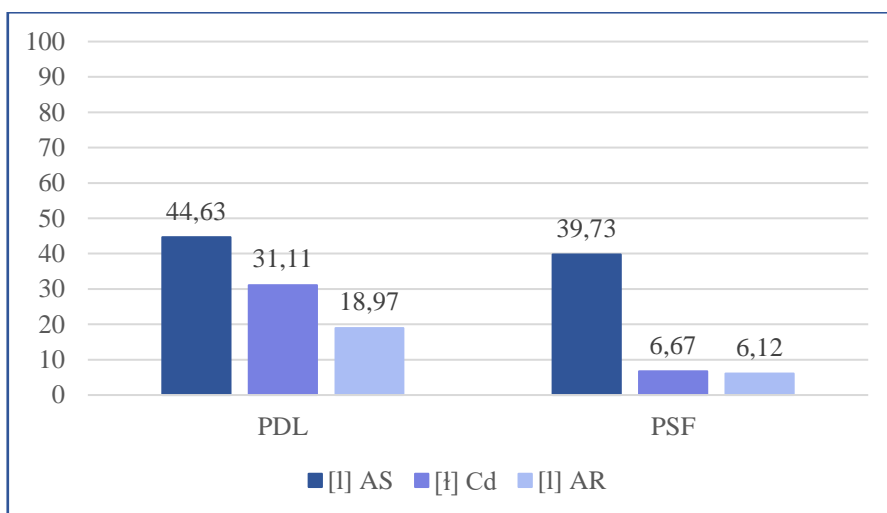


Gráfico 1 - Taxas de acerto para /l/, por grupo clínico e por constituinte silábico

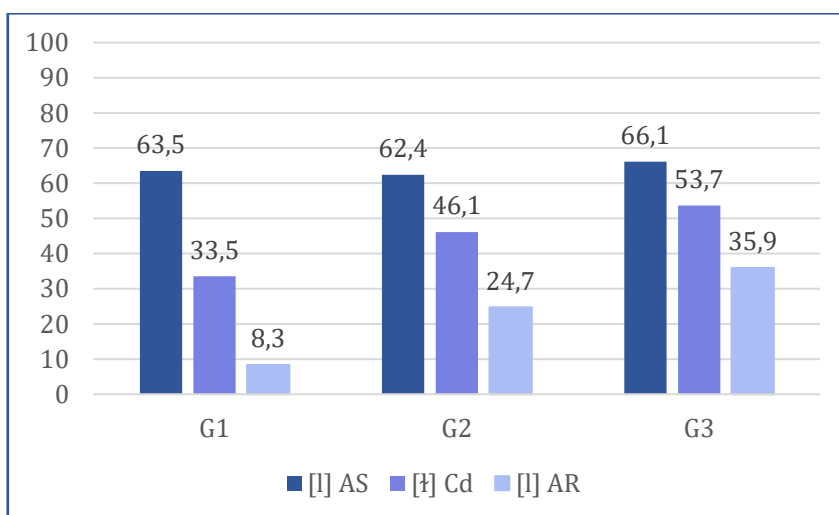


Gráfico 2 - Taxas de acerto para /l/ de desenvolvimento típico, por constituinte silábico (fonte: Ramalho 2017)

	PDL			PSF		
	produção	n	%	produção	n	%
[l] AS	[w]	70	43,5	[w]	130	59,1
	[∅]	48	29,8	[∅]	49	22,3
	[u]	13	8,1	[u]	19	8,6
[t] Cd	[w]	37	58,7	[w]	41	48,8
	[u]	8	12,7	∅	25	29,8
	∅	8	12,7	[u]	10	11,9
[l] AR	CV[l]	34	35,8	C ₁ ∅	48	31,2
	C ₁ ∅	29	30,5	CV[l]	42	27,3
	[w]	14	14,7	[w]	32	20,8
	v	8	8,4	v	13	8,4

Tabela 3 – Estratégias de reconstrução mais representadas por grupo clínico (*corpus* PhonoDis)

Referências

- Almeida, L., Ferré, S., Barthez, M., dos Santos, C. (2019). What do monolingual and bilingual children with and without SLI produce when phonology is too complex?. *First Language* 39 (2). 158–176. DOI: <https://doi.org/10.1177/0142723718805665>.
- Amorim, C. (2014). *Padrão de aquisição de contrastes do PE: a interação entre traços, segmentos e sílabas*. Tese de Doutoramento em Linguística — Faculdade de Letras, Universidade do Porto.
- Amorim, C. & Veloso, J. (2021). Laterais do Português Europeu Contemporâneo: estruturação interna, robustez de traços e dados de aquisição. *Revista Da Associação Portuguesa De Linguística*, v. 8, p. 1-9, out. <https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln8ano2021a1>
- Andrade, A. (1999). On /l/ velarization in European Portuguese. *Proceedings of 14th International Congress of Phonetic Sciences*. 543–546.
- d’Andrade, E. (1997). *Aspects de la phonologie (générative) du Portugais*. Lisboa: INIC, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- Carter, P. (2003). Extrinsic phonetic interpretation: spectral variation in English liquids. In J. Local, R. Ogden, R. Temple (Eds.). *Phonetic Interpretation: Papers in Laboratory Phonology VI*. Cambridge: Cambridge University Press. 237–236.
- Catarino, I., Almeida, L., dos Santos, C., Freitas, M. (2021). Sobre o impacto da constituição silábica na repetição de pseudopalavras: dados preliminares do desenvolvimento típico para a validação do LITMUS-QU-NWR-EP. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, (8). 87-104.
- Catarino, I. (2019). *Produção de Ataques ramificados em contexto de repetição de pseudopalavras: contributo sobre o desenvolvimento fonológico típico e atípico*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa. <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/41428>.

- Costa, T. (2010). *The Acquisition of the Consonantal System in European Portuguese: Focus on Place and Manner Features*. Tese de Doutoramento em Linguística — Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Freitas, M. J., Ramalho, A. M., Gomes, J. (2022). Um [‘wapi] / uma [bisi’kwete] e uma [fi’lor] de [pesti’sine]: Dados sobre a aquisição da lateral alveolar por crianças portuguesas com desenvolvimento típico. *Letrônica*, 15 (4). DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2022.1.42741>.
- Freitas, M. J., Ramalho, A. M., Lousada, M., Oliveira, P., Pereira, R. (2019). *PhonoDis*. <https://phonbank.talkbank.org/access/Clinical/PhonoDis.htmlFreitas>.
- Freitas, M. J. (1997). *Aquisição da Estrutura Silábica em Português Europeu*. Tese de Doutoramento em Linguística. Faculdade de Letras, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Guimarães, I., Birrento, C., Figueiredo, C., Flores, C. (2014). *Teste de Articulação Verbal*. Lisboa: Oficina Didática.
- Ladefoged, P., Maddieson, I. (1996). *The Sounds of the World’s Languages*. Oxford: Blackwell.
- Lousada, M. (2012). *Alterações Fonológicas Em Crianças Com Perturbação De Linguagem*. Tese de Doutoramento em Ciências e Tecnologias da Saúde. Universidade de Aveiro. <https://ria.ua.pt/handle/10773/7617>.
- Marques, I. (2010). *Variação Fonética da Lateral Alveolar no Português Europeu*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Fala e da Audição. Universidade de Aveiro, Aveiro. <https://ria.ua.pt/handle/10773/3949>.
- Martins, P. (2014). *Ressonância magnética em estudos de produção de fala*. Tese de Doutoramento em Ciências e Tecnologias da Saúde. Universidade de Aveiro, Aveiro. <https://ria.ua.pt/handle/10773/13258>.
- Mateus, M.H.M., Falé, I., Freitas, M.J. (2005). *Fonética e Fonologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Mateus, M. H. M. & d’ Andrade, E. (2000). *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.
- Mateus, M. H. (1975). *Aspetos da Fonologia Portuguesa*. Lisboa: INIC.
- Matzenauer, C., Freitas, M. J. (submetido). A aquisição de assimetria na gramática fonológica do português: o exemplo da líquida lateral /l/.
- Mendes, A., Afonso, E., Lousada, M. & Andrade, F. (2013). *Teste Fonético-Fonológico ALPE*. Aveiro: Designeed, Lda.
- Monteiro
- Ramalho, A. M. (2017). *Aquisição fonológica na criança: tradução e adaptação de um instrumento de avaliação interlinguístico para o português europeu*. Tese de Doutoramento em Linguística. Évora: Universidade Évora.
- Ramalho, A. M., Lazzarotto-Volcão, C., Freitas, M.J. (2017). Contributo para a identificação de marcadores clínicos em contexto de perturbação fonológica: dados das líquidas em português europeu. *Matraga - Revista Do Programa de Pós-Graduação Em Letras Da UERJ*, 24(41). DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/matraga.2017.28714>.

- Ramalho, A. M., Almeida, L., Freitas, M.J. (2014). CLCP-PE (Avaliação Fonológica da Criança: Crosslinguistic Child Phonology Project – Português Europeu). Portuguese registration number: IGAC: 67/2014. Disponível em: <https://www.clul.ulisboa.pt/recurso/crosslinguistic-child-phonology-project-portugues-europeu>
- Recasens, D. (2012). A cross-language acoustic study of initial and final allophones of /l/. *Speech Communication*, 54(3). 368–383. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.specom.2011.10.001>.
- Reis, J. (2021) *Dificuldades na produção da lateral alveolar do português europeu: a percepção dos terapeutas da fala*. Dissertação de Mestrado em Terapia da Fala. Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Rodrigues, S. (2015). *Caraterização acústica das consoantes líquidas do Português Europeu*. Tese de Doutoramento em Linguística. Tese de Doutoramento em Linguística. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa. <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/22241>.
- Yavas, M., Hernandorena, C., Lamprecht, R. (1991). *Avaliação fonológica da criança*. Porto Alegre: Artmed editora.

Aquisição das vogais médias do português na China: alguns dados sobre a percepção

Adelina Castelo^{1,2}, Chao Zhou^{3,2} & Clara Amorim^{4,5}

¹ Universidade Aberta, ² Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

³ Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

⁴ Centro de Linguística da Universidade do Porto, ⁵ Instituto Politécnico de Viana do Castelo

Trabalhos anteriores revelam que, ao adquirir o Português Europeu (PE) como língua não-materna (L2), aprendentes com o chinês mandarim (CM) como língua materna (L1) e um nível de proficiência no PE tanto elementar (Castelo & Freitas, 2019) como mais avançado (Duan, 2021) neutralizam a distinção entre /e/ e /ɛ/ para a vogal baixa na sua produção em Português L2. Dado que os principais modelos de aquisição fonológica em L2 (Flege, 1995; Escudero & Boersma, 2004; Best & Tyler, 2007) assumem um vínculo estreito entre a percepção e a produção da fala em L2, é possível atribuir a dificuldade de produção observada a uma percepção incorreta: as duas vogais-alvo da L2 são perceptivamente assimiladas a uma única categoria da L1.

Neste trabalho, testámos explicitamente esta hipótese baseada na percepção, avaliando como os aprendentes falantes nativos de CM categorizam perceptivamente as vogais-alvo /e/ e /ɛ/ do PE. Setenta aprendentes falantes nativos de CM realizaram uma tarefa de identificação de escolha forçada. Os estímulos da tarefa foram 36 pseudopalavras dissilábicas paroxítonas com consoantes oclusivas ou fricativas e vogais-alvo sempre em posição tónica (12 itens CVCV × 3 falantes). Cada estímulo foi produzido por três falantes nativos do português de Lisboa e validado perceptivamente por outras cinco falantes nativas da mesma variedade.

Os participantes incluíram professores e alunos de licenciaturas de Português em universidades chinesas e, portanto, apresentaram diferentes níveis de proficiência na L2, que foram medidos pelo LextPT (Zhou & Li, 2021). A recolha de dados foi feita a distância, com os participantes a realizarem as tarefas numa plataforma de e-learning, usando o seu dispositivo digital e auscultadores.

Os resultados perceptivos mostram que os aprendentes com o CM como L1 não conseguem distinguir as duas vogais do PE, tal como mostrado na Figura 1. Em total contraste com os resultados de estudos de produção anteriores (Castelo & Freitas, 2019; Duan, 2021), onde a distinção vocálica é de alguma forma preservada (caso contrário, a confusão também teria sido bidirecional), os resultados atuais sugerem que as duas modalidades de fala podem não se desenvolver em conjunto na aprendizagem da fala em L2. Além disso, uma regressão logística de efeitos mistos não encontra qualquer efeito da proficiência em L2 no desempenho perceptivo dos alunos. Portanto, nenhuma evidência indica que a dificuldade perceptiva observada será mitigada com um aumento na proficiência em PE como L2.

Palavras-chave: aquisição de português língua não materna; aprendentes chineses; vogais tónicas; percepção e produção

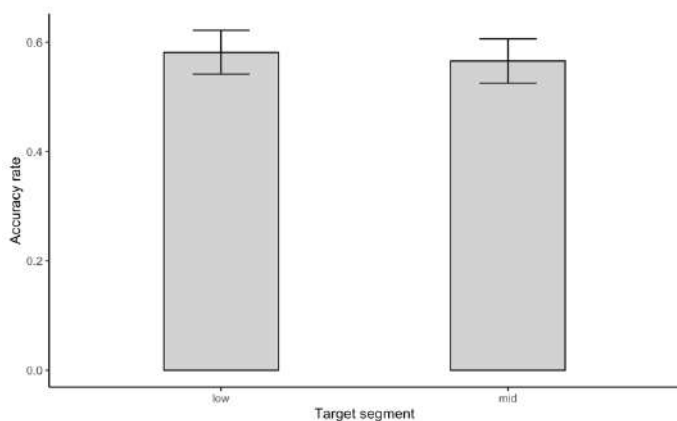


Figura 1 – Correção na identificação perceptiva em função da vogal-alvo

Referências

- Best, C. T., & Tyler, M. D. (2007). Nonnative and second-language speech perception: Commonalities and complementarities. In O.-S. Bohn & M. J. Munro (Eds.), *Language Experience in Second Language Speech Learning: In honor of James Emil Flege* (pp. 13–34). John Benjamins Publishing Company. doi.org/10.1075/llt.17.07bes
- Castelo, A., & Freitas, M. J. (2019). Produção de vogais orais tónicas do PLE por falantes nativos de chinês mandarim. *Orientes do Português*, 1, 47–58.
- Duan, H. (2021). *Aquisição da altura em vogais orais tónicas por falantes chineses aprendentes do português europeu como língua segunda*. MA thesis, Lisbon University.
- Escudero, P., & Boersma, P. (2004). Bridging the gap between L2 speech perception research and phonological theory. *Studies in Second Language Acquisition*, 26(4), 551–585. doi.org/10.1017/S0272263104040021
- Flege, J. E. (1995). Second-language Speech Learning: Theory, Findings, and Problems. In W. Strange (Ed.), *Speech Perception and Linguistic Experience: Issues in Cross-language research* (pp. 229-273). York Press.
- Zhou, C. & Li, X. (2021). LextPT: A reliable and efficient vocabulary size test for L2 Portuguese proficiency. *Behavior Research Methods*, 54, 2625–2639.

Concordância em sujeitos disjuntos em PE e PB: um estudo psicolinguístico

Catarina Varela Silva¹, Vitor Pellissari Zardo¹, Juliana Gomes¹ & Pilar Barbosa²

¹ Faculdade de Letras da Universidade do Porto

² Universidade do Minho

Uma expressão correlativa disjuntiva é, como o nome diz, qualquer expressão que apresente uma disjunção lógica, portanto, pode apresentar mais do que uma possibilidade de interpretação lógica (ex.: *A Maria **ou** o João vão à praia*) ou apresentar uma conjunção que possui mais de uma parte (ex.: ***Ou** a Maria **ou** o João vão à praia*). Em ambos os exemplos já dados, pode-se perceber a questão central desta pesquisa: a concordância do verbo conjugado com o sujeito que apresenta uma disjunção correlativa. Deve o verbo concordar com uma só das opções, uma vez que tecnicamente apenas uma delas pode ser o sujeito do verbo, ou deve o verbo concordar com ambas? As gramáticas da língua portuguesa costumam associar tais construções às formas do plural dos verbos (*Ou o Pedro ou o João **têm** de sair*, *apud* Mateus et al (2003)), no entanto, algumas orações parecem causar dúvidas nos falantes de quaisquer variedades da língua (*?Ou tu ou o Pedro **têm** de sair*, *idem*). Pode-se opor este fato ao inglês, cujos falantes parecem preferir concordar o verbo com o elemento que está mais próximo, o que se chama *agreement with nearest disjunction* (AND) (*Neither the owners nor the contractor **agrees***, *apud* Zwicky (2009)). No entanto, de acordo com Mateus et al (2003), existe uma exceção à regra, visto que “a concordância verbal pode realizar-se no singular, se os dois sintagmas forem da mesma pessoa gramatical”. Há poucas pesquisas experimentais sobre a concordância sujeito-verbo em construções disjuntivas com conjunções coordenativas, especialmente tendo como objeto de estudo a língua portuguesa (Mattos, 2023).

O objetivo deste Programa de Pesquisa é, portanto, investigar o reconhecimento e o processamento da concordância em sujeitos disjuntivos em português europeu e português brasileiro. Procuramos contribuir para a literatura teórico-experimental, através do estudo de construções com sujeitos disjuntivos associados às formas do plural dos verbos (ex.: *Ou o João ou a Maria vão à praia*), em comparação com os sujeitos disjuntivos com formas do singular (ex.: *Ou o João ou a Maria vai à praia*). Para tal, utilizamos medidas experimentais comportamentais (escolhas/tempos de escolhas) e de processamento (tempos de leitura e reação e, rastreamento ocular).

Num primeiro momento, reportamos resultados do estudo *off-line* de *forced choice* ou *escolha forçada*, através do qual são apresentadas duas frases ao sujeito leitor, por exemplo, *Ou ele ou ela **vão** fazer o trabalho* e *Ou ele ou ela **vai** fazer o trabalho*. O participante lê as frases e tem de escolher uma das opções. Deste modo, é possível percebermos qual a escolha forçada que o falante faz quando deparado com duas estruturas opostas, sendo possível obter e analisar a opção dos participantes e o tempo de escolha. Assim, serão apresentados pares de frases gerados através das combinações de pronomes diferentes nos eixos X e Y da tabela abaixo:

	Eu	Tu/Você	Ele/Ela	Nós	Vós/Vocês	Eles/Elas
Eu	-----		vamos; vai; vou			
Tu/Vocês		-----				
Ele/Ela			-----			
Nós				-----		
Vós/Vocês					-----	
Eles/Elas						-----

Deste modo poderemos perceber qual estrutura - a concordância com formas do plural ou singular perante sujeitos disjuntivos - é aceite pelo falante.

Num segundo momento, utilizamos o método *on-line* de *selfpaced reading (SPR)* ou *leitura automonitorada*, através do qual os tempos de leitura dos segmentos das frases experimentais nos dão pistas sobre o processamento das frases. Neste método, cabe ao participante ler frases segmentadas - segmento a segmento, controlando ele próprio o tempo de leitura de cada parte ao clicar num botão. Deste modo, ao ler uma frase, como *Ou nós / ou eles / vai / à praia* de maneira segmentada (SPR), poderemos relacionar os tempos de leitura com o custo de processamento. Por exemplo, tempos mais longos no segmento verbal podem indicar a presença de estruturas que são agramaticais para o participante, e vice-versa, visto que a “estranheza” perante uma determinada estrutura pode refletir uma possível dificuldade no processamento.

Os resultados esperados são, principalmente, na diferença de preferência quando se tem tais expressões em posição pós-verbal (*Vamos/vou/vai ou eu ou o João*) e em posição pré-verbal (*Ou eu ou o João vamos/vou/vai*). Verificaremos como se dará esta diferença entre os falantes testados em ambas as variedades, PE e PB, nas combinações de pronomes diferentes nos eixos X e Y da tabela acima, testando-os nas duas posições do sujeito.

Palavras-chave: disjunção, concordância, psicolinguística, português europeu, português brasileiro

Referências

Mateus, M. H. et al. (2003). *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho

Matos, G. Verbal agreement with preverbal disjunctive coordination in European Portuguese. Presented at OUR ID Conference, Lisbon, 2023.

Zwicky, Arnold (June 20, 2008). "Today's little amuse-bouche". *Language Log*. Retrieved July 6, 2009)

Differentiating Brazilian and European Portuguese Multiword Adverbs

Izabela Müller^{1,3}, Nuno Mamede^{2,3}, Jorge Baptista^{1,3}

¹ Universidade do Algarve, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Faro, Portugal

² Universidade de Lisboa, Instituto Superior Técnico, Lisboa, Portugal

³ INESC-ID Lisboa - Human Language Technology Lab, Lisboa, Portugal

This paper investigates the boundaries of adverbial multiword expressions in the European (EP) and Brazilian Portuguese (BP) varieties. This work is part of our ongoing investigation on identifying, collecting, and providing a syntactic-semantic description of multiword adverbs in (Brazilian) Portuguese, based on similar studies for European Portuguese, French, and Spanish (Palma, 2009; Laporte, 2008a, 2008b, 2018; Català *et al.*, 2020). We adopt the formal, syntactic-semantic classification proposed by (Molinier & Levrier, 2000), based on the theoretical-methodological framework of the Lexicon-Grammar (Gross, 1996). The main purpose is to verify the frequency and distribution of the expressions in large-sized *corpora*, namely ptTenTen18, from Sketch Engine¹.

We also aim to analyze ambiguity and whether the expressions are *faux amis* (false friends) between the two varieties (*à francesa* ‘in French style’: BP/EP: *sair, despedir-se* ~ ‘leave/say goodbye discreetly’; BP/*EP: *cortar (pizza)* ~ ‘cut the pizza in small squares, finger-food style’; *servir (jantar)* ~: ‘particular way of serving dinner’). Finally, we seek to establish the distribution of the variety-specific lexicon (European and Brazilian), taking into account the minute variations found for each expression in each variety.

The identification of Portuguese multiword adverbs in texts, such as *de fininho* ‘sneakily’, or *em plena luz do dia* ‘in broad daylight’, is an important part of determining the meaning units forming a text. Multiword adverbs or compound adverbs (a.k.a. *locuções adverbiais* ‘adverbial locutions’ in Portuguese grammatical terminology; (Bechara, 1999; Costa, 2008), are often *idiomatic*, i.e., non-compositional in meaning, and present several internal *combinatorial constraints* (M. Gross 1982, 1986a, 1986b; Guimier, 1996; self-reference). They present limited (or no) lexical variation and strong restrictions regarding their elements’ substitution, insertion, deletion, or transposition. For example, in the expression *no fim das contas* lit.: ‘after the end of the accounting’ ‘after all’, we note that: (i) it is not possible to substitute an element for a synonym or a hyponym: **no fim das somas/dos cálculos* ‘after all sums/calculations’; (ii) nor is it possible to permute the nominal elements: **nas contas do fim* ‘all after’. However, we observe that (iii) restrictions regarding the insertions of determiners and/or modifiers may vary, and several different, though equivalent, expressions can be found: *ao fim das contas, ao fim de contas, por fim de contas, no fim de contas* ‘after all’. We also observed (iv) that different restrictions regarding the number of the last element may apply: *afinal de conta/contas*. Table 1 shows the breakdown of the variants of these adverbial expressions and their distribution across the two corpora (by normalized frequency). When we examine the behavior of these expressions across the two varieties, we notice that *afinal de contas* is the most frequent in both EP and BP, followed by *no*

¹ <https://app.sketchengine.eu/> [last access: 13/04/2013].

fim das contas in BP and *no fim de contas* in EP. In some cases, there seems to be some asymmetry between the two varieties: some variants only exist in BP and or are rare in EP. As shown in this case, a detailed description applies to the remaining compound adverbs that also show some variation of their lexical elements.

In this paper, we contrast the frequency of a sample of +300 of the most frequently occurring, multiword adverbial expressions and their variants, taken from the lexicon-grammar of compound adverbs of Portuguese (self-reference). This database currently contains 3,300 lexical entries. We compare the distribution of this sample across the European Portuguese and Brazilian partitions of the ptTenTen corpus (Kilgarriff *et al.* 2014), more specifically, the ptTenTen18 corpus (Wagner *et al.* 2018)², taking into consideration the variation each expression may present, in order to have a detailed picture of the use of each adverb (and its variants) in each language variety.

The main findings correspond to cases of lexical and/or grammatical variation, reduction of elements, and some cases of false friends. Some examples of the variations include *por amor à camisa* (PB) *por amor à camisola* (PE), *a mil por hora* (PB) *a mil à hora* (PE), *de hora em hora* (PB) *de hora a hora* (PE). In this large-sized corpus (over 5 billion words), many expressions can be found simultaneously in both varieties, though several, often unexpected, asymmetries were detected. This information is deemed relevant for several applications, namely, for a more detailed lexicographic description of adverbs, with an indication of the frequency of use; in natural language processing, this data could be used to represent in a more precise way the meaning of adverbial idioms in texts and to enhance the automatic detection of language variety.

Keywords: Brazilian Portuguese, European, Portuguese, compound adverbs, multiword expressions, lexicon-grammar

References

- Bechara, E. (1999). *Moderna gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- Català, D., Baptista, J., Palma, C. (2020): Problèmes formels concernant la traduction des adverbos composés (espagnol/portugais). *Langue(s) & Parole* 5, pp. 67–82. https://ddd.uab.cat/pub/languesparole/languesparole_a2020n5/languesparole_a2020n5p67.pdf
- Costa, J. (2008). *O advérbio em português europeu*. Lisboa: Edições Colibri.
- Gross, M. (1982). Une classification des phrases figées du français. *Revue québécoise de linguistique* 11:2, pp. 151-185. Montreal: Presses de l'Université du Québec à Montréal.
- Gross, M. (1986a). *Grammaire transformationnelle du français: 3 - Syntaxe de l'adverbe*. Paris: ASSTRIL.
- Gross, M. (1986b). Lexicon-Grammar. The representation of compound words. In Proceedings of the 11th International Conference on Computational Linguistics, COLING'86, Bonn, West Germany, pp. 1-6. <https://aclanthology.org/C86-1001.pdf>
- Gross, M. (1996). Lexicon-grammar. In: Brown, K., & Miller, J. (eds.) *Concise Encyclopedia of Syntactic Theories*, pp. 244–259. Cambridge: Pergamon.

² <https://www.sketchengine.eu/pttenten-portuguese-corpus/> [Last access: 14/04/2023].

- Guimier, C. (1996). *Les adverbes du français: le cas des adverbes en -ment*. Paris: Editions Ophrys.
- Kilgarriff, A., Jakubíček, M., Pomikalek, J., Sardinha, T. B., & Whitelock, P. (2014). PtTenTen: a corpus for Portuguese lexicography. in Berber Sardinha, T. and São Bento Ferreira, T.L. (eds). *Working with Portuguese Corpora*, pp. 111-30. Bloomsbury Academic. DOI: 10.5040/9781472593641.ch-006.
- Laporte, E., & Voyatzi, S. (2008). An electronic dictionary of French multiword adverbs. In *Language Resources and Evaluation Conference (LREC). Workshop towards a shared task for multiword expressions*, pp. 31-34. <https://shs.hal.science/halshs-00286546>
- Laporte, E., Nakamura, T., & Voyatzi, S. (2008). A French corpus annotated for multiword expressions with adverbial function. In *Linguistic Annotation Workshop. Language Resources and Evaluation Conference (LREC)*, pp. 48-51. <https://shs.hal.science/halshs-00286541>
- Laporte, É. (2018). Choosing features for classifying multiword expressions. In Manfred Sailer & Stella Markantonatou (eds.), *Multiword expressions: Insights from a multi-lingual perspective*, pp. 143–186. Berlin: Language Science Press. <https://doi.org/10.5281/zenodo.1182597>
- Molinier, Ch., & Levrier, F. (2000). *Grammaire des adverbes: description des formes en -ment*. Genève: Librairie Droz.
- Palma, C. (2009). *Estudo Contrastivo Português-Espanhol de Expressões Fixas Adverbiais*. (MA Thesis), Universidade do Algarve, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Faro, Portugal. <https://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/428>
- Wagner Filho, J. A., Wilkens, R., Idiart, M., & Villavicencio, A. (2018, May). The brWaC corpus: a new open resource for Brazilian Portuguese. In *Proceedings of the eleventh international conference on language resources and evaluation (LREC 2018)*. <https://aclanthology.org/L18-1686.pdf>

Table 1. Breakdown of the variants of the adverbial expression *afinal de contas* ‘after all’ and their distribution across the two partitions of the ptTenTen18 corpus (normalized frequency).

ADV	BP-Count	BP-Frq	EP-Count	EP-Frq
<i>afinal de contas</i>	33 799	0.0000060986	913	0,0000044134
<i>afinal das contas</i>	272	0.0000000491	3	0,0000000145
<i>afinal de conta</i>	235	0.0000000424	2	0,0000000097
<i>a final de contas</i>	267	0.0000000482	4	0,0000000193
<i>a final das contas</i>	8	0.0000000014	0	0,0000000000
<i>ao final das contas</i>	390	0.0000000704	0	0,0000000000
<i>ao final de contas</i>	54	0.0000000097	2	0,0000000097
<i>ao fim das contas</i>	102	0.0000000184	4	0,0000000193
<i>ao fim de contas</i>	13	0.0000000023	17	0,0000000822
<i>em fim de contas</i>	22	0.0000000040	0	0,0000000000
<i>no fim das contas</i>	13 193	0.0000023805	55	0,0000002659
<i>no fim de contas</i>	1 408	0.0000002541	284	0,0000013728
<i>por fim das contas</i>	13	0.0000000023	0	0,0000000000
<i>por fim de contas</i>	71	0.0000000128	1	0.0000000048

Efeitos de Intervenção no Processamento de Estruturas Clivadas do Português Europeu

Xinyi Li, Maria Lobo & Joana Teixeira

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – NOVA FCSH

Este estudo investiga os efeitos de intervenção (EI) sobre o processamento de clivadas canónicas (CCs) por falantes adultos do português europeu (PE). Os EI referem-se à dificuldade em processar estruturas que envolvem dependências A' de objeto. Destacam-se duas abordagens de explicação. Os modelos de memória atribuem os EI à maior carga na memória de trabalho causada pela maior semelhança entre dois NP (*similarity-based interference*, e.g. Gordon, et al. 2004; *cue-based parsing*, Lewis et al., 2006). Na abordagem gramatical, o princípio de *featural Relativized Minimality* (Friedmann et al., 2009) atribui os EI à complexidade sintática do cruzamento de um interveniente que partilha traços com o DP extraído. Contrariamente, Traxler et al. (2002) atribui a dificuldade em processar estruturas envolvendo movimento A' do objeto como as relativas de objeto à tendência de atribuir o papel do sujeito a um antecedente animado (cf. Mak et al., 2002). Nas relativas do PE, foi atestado um maior custo de processamento no caso de inclusão de traços gramaticais (Costa et al., 2012). Nas CCs, cuja estrutura sintática envolve também um movimento A', foram atestados os EI na aquisição de linguagem (Lobo et al., 2019). No entanto, não foi explorada a existência dos EI nas CCs no processamento dos falantes adultos. Procurando colmatar esta lacuna, o presente estudo procura examinar se existem EI e, especificamente, os efeitos do traço semântico da animacidade no processamento de CCs em PE.

O estudo consiste numa tarefa de leitura automonitorizada (com apresentação linear não cumulativa) seguida de escolha de imagens. Manipularam-se o tipo de constituinte clivado (sujeito vs. objeto) e o seu traço de animacidade (+animado vs. – animado), mantendo-se constante o traço de animacidade do argumento não movido, que era [- animado]. Os dois argumentos em cada frase partilham sempre os mesmos traços de género e número, o que cria as condições de inclusão e interseção (Belletti et al., 2012; Durrleman e Bentea, 2021). Os materiais consistem em 24 itens de teste (6 por condição) e 48 distratores com uma extensão semelhante em número de sílabas, aplicando-se um desenho de Quadrado Latino. Depois da leitura automonitorizada, é pedido ao participante para selecionar uma entre duas imagens apresentadas conforme a sua compreensão da frase. Na análise do tempo de leitura (TL), apenas se consideram os ensaios que indicam corretamente as imagens escolhidas. Um grupo de itens é exemplificado abaixo. As regiões críticas são os dois segmentos imediatamente após o complementador e a região de *spillover* (“no” nos exemplos).

1. sujeito, inclusão: Na | imagem correta, |é| a coluna| que| está a tapar| a estátua | no | meio do museu.
2. sujeito, interseção: Na | imagem correta,|é| a menina| que| está a tapar|a estátua |no|meio do museu.
3. objeto, inclusão: Na | imagem correta, |é| a coluna| que| a estátua | está a tapar | no | meio do museu.
4. objeto, interseção: Na | imagem correta,|é| a menina| que| a estátua | está a tapar|no| meio do museu.

Prediz-se que: (i) o TL nas CCs de objeto (3,4) será maior comparado com o de sujeito (1,2); (ii) nas CCs de objeto, será maior o TL nas condições com o traço inclusivo (3), i.e., atestar-se-ão os efeitos de intervenção. Ao contrário, em (3) e (4), sendo o sujeito encaixado não animado, a hipótese que destaca a agentividade do antecedente predirá um aumento do TL em (4). Foi realizado um estudo piloto com 14 participantes, e os dados foram modelados com regressões lineares em R (R Core Team, 2019) com a função *glmer()* no pacote *lme4* (Bates et al., 2015). Os resultados do TL de confirmam a predição (i) (nas regiões críticas 1 e 2, $p < 0.001$) e (ii) (na região crítica 1 entre (3) e (4), $p = 0.0118$), negando a hipótese da importância da animacidade do antecedente. A recolha de dados está ainda em curso. No total, recolheremos dados de 40 falantes nativos de PE. Os seus resultados serão descritos e discutidos em detalhe na apresentação.

Palavras-chave: efeitos de intervenção, traço de animacidade, clivadas canónicas, processamento

Referências

- Bates, D., Mächler, M., Bolker, B. M. & Walker, S.C. (2015). Fitting Linear Mixed-Effects Models using lme4. *Journal of Statistical Software* 67(1).
- Belletti, A., Friedmann, N., Brunato, D. & Rizzi, L. (2012). Does gender make a difference? Comparing the effects of gender on children's comprehension of relative clauses in Hebrew and Italian. *Lingua* 122, 1053--1069.
- Costa, J., Grillo, N., & Lobo, M. (2012). Minimality beyond lexical restriction: Processing and acquisition of headed and free wh-dependencies in European Portuguese. *Revue Roumaine de Linguistique LVII* 2. 143–160.
- Durrleman, S. & Bentea, A. (2021). Locality in the acquisition of object A'-dependencies: insights from French. *Glossa: a journal of general linguistics* 6(1): 106, pp. 1–27.
- Friedmann, N., Belletti, A. & Rizzi, L. (2009). Relativized relatives: Types of intervention in the acquisition of A-bar dependencies. *Lingua* 119, 67–88.
- Lobo, M., Santos, A. L., Soares-Jesel, C., & Vaz, S. (2019). Effects of syntactic structure on the comprehension of clefts. *Glossa: A Journal of General Linguistics*, 4(1), 74.
- Gordon, Peter C., Hendrick, R. & Johnson, M. (2004). Effects of noun phrase type on sentence complexity. *Journal of Memory and Language* 51 (1), 97-114.
- Lewis, R. L., Vasishth, S. & Van Dyke, J. A. (2006). Computational principles of working memory in sentence comprehension. *Trends in Cognitive Sciences* 10(10), 447-454.
- Mak, W. M., Vonk, W., & Schriefers, H. (2002). The influence of animacy on relative clause processing. *Journal of Memory and Language*, 47, 50–68.
- R Core Team. 2019. *R: A Language and Environment for Statistical Computing*. Vienna, Austria.
- Traxler, M. J., Morris, R. K., & Seely, R. E. (2002). Processing subject and object relative clauses: Evidence from eye movements. *Journal of Memory and Language*, 47, 69–90.

Envelhecer com dignidade: que respostas existem em Portugal? - uma análise linguística de textos informativos sobre as infraestruturas para o cidadão em idade avançada

Sílvia Barbosa¹ & Mariana Ninitas²

¹ NOVA CLUNL, Universidade NOVA de Lisboa

² Universidade Aberta

O Instituto Nacional de Estatística divulgou recentemente que o cidadão português tem uma esperança média de vida que ronda os 80 anos, devido à melhoria das condições de vida verificada desde 1960 (cf Pordata). Este aumento impacta não só o cidadão que alcança essa idade longa, mas também a sociedade onde este se insere.

À luz da Constituição Portuguesa, o envelhecimento é entendido como “um fenómeno multifactorial e multidimensional que envolve aspectos de vária ordem, nomeadamente demográficos, económicos, sociais e familiares” (Decreto-Lei nº 248/97, de 19 de setembro). Complementarmente, não é possível ignorar que “todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a lei” (*Direitos e Deveres Fundamentais*, Artigo 13º), tendo, por isso, direito a condições que respeitem “a sua autonomia pessoal e evitem e superem o isolamento ou a marginalização social” (Artigo 72º). Sabemos, no entanto, que, por vezes, os cidadãos que atingem uma idade avançada necessitam de um conjunto de cuidados que a solidariedade familiar e social nem sempre consegue assegurar, surgindo a necessidade de, a par de outras medidas, criar infraestruturas residenciais (lares e seus congéneres) com o objetivo de apoiar parcial ou totalmente esse grupo de pessoas.

Nessa sequência, no presente trabalho, pretendemos analisar um conjunto de exemplares de textos informativos/publicitários usados na divulgação desses espaços, procurando perceber como são comunicadas as suas ofertas, bem como quais as estratégias de informação e persuasão ativadas.

Conscientes de que, do ponto de vista lexical, se verifica uma clara diversidade relativa à (i) denominação das infraestruturas (lar de terceira idade, lar de idosos, residência sénior, casa de repouso, casa de acolhimento de idosos...), e (ii) ao cidadão (pessoa idosa, idoso, pessoa na terceira idade, pessoa mais velha, sénior, utente ...), propomo-nos responder às seguintes questões:

- Quais as implicações que as escolhas lexicais associadas à designação do espaço têm sobre os mecanismos discursivos ativados?
- Quais as características identitárias da pessoa idosa veiculadas nesses textos?
- A quem se dirige a informação: à pessoa idosa e/ou ao familiar?
- As escolhas lexicais e discursivas variam consoante muda o alvo desses textos?

Para a prossecução dos objetivos acima identificados, a investigação que se apresenta segue uma metodologia mista (qualitativa e quantitativa) e enquadra-se numa perspetiva de análise Léxico-Semântica e Pragmático-Discursiva, ainda que convoque, sempre que necessário, contributos dos estudos sobre a Argumentação.

Os dados do *corpus* foram recolhidos em diversos *websites* de infraestruturas residenciais, situadas em Portugal, consultadas no decorrer do ano de 2023.

A partir de uma análise preliminar, colocamos a hipótese de que a denominação da infraestrutura constitui uma pista relativamente ao tipo de público que visa alcançar e, conseqüentemente, aos mecanismos discursivos ativados. Cremos, assim, que, se o espaço for apelidado de “Residência”, o texto se dirija ao cidadão candidato com um poder financeiro superior, demonstrando preocupação na redação e nos mecanismos de persuasão, enquanto o termo “Lar” parece dirigir-se a uma população com menos recursos financeiros e, conseqüentemente, estar na base de textos descritivos e pessoais.

Em suma, pretendemos identificar alguns padrões léxico-semânticos e discursivos, procurando compreender quais as estratégias discursivas manipuladas aquando da publicitação de infraestruturas residenciais para o cidadão ou a sua família efocando as escolhas lexicais assumidas, bem como os efeitos de sentido produzidos.

Palavras-Chave: Pessoa idosa; Residências Sêniores; Lares de Idosos; Semântica; Léxico; Análise do Discurso; Pragmática

Referências

- Adam, J.-M. & Bonhome, M. (1997). *L'Argumentation publicitaire: rhétorique de l'éloge et de la persuasion*. Éditions Nathan.
- Charaudeau, P. (2007a). *Argumentation, Manipulation, Persuasion*. L'Harmattan.
- Orecchioni, C. (2001). *Les actes de langage dans le discours*. Nathan Université.
- Palacios, A. (2004). Velhice, palavra quase proibida; terceira idade, expressão quase hegemônica: apontamentos sobre o conceito de mudança discursiva na publicidade contemporânea. *BOCC*, <http://www.bocc.ubi.pt/pag/palacios-annamaria-velhice-palavra-proibida.pdf>.
- Riou, N. (1999). *Pub fiction: société postmoderne et nouvelles tendances publicitaires*. 6.ed. Éditions d' Organisation.
- Weirnick, A. (2000). Andrew Blaikie: ageing and popular culture. *Canadian Journal of Sociology Online*, <http://www.arts.ualberta.ca/cjscopy/reviews/ageing.html>.

Fenómenos linguísticos variáveis no português falado em Aveiro: revisitando a literatura

Leonardo Lennertz Marcotulio

Centro de Línguas, Literaturas e Culturas, Universidade de Aveiro

Os estudos dialetológicos elaborados ao longo do século XX permitem-nos conhecer a realidade variável e heterogénea do português europeu a partir de distintas propostas de classificação e caracterização dos seus dialetos e falares, como, por exemplo, as de Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva (1974) e Luís F. Lindley Cintra (1971). Em perspetiva sociolinguística, embora se constate, em Portugal, uma carência de estudos variacionistas, contrariamente ao que ocorre com o Português do Brasil (Rodrigues, 2016), dispomos de obras que apresentam, descrevem e analisam fenómenos linguísticos variáveis de algumas das (sub)variedades europeias.

Em relação ao português falado em Aveiro, além das descrições no âmbito da geografia linguística elaboradas por Capão (2000), destaca-se o trabalho sociolinguístico de Matias (1995) sobre variação linguística no concelho de Aveiro. A autora recolhe amostras de fala das freguesias de Vera-Cruz, Glória e Esgueira e analisa três fenómenos linguísticos: (i) neutralização da oposição fonológica entre /v/ e /b/; (ii) realização de /e/ tónico antes de palatal /ʎ/; e (iii) inserção de [j] anti-hiático entre duas vogais orais. Os resultados apresentados, que promovem a discussão da validade das caracterizações dialetológicas da região, mostram que a distribuição das variantes de cada fenómeno parece ser condicionada sobretudo por fatores externos como sexo, faixa etária e estrato social. A análise da variável faixa etária - que nos permite elaborar estudos em tempo aparente - sugere, ainda, cenários de mudança em progresso, com favorecimento crescente para as variantes [v], [e] e manutenção do hiato, o que, numa leitura geral, pode indicar uma tendência de aproximação da variedade aveirense aos dialetos centro-meridionais.

Com o objetivo de dar continuidade e ampliar o estudo de Matias (1995), foi criado, em 2023, no Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro, o projeto de pesquisa *Como falam os aveirenses?*, que tem como objetivo a constituição de amostras de fala da variedade do português de Aveiro, bem como a elaboração de estudos sociolinguísticos sobre fenómenos fonético-fonológicos e morfossintáticos.

Nesta comunicação, daremos notícias dos primeiros resultados obtidos com base no estudo de uma amostra preliminar gravada em abril de 2023 com informantes de distintos pontos do distrito de Aveiro, de acordo com as variáveis sociais sexo, faixa etária e escolaridade. O nosso objetivo é visitar, quase trinta anos depois, os resultados de Matias (1995), com um novo conjunto de dados e verificar (i) a distribuição dos fenómenos previamente analisados, de acordo com a atuação de fatores internos e externos; e (ii) o estágio de evolução das tendências de mudança em progresso apontadas.

Palavras-chave: Sociolinguística. Variação linguística. Mudança linguística. Variedade aveirense

Referências

Capão, A. (2000). *Esta terra... Esta Gente... Esta Língua*. Câmara Municipal de Oliveira do Bairro.

- Cintra, L. F. L. (1971). Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses. *Boletim de Filologia*, Centro de Estudos Filológicos, 22, 81-116.
- Matias, M. F. (1995). *Aspectos da estrutura sociolinguística da Cidade de Aveiro*. Câmara Municipal de Aveiro.
- Paiva Boléo, M. & Silva, M. H. (1974). O "mapa dos dialectos e falares de Portugal Continental". In M. Paiva Boléo (Ed.), *Estudos de Linguística Portuguesa e Românica* (Vol. I, Tomo I, pp. 309-352). Acta Universitatis Conimbricensis.
- Rodrigues, C. (2016). Variação sociolinguística. In A. M. Martins & E. Carrilho. (Eds.), *Manual de Linguística Portuguesa* (pp. 98-115), De Gruyter.

**Palavras gramaticais como possíveis marcadores de estilo:
contributos para a análise de autoria forense em português**

Viviane Costa & Rui Sousa-Silva

Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Centro de Linguística da Universidade do Porto

A análise de autoria forense consiste em determinar quem escreveu um ou mais textos questionados ou anónimos através da análise linguística desse(s) texto(s) partindo da premissa de que, enquanto falantes, temos um jeito muito peculiar de usar a nossa língua, ou seja, o nosso idioleto (Sapir, 1927, 1939; Coulthard, 2004; Mateus & Cardeira, 2007; Sousa-Silva & Coulthard, 2016). Muitas dessas análises têm como foco o estudo das palavras lexicais e, por conseguinte, acabam excluindo as palavras gramaticais ou deixando-as em segundo plano (Stamatatos, 2009). No entanto, alguns estudos afirmam que as palavras gramaticais podem ser marcadores de estilo robustos (e.g., Green, 1990; Binongo, 2003; Argamon e Levitan, 2005; Stamatatos, 2009; Kestemont, 2014; Coulthard, Johnson & Wright, 2017), uma vez que as palavras gramaticais constituem uma classe de palavras fechada que não admite palavras novas, contrariamente ao que acontece com as palavras lexicais (Binongo, 2003). Ademais, a utilização das palavras gramaticais é dificilmente controlada de forma consciente pelo falante/escritor e também não existe uma relação de dependência entre elas e o tópico textual (Binongo, 2003; Argamon e Levitan, 2005; Stamatatos, 2009). Assim, partindo de tais pressupostos, este estudo busca analisar as palavras gramaticais como possíveis marcadores de estilo no âmbito da análise de autoria forense. Fazem parte do nosso corpus: a carta de suicídio do ex-presidente do Brasil, Getúlio Vargas, conhecida como carta-testamento, cuja autoria foi contestada na época de sua morte (Neto, 2014); uma carta manuscrita por Getúlio datando do mesmo período, encontrada entre os seus pertences (Dulles, 1964); e discursos políticos proferidos pelo então presidente durante a sua campanha eleitoral (1950) e durante o seu último governo (1951-1954). Os nossos resultados preliminares mostram que os pronomes possessivos, por exemplo, são utilizados de forma diferente nos referidos textos. Nos discursos políticos e na carta manuscrita, existe claramente uma preferência pelo uso do artigo definido diante do pronome possessivo, contrariamente ao que acontece na carta-testamento. A apresentação termina com indicações sobre a exploração mais aprofundada da relevância desta temática para análises de autoria forense.

Palavras-chave: análise de autoria forense; palavras gramaticais; idioleto; variação linguística

Referências

- Argamon, S., & Shlomo, L. (2005). Measuring the Usefulness of Function Words for Authorship Attribution. *Proceeding of the Joint Conference on Association for Literary and Linguistic Computing/Association Computer Humanities*.
- Binongo, J. N. (2003). Who Wrote the 15th Book of Oz? An Application of Multivariate Analysis to Authorship Attribution. *CHANCE*, 16(2), 9-17.

- Branco, A., Rodrigues, J., Costa, F., Silva, J., & Vaz, R. (2014). Assessing automatic text classification for interactive language learning. *International Conference on Information Society (i-Society 2014)*.
- Branco, A., Rodrigues, J., Costa, F., Silva, J., & Vaz, R. (2014). Rolling out Text Categorization for Language Learning Assessment Supported by Language Technology. *International Conference on Computational Processing of the Portuguese Language*.
- Breiman, L. (2001). Random Forests. *Machine Learning*, 45(1), 5-32.
- Chen, X., & Meurers, D. (2016). CTAP: A Web-Based Tool Supporting Automatic Complexity Analysis. *Proceedings of the Workshop on Computational Linguistics for Linguistic Complexity (CL4LC)*. Osaka.
- Coulthard, M. (2004). Author Identification, Idiolect, and Linguistic Uniqueness. *Applied Linguistics*, 25(4), 431–447. doi:10.1093/applin/25.4.431
- Coulthard, M., Johnson, A., & Wright, D. (2017). *An introduction to Forensic Linguistics: Language in evidence* (2 ed.). London and New York: Routledge.
- Curto, P., Mamede, N., & Baptista, J. (2015). Automatic Text Difficulty Classifier - Assisting the Selection Of Adequate Reading Materials For European Portuguese Teaching. *International Conference on Computer Supported Education*.
- Dulles, J. W. (1964). Farewell Messages of Getulio Vargas. *The Hispanic American Historical Review*, 44(4), 551–553. Obtido em 31 de Março de 2020, de www.jstor.org/stable/2511711
- Green, G. M. (1990). Linguistic analysis of conversation as evidence regarding the interpretation of speech events. *Language in the judicial process*, 247-277.
- Kestemont, M. (2014). Function Words in Authorship Attribution. From Black Magic to Theory? *Proceedings of the 3rd Workshop on Computational Linguistics for Literature* (pp. 59–66). Gothenburg, Sweden: ssoaction for Computational Linguistics.
- Mateus, M. H., & Cardeira, E. (2007). *Norma e Variação*. Alfragide: Caminho.
- Neto, L. (2014). *Getulio 1945-1954: De volta pela consagração popular ao suicídio* (1 ed.). São Paulo, São Paulo, Brasil: Companhia das Letras.
- Santos, R., Rodrigues, J., Branco, A., & Vaz, R. (2021). Neural Text Categorization with Transformers for Learning Portuguese as a Second Language. *EPIA 2021: Progress in Artificial Intelligence* (pp. 715-726). Springer.
- Sapir, E. (1927). Speech as a personality trait. *American Journal of Sociology*, pp. 892-905.
- Sapir, E. (1939). *Language: An introduction to the study of speech*. New York: Harcourt Brace.
- Sousa-Silva, R., & Coulthard, M. (2016). Linguística Forense. Em R. J. Dinis-Oliveira, & T. Magalhães (Edits.), *O que são as Ciências Forenses? – Conceitos, Abrangência e Perspetivas Futuras* (pp. 137-144). Lisboa: Pactor.
- Stamatatos, E. (2009). A survey of modern authorship attribution methods. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, 60(3), 538-556.

Harmonic Grammar outperforms Optimality Theory in simulating European Portuguese morpho-phonological acquisition

Chao Zhou & Maria João Freitas

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

Background: In European Portuguese (EP), depending on the stem-final vowel, the pluralisation of /l/-final nouns induces different phonological changes, lateral-deletion for /il/ (e.g. /funil + s/ → [funi]) and lateral-gliding for /al, ɛl, ɔl, ul/ (e.g. /animal + s/ → [e.ni.'maj]). In an elicited production task with 75 Portuguese children aged between 4;0 and 6;0, Freitas and Afonso (2017) found that the plurals of /il/-final nouns were produced less accurately than that of other /l/-final words. This acquisition order (plurals: /al, ɛl, ɔl, ul/ > /il/) requires additional explanation, other than morpho-phonological complexity, which affects all /l/-final nouns to the similar extent.

Current study: This study presents a formal account for this emergent pattern via learning simulations, adopting two constraint-based models (Stochastic Optimality Theory, Boersma 1998; Noisy Harmonic Grammar; Boersma & Pater 2016) and their associated Gradual Learning Algorithm (GLA). An initial-state grammar producing forms that resemble early child production (applying regular morphology; Freitas 1997) was first built with ranked constraints of OT (tableau 1a) and weighted constraint of HG (tableau 1b). The two virtual learners were then fed with pairs of underlying (for their own grammars to generate learner's forms) and adult surface forms (e.g. [e.ni.'mai]) ending in 5 stem-final vowels (20% each). Each time a mismatch occurs between an adult surface form and the learner's own production, the GLA will be triggered, raising the values of those constraints that disfavour learner's forms (incorrect forms) and, at the same time, lowering the values of those penalising the adult form (correct form).

Results & Discussion: As shown in (2a) and (3a), after approximately 400 data, both virtual learners start to produce /l/-gliding, signalling target-like pluralisation of nouns ending in /al, ɛl, ɔl, ul/. The plurals of /il/-final words are mastered much later (after 1600 data for the OT learner and 2300 for the HG learner). Apart from replicating the acquisition order (plurals: /al, ɛl, ɔl, ul/ > /il/), the learning simulation further reveals that HG outperforms OT in simulating real acquisition data. At an intermediate stage of development, the OT learner over-generalises /l/-gliding to the plurals of /il/-final nouns (2b), while the HG learner still applies regular morphology like at the initial state (3b). We revisited the experimental data in Freitas and Afonso (2017) and found strong support for the HG account. In particular, we did not find any form suggesting over-generalisation of /l/-gliding. Instead, when failing to realise the target plural of /il/-final nouns, Portuguese children predominately apply the regular morphology (e.g. /funil + s/ → funi [li]/ funi[ɫ]). These results indicate that, in comparison to OT, the HG learning is more restrictive in the sense that it does not generate unobserved forms ([ij]) in the course of grammatical learning. The restrictiveness in HG is guaranteed due to additive constraint interaction. The three constraints that militate against the over-generalised forms (IDENT-DERIVED, *[ij] and IDENT-IO) are dominated in OT, thus not decisive for decision-making. However, in HG, these constraints always gang up to overcome another constraint in evaluation, making sure that an over-generalised form like funi[j] will never be

selected as optimum. The simulation carried out here suggests that, in constraint-based models of phonological grammar, constraint interaction is cumulative.

All tableaux of this abstract can be found at

https://osf.io/9gxpj/?view_only=882e6b8443b240c2b059dfa505762d14.

Keywords: morpho-phonological acquisition; European Portuguese /l/-final nouns; optimality theory; harmonic grammar

References

- Boersma, P. (1998). *Functional Phonology. Formalizing the interactions between articulatory and perceptual drives*. The Hague: Holland Academic Graphics.
- Boersma, P. & J. Pater (2016). Convergence properties of a gradual learning algorithm for Harmonic Grammar. In John J. McCarthy & Joe Pater (eds.), *Harmonic Serialism and Harmonic Grammar*. Sheffield: Equinox. 389–434.
- Freitas, M. J. (1997). *Aquisição da Estrutura Silábica do Português Europeu*. Univeristy of Lisbon, PhD dissertation.
- Freitas, M. J. & Afonso, C. (2017). Os *caracoles são *azules? *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, Vol. 12, p.73-97.

Effects of perceptual training and cognitive aptitude on L2 perception and production

Susana Correia^{1,2}, João Fernandes², Yuxin Ge³, Kazuya Saito⁴, Anabela Rato⁵ & Patrick Rebuschat³

¹ NOVA FCSH/CLUNL, ² CLUNL, ³ Lancaster University

⁴ University College London, ⁵ University of Toronto

Previous research has shown conflicting evidence about the nature of the perception-production link in second language (L2) speech learning. On the one hand, several studies (e.g., Flege, 1995; Flege & Bohn, 2021) suggest that perception improves production and, hence, the better a listener perceives distinct sounds in an L2, the better they will produce them. According to this view, the two modalities are related, and their interaction depends on a variety of factors, including cognitive aptitudes (Mora, Ortega, Mora-Plaza, & Aliaga-García, 2022; Saito & Tierney, 2022). On the other hand, several studies (e.g., Baese-Birk, 2019; Baese-Birk & Samuel, 2016; Darcy & Krüger, 2012) suggest that it is not always the case that perception and production have an intertwined relationship. For example, accurate production abilities can exist without fine-tuned perception and, conversely, speakers can easily perceive different L2 speech sounds without being able to produce them. The directionality of the perception-production link in L2 speech learning is thus still unclear. This proof-of-concept study contributes to this ongoing debate by investigating the effectiveness of perceptual training in perception and production abilities and the role of cognitive factors in L2 speech learning.

The **linguistic focus** of our study is on consonantal and vocalic segments with contrasting features that exist in Portuguese but not in the participants' native language: coronal [±anterior] and [±low], i.e., /l/-/ʎ/, /n/-/ɲ/, and /e/-/ɛ/, /o/-/ɔ/, respectively.

Seventy-six native speakers of British English without prior knowledge of Portuguese were randomly assigned to experimental (trained) and control (untrained) conditions. Participants in the experimental condition completed a pre-test, two training sessions, and a post-test. Participants in the control condition only completed the pre-test and the post-test. The **pre-test** consisted of (i) an oddity discrimination task that evaluated participants' ability to distinguish the four target segmental contrasts (/l/-/ʎ/, /n/-/ɲ/, /e/-/ɛ/ and /o/-/ɔ/), and (ii) a delayed repetition task for the same consonantal and vocalic contrasts. The target segments were embedded in bisyllabic pseudowords ('CV.CV) with target vowels always occurring in the first syllable and the target consonants in intervocalic position. The oddity discrimination task measured participants' perceptual abilities, while the delayed repetition task examined their production performance. The **training** of the experimental group was administered twice, on separate days, and consisted of an oddity discrimination task without feedback, with two of the four learning targets (/l/-/ʎ/ and /e/-/ɛ/), aiming to test whether learning of one feature would generalize to another pair with the same contrasting feature. Finally, all participants completed a **post-test**, which also consisted of oddity discrimination and delayed repetition tasks. For the post-test, we repeated the pre-test items but also included novel items to assess generalization of learning. In terms of **cognitive individual difference (ID) measures**, participants completed a test battery to measure phonological short-term memory (digit span; Saito et al., in preparation) and auditory processing abilities (six tests: rhythm reproduction, melody reproduction, pitch discrimination, melody discrimination, formant

discrimination, risetime discrimination; Saito & Tierney, 2022). Online data collection took place via the Gorilla experiment builder platform. Our study was preregistered on the OSF platform.

We predicted that perceptual and production abilities improve with a short-term perceptual training programme (i.e., perceptual training is sufficient to enable phonological generalisation in the short-term), and that perception and production gains are mediated by cognitive factors, namely phonological short-term memory and auditory processing abilities.

For perceptual abilities, linear mixed effects modelling revealed no significant effect of group (experimental vs control), test (pre-test vs post-test), nor a group*test interaction. In the post-test, we observed a main effect of contrast (trained vs untrained items), suggesting that the untrained contrasts (/n/-/ɲ/, /o/-/ɔ/) were easier to discriminate than the trained contrasts (/l/-/ʌ/ and /e/-/ɛ/), but there was no effect of familiarity (same vs novel items), test (pre-test vs post-test), or a contrast*familiarity*test interaction. For ID measures, except for the backward digit span, all other tasks significantly correlated with participant performance on the post-test. However, no ID measure significantly correlated with pre-post test improvement for the trained group. That is, the ID measures did not predict gains from the training task.

For production abilities, we found no significant effect of group (experimental vs control), test (pre-test vs post-test), nor a group*test interaction, suggesting a null effect of perceptual training on production. However, when we focused on the production of non-native segments (/ʌ/, /ɲ/, /e/, /o/) only, our analysis revealed a significant effect of test: participants produced the non-native segments with higher accuracy in the post-test than in the pre-test. Again, there was no significant effect of group (experimental vs control), nor a group*test interaction. For ID measures, melody discrimination score and risetime discrimination score significantly correlated with participant' production performance at the post-test. Again, no ID measure significantly correlated with pre-post test improvement for the trained group.

In sum, the results of our study confirm the role of auditory processing abilities and phonological short-term memory in L2 speech learning. However, they also indicate that two perceptual training sessions without feedback are insufficient to promote learning of our targets, although, overall, participants improved production abilities of non-native segments from pre- to post-test. The implications of this proof-of-concept study to our main project and to the research field will be discussed as well as our experience with collecting L2 speech data remotely via Gorilla.

Keywords: perception and production, L2 speech learning, phonetic training, individual differences, cognitive aptitude

References

- Baese-Berk, M. M. (2019). Interactions between speech perception and production during learning of novel phonemic categories. *Attention, Perception, & Psychophysics*, *81*(4), 981-1005.
- Baese-Berk, M. M. & Samuel, A. G. (2016). Listeners beware: Speech production may be bad for learning speech sounds. *Journal of Memory and Language*, *89*, 23-36.
- Darcy, I., & Krüger, F. (2012). Vowel perception and production in Turkish children acquiring L2 German. *Journal of Phonetics*, *40*(4), 568-581.

- Flege, J. E. (1995). Second-language speech learning: Theory, findings, and problems. In W. Strange (Ed.), *Speech perception and linguistic experience: Issue in cross-language research* (pp. 233–277). York Press.
- Flege, E. & Bohn, O.-S. (2021). The Revised Speech-Learning Model (SLM-r). In R. Wayland (Ed.). *Second language speech learning* (pp. 3-83). Cambridge University Press.
- Mora, J. C., Ortega, M., Mora-Plaza, I., & Aliaga-García, C. (2022). Training the pronunciation of L2 vowels under different conditions: the use of non-lexical materials and masking noise. *Phonetica*, 79(1), 1-43.
- Saito, K. & Tierney, A. (2022). Domain-general auditory processing as a conceptual and measurement framework for second language speech learning aptitude: A test-retest reliability study. *Studies in Second Language Acquisition*, 44(1), 57-86.

**Processamento de formas reflexivas com e sem marcação de género:
efeitos de codificação ou de recuperação?**

Paula Luegi¹, Márcio Leitão², Daniela Avila-Varela¹, Jéssica Gomes¹ & Armanda Costa¹

¹ Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, CLUL

² Universidade Federal da Paraíba, LAPROL

A resolução de formas pronominais reflexivas, sujeitas, de acordo com a Teoria da Ligação (Chomsky, 1981), ao Princípio A, tem sido testada de modo a verificar se, durante o processamento de frases, as restrições sintáticas bloqueiam (ou não) a recuperação do referente (gramatical) da forma reflexiva. Apesar dos diversos estudos existentes, os resultados têm sido inconclusivos. Por um lado, existem estudos que indicam que os princípios sintáticos se aplicam de imediato e que bloqueiam o acesso a qualquer outro referente presente no enunciado, as designadas *Structured-based Accounts* (Nicol e Swinney, 1989; e.o.). Por outro lado, existem estudos em que se regista, em enunciados com mais do que um referente, um aumento do tempo de processamento da forma reflexiva, as designadas *Multiple Constraint Hypothesis* ou *Unconstrained Cue-based Accounts* (Badecker e Straub, 2002; e.o.). Este efeito tem sido identificado em contextos em que os referentes partilham traços de géneros, sendo os estudos realizados, na sua maioria, em Inglês, língua em que a forma reflexiva é marcada em género.

Um estudo que, de algum modo, marca uma mudança de paradigma e de perspetiva relativamente ao tema é o de Jäger *et al.* (2015). Estes autores consideram que, como em Inglês a forma reflexiva flexiona em género, os efeitos encontrados podem explicar-se tanto por efeitos de: Interferência na Recuperação (*retrieval interference*) - ocorrem apenas quando os traços partilhados são usados e necessários para a recuperação de informação; ou de Interferência na Codificação (*encoding interference*) - ocorrem sempre que dois elementos partilhem traços, mesmo que esses traços não sejam usados na recuperação da informação. Em condições com formas reflexivas sem marcação de género, se se encontrarem efeitos de interferência de um elemento distrator (referente sintaticamente indisponível como antecedente da forma reflexiva), esses efeitos só se podem explicar por efeitos de Codificação e, portanto, nesse caso, os efeitos relatados nos trabalhos de Badecker e Straub (2002), por exemplo, explicam-se pelo efeito de sobrecarga na memória de trabalho e não pela violação dos princípios sintáticos. Esta última hipótese foi comprovada para o Russo, num estudo de Laurinavichyute *et al.* (2017).

Neste estudo testamos frases com formas reflexivas com (“a si mesma/o”) e sem marcação de género (“se”) em Português Europeu e Brasileiro (PE e PB, respetivamente), em frases como (1) e (2):

1. O João disse que a Maria ontem à noite se vestiu (a si mesma)... | PE
2. O João disse que a Maria ontem à noite (se) vestiu (a si mesma)... | PB

Em PE as frases foram apresentadas ou apenas com a forma reflexiva “se” ou com a forma reflexiva “se” seguida da forma de reforço “si mesma/o”. Em PB as frases foram apresentadas apenas com uma das formas: ou “se” ou “si mesma/o”. O objetivo é o de avaliar o impacto das formas reflexivas com e sem marcação de género em duas variedades do português com características distintas quanto às estruturas reflexivas: sem marcação de género (como em

Alemão), com formas marcadas e não marcadas (como em Russo) e com formas marcadas (como em Inglês).

Participaram nesta experiência de *self-paced reading* 84 falantes nativos de PE (os dados de PB estão ainda a ser recolhidos). Foram apresentadas 32 frases experimentais (+64 distratores) seguidas de uma pergunta (“sim”/“não”) testando a resolução da forma reflexiva. Para além das formas reflexivas (condição Tipo-Reflexivo: “se” + “si mesmo/a” ou “se”, em PE; “se” ou “si mesmo/a”, em PB) foi manipulado o género dos antecedentes: Mesmo-Género (“Ana”... “Maria”) ou Género-Diferente (“Pedro”... “Maria”).

Os resultados para o PE indicam taxas de erro mais altas e tempos de resposta mais lentos nas condições Mesmo-Género. Também os tempos de leitura da região da forma reflexiva não marcada “se” foram mais longos na condição Mesmo-Género. Não há efeitos significativos na região da forma reflexiva marcada “si mesmo/a”.

Os resultados apresentados, de um efeito de maior dificuldade nas condições em que os antecedentes partilham os mesmos traços de género (informação que não é necessária para a resolução da forma reflexiva “se”), parecem reforçar as propostas de efeitos de *encoding interference*, ou seja, de um efeito de sobrecarga da memória de trabalho e não de uma violação das restrições sintáticas aplicadas às formas reflexivas.

Palavras-chave: português europeu; português brasileiro; resolução de reflexivos; efeitos de codificação e de recuperação

Referências

- Badecker, W., & Straub, K. (2002). The processing role of structural constraints on the interpretation of pronouns and anaphors. *JEP: LMC*, 4 (28), 748-769.
- Chomsky, N. (1981). *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris.
- Laurinavichyute, A., Jäger, L. A., Akinina, Y., Roß, J., & Dragoy, O. (2017). Retrieval and Encoding Interference: Cross-Linguistic Evidence from Anaphor Processing. *Front. Psychol.* 8:965.
- Jäger, L. A., Benz, L., Roeser, J., Dillon, B. W., & Vasisht, S. (2015). Teasing apart retrieval and encoding interference in the processing of anaphors. *Front. Psychol.* 6:506.
- Nicol, J., & Swinney, D. (1989). The role of structure in coreference assignment during sentence comprehension. *Journal of Psycholinguistic Research*, 18 (1), 5-19.

Estudo comparativo do efeito da lacuna preenchida no processamento de frases com tópicos na periferia esquerda da oração em PE e PB

Pilar Barbosa¹, Juliana Gomes² & Inês Pereira¹

¹ Universidade do Minho, ² Universidade do Porto

Enquadramento e objetivos O presente trabalho insere-se no âmbito do estudo do processamento de frases em que se estabelecem relações de dependência sintática entre elementos situados no interior da oração (lacunas vazias ou preenchidas) e antecedentes na periferia esquerda. Os estudos existentes sobre o português do Brasil (PB) (Maia, 1997; Ventura, Maia e Guessier, 2008) indicam que, em construções com tópicos, a lacuna não preenchida (1a) exibe uma reativação psicológica mais forte do tópico do que o pronome lexical na mesma posição. (1) a. ‘As janelas, a empregada prometeu que vai limpar [-] amanhã’ b. ‘As janelas, a empregada prometeu que vai limpar elas amanhã’). Por outro lado, um estudo preliminar realizado sobre o português europeu (PE) (Autores, ms.) sugere o padrão oposto. Numa tarefa de leitura automonitorizada de frases com tópicos de objeto com e sem redobro pronominal, como em ‘As janelas, a empregada prometeu que as vai limpar amanhã’ e ‘As janelas, a empregada prometeu que vai limpar [-] amanhã’, a presença do pronome dá lugar a tempos de reação mais rápidos. Estas diferenças entre o PE e o PB podem estar relacionadas com a natureza do pronome (uma forma clítica em PE por oposição a uma forma tónica em PB). De forma a verificar esta hipótese, o presente projeto visa levar a cabo um estudo sobre o efeito da lacuna preenchida no processamento de frases com tópicos de objeto nas duas variedades, PB e PE. Nestes estudos, serão levadas em conta duas variáveis adicionais. A primeira é a animacidade do antecedente, um fator que pode ter efeito sobre os dados do PB, já que há preferência pelo emprego do pronome para retomar antecedentes animados e da forma nula para retomar antecedentes não animados (Cyrino 2017). A segunda é a presença de um sujeito pré-verbal lexical. No estudo preliminar feito sobre o PE (Autores, ms.), foram detetadas diferenças no processamento de frases com sujeitos lexicais, como ‘As janelas, a empregada prometeu que as vai limpar amanhã’ e frases com sujeito vazio, como ‘As janelas \emptyset prometo que as vou limpar amanhã’, pelo que interessa verificar se essas diferenças se confirmam e se são detetáveis também em PB. Metodologia Será utilizado o método de leitura automonitorizada (SPR; Self-paced Reading), com recurso à plataforma PCibex Platform – PennUniversity. Cada participante é instruído a regular o ritmo de leitura dos segmentos através do uso da tecla espaço no teclado do computador. Desta maneira, é possível registar o tempo decorrido (tempo de reação; RT) em cada segmento lido. Para além dos RTs relativos a cada segmento da frase, o pesquisador pode estabelecer os segmentos críticos, aqueles em que são esperados os efeitos linguísticos investigados. Nesta investigação, cruzam-se, num design fatorial 2x2x2, as variáveis (i) preenchimento da lacuna (preenchida ou vazia), (ii) sujeito lexical (preenchido ou vazio) e (iii) animacidade do tópico (animado ou não animado), colocando, portanto, em exame criterioso, além do efeito da lacuna preenchida, também a questão do efeito da presença de um sujeito lexical e a animacidade do tópico, disponíveis para o processador, no curso temporal da compreensão de frases em PE e PB. Portanto, espera-se comparar os RTs relativos a (i), (ii) e (iii). Os resultados dos tempos médios de leitura serão analisados e

interpretados à fim de descrevermos as diferenças de processamento entre as frases em PE e PB, contribuindo assim para a teoria linguística e descrição dos processos mentais subjacentes ao processamento de frases.

Palavras-chave: topicalização; dependências sintáticas; lacuna; deslocação à esquerda clítica; processamento; animacidade

Referências

- Autores (unpublished ms.). *O efeito da lacuna preenchida no processamento de tópicos objeto em PE.*
- Cyrino, S. (2017). On animacy restrictions for the null object in Brazilian Portuguese. In L. Hellan, A. Malchulov & M. Cennamo (Eds.) *Contrastives studies in verbal valency* (pp. 275–294). Amsterdam: John Benjamins.
- Maia, M. (1997). The comprehension of object anaphora in Brazilian Portuguese. *Recherches Linguistiques De Vincennes.*
- Ventura, L. S.; Mais, M. A.R.; Guessier, S. L. (2018). Estudo de rastreamento ocular sobre o estatuto sintático da categoria vazia na Topicalização à Esquerda sem retomada explícita no PB. *ReVEL*, vol. 16, n. 30, 2018. [www.revel.inf.br].

O acordo que nunca envelhece: análise discursivo-pragmática da polémica verbal em artigos de opinião sobre o (novo) Acordo Ortográfico (de 1990)

Mariana Ninitas

Universidade Aberta

A comunicação oral a que nos propomos prevê a partilha de um trabalho de investigação cujo principal objetivo é o estudo da construção da polémica verbal num *corpus* de artigos de opinião sobre o Acordo Ortográfico de 1990 (doravante AO90), dados à estampa entre 2022 e 2023, nas perspetivas da Análise do Discurso e da Pragmática, conquanto possam ser convocados os contributos da Retórica, dos Estudos da Argumentação e da Linguística Interacional, sempre que tal se justifique.

No presente trabalho, assumiremos a polémica verbal enquanto estratégia discursiva (Charaudeau, 2017), tendo por base uma dissensão (Rodrigues, 2008, entre outros) - condição que acreditamos estar presente na maioria dos artigos de opinião sobre o AO90. Volvidos trinta e três anos desde a criação da *Nota Explicativa* que deu origem ao “novo” acordo ortográfico, o tema permanece atual, pouco consensual e, por isso, fértil no que à criação de artigos de natureza polémica diz respeito.

Por esse motivo, pretendemos perceber quais os argumentos convocados por aqueles que defendem e atacam o AO90, e quais os mecanismos discursivos que subjazem à construção da polémica verbal em seu torno. Para a prossecução desses objetivos, privilegiaremos a análise da construção discursiva dos *ethè* (Amossy, 1999) dos autores dos artigos, das evidências relativas à natureza dialógica (Bakhtine, 1992; Maingueneau, 1983, 1984) dos discursos em análise, assim como dos diferentes graus de agressividade presentes (Balanbrón Pazos, 2004; Culpeper, 2005; Bousfield, 2008). Recorreremos, igualmente, a noções dos Estudos da Argumentação, como os ataques *ad hominem* e *ad personam* (Charaudeau, 2017), da Pragmática, como os atos ilocutórios (Searle, 1969), em especial os expressivos (Norrick, 1978; Palrilha, 2009) e os de negociação de sentido (Schegloff, 2007), além do conceito de implícito, na senda do preconizado por Kerbrat-Orecchioni (1986) e Duarte (2005).

Palavras-Chave: Linguística Portuguesa; Análise do Discurso; Pragmática; Acordo Ortográfico 1990; Polémica Verbal

Referências

- Amossy, R. (1999). *Images de soi dans le discours. La construction de l'ethos*. Delachauxet Niestlé.
- Bakhtine, M. M. (1992). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, 6ª ed. Hucitec.
- Balanbrón, P. (2004). *Violencia y publicidad televisiva, De la violencia como recursocreativo a la publicidad como violencia*. Universidad Católica de San Antonio.
- Charaudeau, P. (2017). *Le débat public. Entre controverse et polémique. Enjeu de vérité, enjeu de pouvoir*. Lambert-Lucas.
- Bousfield, D. (2008) *Impoliteness in Interaction*. John Benjamins.
- Culpeper, J. (2005). Impoliteness and Entertainment in the Television Quiz Show: The Weakest Link. *Journal of Politeness Research, Language, Behaviour, Culture*, n. 1, pp. 35-72.
- Duarte, I. M. (2005). Falar Claro a Mentir. In *Dar a Palavra à Língua – Homenagem a Mário Vilela*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 291-299.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (1986b). 'Nouvelle communication' et 'analyse conversationnelle'. In *Langue Française*, vol. 70, nº. 1, pp. 7-25.
- Maingueneau, D. (1983). *Sémantique de la polémique*. Éditions l'Âge de l'Homme. Maingueneau, D. (1984). *Genèses du discours*. Pierre Mardaga.
- Norrick, N. R. (1978). Expressive illocutionary acts. In *Journal of Pragmatics*, Volume 2, Issue 3, pp. 277-291.
- Palrilha, S. M. R. (2009). *Contributos para a análise dos actos ilocutórios expressivos em português*. (Dissertação Mestrado em Linguística e Ensino. Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, Coimbra). Universidade de Coimbra
<http://www.uc.pt/uid/celga/recursosonline/dissertacoes/dissertacoesdemestrado/silveriamariaramospalrila>.
- Rodrigues, S. V. (2008). *Estrutura e funcionamento da interacção verbal polémica*. Contributo para o estudo da polemicidade em Camilo Castelo Branco (Tese Doutoramento em Linguística. Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto).
- Schegloff, E. A. (2007). *Sequence organization in interaction: Volume 1: A primer in conversation analysis*, vol. 1. Cambridge University Press. Reserach Gate
https://www.researchgate.net/profile/Emanuel_Schegloff/publication/280745816_Sequence_Organization_in_Interaction_A_Primer_in_Conversation_Analysis/links/587d571608ae4445c06b6dcb/Sequence-Organization-in-Interaction-A-Primer-in-ConversationAnalysis.pdf

Portugaliae Monumenta Linguistica (PML)³

Gonçalo Fernandes, Carlos Assunção, Rolf Kemmler & Ezra Nhampoca

UTAD / CEL

O Centro de Estudos em Letras (CEL) está a desenvolver um portal com uma base de dados denominada *Portugaliae Monumenta Linguistica (PML)*, que é composta por três subprojectos: Corpus Gramaticográfico do Português, Corpus Ortográfico do Português e Corpus Linguístico Missionário Português.

Como projeto das Humanidades Digitais, os PML, nesta primeira fase de implementação, visam fornecer aos investigadores mundiais um conjunto de fontes primárias de difícil acesso, de forma a permitir a consulta e pesquisa de textos metalinguísticos antigos de origem portuguesa, edições facsimiladas e semidiplomáticas de gramáticas e ortografias da língua portuguesa, bem como de outras contribuições de outras línguas não europeias escritas por missionários do Padroado Português, durante o período colonial. Trata-se efetivamente de um projeto de Ciência Aberta, que procura complementar as fontes de informação das outras bases de dados mundiais existentes, como o RELICTA (Repertory of Early Modern Linguistic and Catechetical Tools of America, Asia, and Africa) na Bélgica; o CTLF (Corpus de Textes Linguistiques fondamentaux) em França; as bases de dados João Roiz, como as "Historical Portuguese Orthographies" e os "Latin Glossaries with vernacular sources", no Japão; a do CEDOCH (Centro de Documentação em Historiografia da Linguística), no Brasil; e o CLP (Corpus Lexicográfico do Português) em Portugal.

O website funciona como uma base de dados dinâmica na qual os investigadores, ao nível do utilizador, podem procurar obras por títulos, autores, frases, expressões / sintagmas e até palavras isoladas, entre outros aspetos. Para os investigadores do CEL ou outros investigadores devidamente autorizados, também é permitida uma atualização contínua da base de dados através do backoffice, quer inserindo novas obras quer atualizando as informações sobre as obras registadas.

As tecnologias utilizadas são ASP.NET e a biblioteca JavaScript jQuery, HTML5 e CSS3. A disposição da plataforma é responsiva, adaptando-se a qualquer dispositivo eletrónico (PC, smartphone, tablet). Relativamente ao sistema de base de dados, este baseia-se numa base de dados MS-SQL. Para a arquitetura da plataforma, foi implementado um sistema multicamadas no qual cada um assumiria diferentes responsabilidades dentro do sistema. O sistema proposto assegura também a integração e integridade dos dados, automatizando assim os processos, bem como evitando a duplicação de informação na base de dados.

³ O desenvolvimento deste portal foi financiado pela Fundação Portuguesa para a Ciência e Tecnologia (FCT) através do Financiamento Programático do Centro de Estudos em Letras (CEL), referência nº. UIDP/00707/2020.

CONFERÊNCIA PLENÁRIA 2

Aquisição da sintaxe e (micro)variação: evidência do português

Maria Lobo

NOVA FCSH/CLUNL

Nesta apresentação, são discutidas algumas áreas em que há variação sintática entre variedades do português ou dentro de cada variedade, problematizando as implicações da variação para o processo de aquisição da linguagem e para a avaliação do desenvolvimento sintático. No estudo da aquisição da linguagem, assume-se frequentemente que o input a que a criança está exposta é relativamente homogêneo e consistente com uma determinada opção paramétrica. Há, contudo, uma série de fenómenos sintáticos em que se encontra variação na gramática adulta, de que são exemplo a possibilidade de omissão de objetos e a colocação de clíticos. Através de resultados de diferentes estudos de desenvolvimento infantil, discute-se de que forma a variabilidade do input condiciona um desenvolvimento linguístico mais lento comparativamente com o que tem sido encontrado noutras línguas e a necessidade de ter em conta as propriedades do português quando se está a desenvolver instrumentos de avaliação do desenvolvimento sintático.

**Construções copulativas em português europeu L2 por falantes de chinês:
dados de *corpora* vs. experimentais**

Nélia Alexandre, Ana Espírito Santo, Anabela Gonçalves & Jiaojiao Yao

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa,
Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

O português europeu (PE) e o chinês divergem quanto à formação de construções copulativas com os verbos *ser/estar*. Para além de a distinção entre os dois verbos não existir em chinês, o PE exige que o verbo copulativo esteja explícito (1), enquanto o chinês permite a omissão de um verbo de ligação em contextos específicos. Concretamente, em chinês, se o constituinte predicativo for adjetival (AP), o verbo cópula *shì* ‘ser/estar’ não ocorre (2a); neste contexto, pode ocorrer uma forma homónima do verbo copulativo *shì* que veicula noções pragmáticas (e.g., ênfase, contraste). Quando o constituinte predicativo é preposicional (PP), normalmente ocorre o coverbo *zài* (3) (e.o., Chang 2006, Hengeveld 1990, Li & Thomson 1977).

- (1) a. *A Maria é/está feliz.*
b. **A Maria ∅ feliz.*
- (2) a. *Zhāngsān ∅ hěn gāoxìng.*
Zhangsan muito feliz
‘Zhangsan é/está muito feliz.’
- b. *Zhāngsān shì hěn gāoxìng, dànshì méi qián.*
Zhangsan ser/estar muito feliz mas NEG dinheiro
‘É verdade que Zhangsan está feliz, mas não tem dinheiro.’
- (3) *Tā zài xuéxiào.*
3sg ser/estar-em escola
‘Ele está na escola.’ (adaptadas de Sun 2006:157)

Em frases em que o predicativo é nominal (DP/NP), o verbo copulativo *shì* pode ocorrer ou não, contexto que não será objeto de estudo no presente trabalho. Assim, pretende-se responder às seguintes questões de investigação:

- Q1.1. Quais são os predicados (AP ou PP) que levantam mais dificuldades no processo de aquisição?
Q1.2. Há um efeito de proficiência na aquisição destas estruturas?

Assumindo que, durante o processo de aquisição de uma L2, os falantes começam por mapear as propriedades das suas L1 na gramática da L2 e que, posteriormente, reestruturam a gramática da L2 em função de novos valores das categorias funcionais (Lardiere 2008, e.o.), espera-se que os falantes chineses de PE L2, nas suas produções, omitam o verbo cópula com predicados AP, mas que o realizem com predicados PP. Espera-se ainda que os falantes de nível avançado apresentem desempenhos mais próximos da gramática-alvo do que os de nível intermédio, manifestando um efeito de progressão.

São analisados os resultados de uma tarefa de produção oral e de um juízo de aceitabilidade em que participaram falantes nativos de PE no grupo de controlo (n=30) e falantes

chineses de PE L2 (n=72) no grupo experimental, de nível intermédio (n=36) e avançado (n=36) (Espírito Santo 2022). Para complementar com dados de produção espontânea, são ainda consideradas as produções escritas de falantes chineses de PE L2 extraídas do *Corpus de Aprendentes de Português Língua Estrangeira/Segunda* (COPLE2).

Numa análise preliminar usando *Jamovi* (Navarro & Foxcroft 2022), os dados dos juízos de aceitabilidade apontam para uma maior dificuldade na aquisição de construções copulativas que envolvem PP predicados de localização de evento (LEV) e AP predicados de mudança de estado (ME) (gráf. 1). Este resultado é contrário ao que se esperava em dados de produção, como acima referido. Além disso, parece não haver um efeito de progressão, dado que os resultados obtidos são similares para todas as condições nos grupos de falantes de nível intermédio e avançado (gráf. 2 e 3). Tais evidências indicam que esta construção será de aquisição tardia em PE L2 por falantes de Chinês L1. Dados retirados do *Corpus de Aprendentes de Português Língua Estrangeira/Segunda* (COPLE2) (Mendes et al. 2016) parecem, no entanto, corroborar a ideia de que, em tarefas de produção, se verifica maior dificuldade com AP do que com PP, visto que, no primeiro contexto, o verbo copulativo é mais frequentemente omitido:

(4) A praia \emptyset _[AP fatástica], ondas \emptyset _[AP boas] e pessoas \emptyset _[AP alegres e simpáticas].
(zh001CVMTD)

(5) Agora eu **estou** _[PP em Lisboa]. (zh029CAETF1)

Considerando que estas construções são compostas de um núcleo predicativo *Pred* onde as relações temáticas são licenciadas (Adger & Ramchand 2003, e.o.), defenderemos que a diferença entre PE e chinês estará no valor do traço de [V] em *Pred*, que os falantes chineses de PE L2 têm de adquirir.

Referências

- Adger, D. & Ramchand, G. (2003). Predication and equation. *Linguistic Inquiry*, 34, 325-359.
- Chang, J. H. (2006). The Chinese copula shì and its origin: A cognitive-based approach. *Taiwan Journal of Linguistics*, 4, 131-156.
- Espírito Santo, A. (2022) *The Acquisition of Prepositional Relative Clauses in European Portuguese by Native Chinese Speakers*. [Unpublished doctoral dissertation]. University of Lisbon.
- Hengeveld, K. (1990). A functional analysis of copula constructions in Mandarin Chinese. *Studies in Language*, 14(2), 291-323.
- Lardiere, D. (2008). Feature-assembly in second language acquisition. In J. Liceras, H. Zobl, & H. Goodluck (eds.). *The role of formal features in second language acquisition*. New York: Lawrence Erlbaum Associates, 106–40.
- Li, C. N., & Thompson, S. (1977). A mechanism for the development of copula morphemes. In C. N. Li (ed.), *Mechanisms of Syntactic Change*, 419-444. Austin: University of Texas Press.
- Mendes, A., Antunes, S., Janssen, M. & Gonçalves, A. (2016). The COPLE2 Corpus: A Learner Corpus for Portuguese. In *Proceedings of the Tenth Language Resources and Evaluation*

Conference – LREC’16, 23-28 May 2016, Portoroz, Slovenia, 3207-3214. Acessível em: <http://teitok.clul.ul.pt/cople2/>

Navarro, D. & Foxcroft, D. (2022). *Learning statistics with jamovi: a tutorial for psychology students and other beginners*. (Version 0.75). DOI: 10.24384/hgc3-7p15.

Sun, C. (2006). *Chinese: a linguistic introduction*. Cambridge: CUP.

Gráfico 1 – Resultados do juízo de aceitabilidade (incluindo todos os falantes de PE L2 dos grupos intermédio e avançado, $n = 72$)

Legenda:

AP – EP: Predicativo Adjetival – Estado Permanente

AP – ME: Predicativo Adjetival – Mudança de Estado

PP – LEV: Predicativo Preposicional – Localização de Evento

PP – LTR: Predicativo Preposicional – Localização Transitória

PP – LPER: Predicativo Preposicional – Localização Permanente

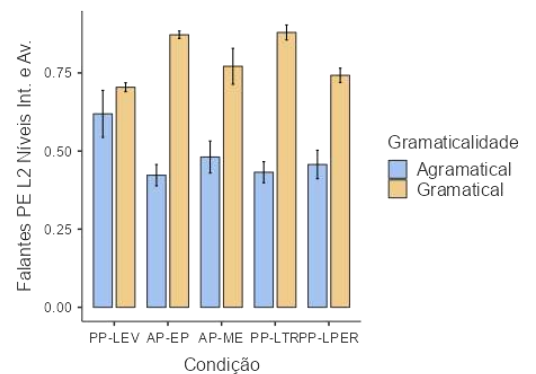


Gráfico 2 - Resultados do juízo de aceitabilidade (falantes de PE L2 de nível intermédio, $n = 36$)

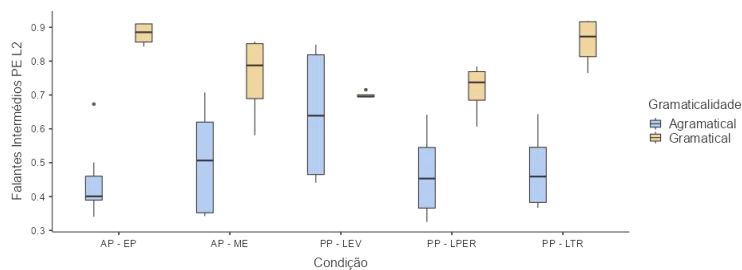
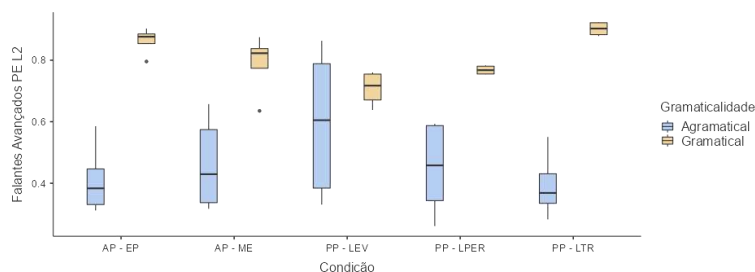


Gráfico 3 - Resultados do juízo de aceitabilidade (falantes de PE L2 de nível avançado, $n = 36$)



Efeitos do input na aquisição de PE L2: o caso dos objetos nulos

Joana Teixeira, Alexandra Fiéis & Ana Madeira

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa

Nos últimos anos, o efeito do input na aquisição de segunda língua (L2) tem vindo a ganhar relevância na investigação desenvolvida no quadro da gramática generativa (Rothman & Slabakova, 2017). De acordo com alguns autores (e.g., Dominguez & Arche, 2014; Slabakova, 2015), propriedades na interface sintaxe-discurso, que, segundo a Hipótese de Interface (Sorace & Filiaci, 2006; Sorace, 2011), constituem a área mais problemática em L2, só causam dificuldades persistentes aos aprendentes quando a evidência no input não é nem frequente nem transparente e a L1 e a L2 diferem. Os objetos nulos em português europeu (PE) constituem um fenómeno apropriado para testar esta hipótese, uma vez que: (i) são mais produtivos em registos orais e coloquiais do que no PE padrão, em que os clíticos são a opção preferencial (Rinke, 2022); (ii) a possibilidade de objetos nulos definidos distingue o PE de outras línguas românicas, nomeadamente o espanhol; e (iii) os objetos nulos do PE envolvem a interface sintaxe-discurso (requerem um antecedente saliente e imediatamente acessível no contexto discursivo ou situacional), bem como a interface sintaxe-semântica (tendem a ser inanimados). Estas propriedades têm sido amplamente investigadas em PE L1 (e.g., Flores, Rinke & Sopata, 2020), mas não em L2.

Procurando colmatar esta lacuna, o presente estudo investiga a aquisição de objetos nulos em PE. Os participantes são adultos: 25 falantes de PE L1 e 30 falantes nativos de espanhol aprendentes PE L2 (10 intermédios, 10 avançados, 10 quase nativos). Tendo em conta que os clíticos, mas não os objetos nulos, são alvo de ensino explícito e que, por isso, o uso de clíticos poderá ser favorecido numa tarefa que permita aos falantes recorrer ao seu conhecimento explícito, foram utilizadas duas tarefas que forcem os participantes a usar primordialmente o seu conhecimento implícito (e.g., Ellis, 2005): uma tarefa de produção oral induzida e outra de juízos de aceitabilidade rápidos na modalidade escrita. A tarefa de produção cruzou as variáveis *acessibilidade do antecedente* (imediatamente vs. não imediatamente acessível) e *animacidade* (animado vs. inanimado). Além destas variáveis, na tarefa de juízos de aceitabilidade, considerou-se ainda a variável *tipo de objeto* (clítico vs. nulo). Em todas as condições, o antecedente do objeto era singular e feminino. A análise estatística foi realizada usando modelos lineares de efeitos mistos com efeitos aleatórios para participantes e itens.

Na tarefa de produção oral, todos os grupos produziram significativamente mais clíticos do que objetos nulos em todas as condições ($ps \leq .00233$) e não foram encontrados efeitos significativos nem de animacidade nem de acessibilidade ($ps \geq .139737$). Isto pode dever-se ao facto de os clíticos parecerem ser a opção preferida no PE padrão. Na tarefa de juízos de aceitabilidade, os participantes também aceitaram clíticos significativamente mais do que objetos nulos em todas as condições ($ps \leq .00148425$). Relativamente aos objetos nulos, o grupo nativo exhibe efeitos estatisticamente significativos de animacidade – a aceitação do objeto nulo é maior na condição de antecedente inanimado ($p = .008702079$) – e de acessibilidade – a

aceitação do objeto nulo é maior na condição em que o antecedente é imediatamente acessível ($p \leq .001$). Nenhum dos grupos de L2 exibe estes efeitos ($ps \geq .293824$).

Com base nestes resultados, chegamos às seguintes conclusões preliminares: (i) ao contrário do que a Hipótese da Interface prediz, as propriedades que envolvem interfaces internas à gramática, como a interface sintaxe-semântica, podem não ser totalmente adquiridas numa L2; (ii) pelo menos quando a L1 e a L2 diferem, os aprendentes podem exibir dificuldades permanentes relativamente a propriedades de interface que são pouco frequentes no input; e (iii) contrariamente ao que tem sido sugerido em alguns trabalhos (e.g., Slabakova, 2015; Sorace, 2014), o input não tem efeitos apenas na aquisição de propriedades na interface sintaxe-discurso, uma vez que também parece afetar interfaces internas à gramática de forma persistente. Contudo, como não podemos excluir a possibilidade de que a baixa aceitação de objetos nulos na tarefa de juízos de aceitabilidade (a tarefa que deve forçar a aceitação de objetos nulos caso as gramáticas dos participantes o permitam) também possa ser um efeito da modalidade da tarefa, estamos atualmente a replicar a tarefa de juízos de aceitabilidade na modalidade oral com os mesmos participantes da tarefa escrita. Estes resultados serão apresentados e discutidos em detalhe.

Exemplo de item do teste de produção oral induzida:

O médico passou a receita e...



Instrução: “Cada item contém uma frase incompleta e uma imagem. Leia a frase em voz alta e complete a frase de acordo com a imagem, usando as palavras que aparecem por baixo. Para além destas palavras, pode usar outras que considere necessárias.”

Exemplo de item do teste de juízos de aceitabilidade rápidos:

Item: *O pai acordou a filha e levou para a escola.*

Nesta tarefa, as frases são apresentadas palavra a palavra a um ritmo de 450 ms por palavra e são seguidas pela seguinte instrução:

“Indique o grau de naturalidade da frase que acabou de ler numa escala de 1 a 5 (1=nada natural; 5=totalmente natural. Se não sabe, carregue em N.”

Referências

- Domínguez, L., & Arche, M.J. (2014). Subject inversion in non-native Spanish. *Lingua*, 145, 243-265.
- Ellis, R. (2005). Measuring implicit and explicit knowledge of a second language: A psychometric study. *Studies in Second Language Acquisition*, 27(2), 141-172.
- Flores, C., Rinke, E., & Sopata, A. (2020). Acquiring the distribution of null and overt direct objects in European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, 19(1), 5.
- Rinke, E. (2022). Animacy effects in null object constructions in European Portuguese: experimental evidence and structural analysis. *Comunicação apresentada no Congresso Internacional em Sintaxe | Homenagem à Professora Doutora Ana Maria Brito*, Universidade do Porto.
- Rothman, J., & Slabakova, R. (2018). The generative approach to SLA and its place in modern second language studies. *Studies in Second Language Acquisition*, 40(2), 417-442.
- Slabakova R. (2015). The effect of construction frequency and native transfer on L2 knowledge of the syntax–discourse interface. *Applied Psycholinguistics*, 36(3), 671-699.
- Sorace, A. (2014). Input, timing, and outcomes in a wider model of bilingualism. *Linguistic Approaches to Bilingualism* 4, 377-380.
- Sorace, A. (2011). Pinning down the concept of “interface” in bilinguals. *Linguistic Approaches to Bilingualism*, 1(1), 1-33.
- Sorace, A., & Filiaci, F. (2006). Anaphora resolution in near-native speakers of Italian. *Second Language Research*, 22(3), 339-368.

**Generalisation of ‘pure’ morphology:
Dual-mechanism in native speakers, similarity in second language learners**

João Veríssimo

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa,
Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

Much linguistic and psycholinguistic research has attempted to characterize the mental representations that account for morphological productivity. Various analogical and connectionist models assume that productivity is essentially determined by frequency and similarity [1,2]. In contrast, dual-mechanism models postulate that similarity-based generalisations play a role at the irregular periphery of morphology, but that truly productive knowledge is couched in the form of context-free operations, or rules [3,4].

Despite intensive investigation, the evidence still does not favour one side or the other. Two possible reasons are, firstly, that the focus of the debate has been on the generalisation of very simple inflectional operations, consisting of straightforward form-to-meaning mappings (e.g., the English past-tense); and secondly, that many of the examined test cases have compared rather different linguistic operations (e.g., for regular vs. irregular verbs), so that the morphological distinctions of interest are often confounded with other (non-morphological) factors.

In the present study, we examined an instance of ‘pure’ morphology, verbal conjugation classes in Portuguese. Conjugation classes are abstract features that have no meaning or function beyond their morphological properties, so that any experimental differences between them cannot easily be ascribed to non-morphological factors. In addition, the Portuguese verbal system makes a clear division between the 1st conjugation, which extends to novel verbs, and the 2nd and 3rd conjugations, which are not productive; thus, this system may present a contrast between context-free generalisations, and those that are more restricted and based on similarity.

We present a novel way of investigating the theoretical proposals above, by examining dissociations between two different populations on the same linguistic phenomena and materials. If indeed the language faculty allows for both context-free and similarity-based generalisations, and if these components can be found to be affected by individual characteristics, then it should be possible to find particular individuals or groups who rely more (or exclusively) on one type of generalisation. We envisaged that non-native (L2) speakers would provide the ideal test case for this hypothesis, since previous research suggests that late learners present difficulties with the structural aspects of language [5], and thus may show limited acquisition of full-fledged morphological rules.

We investigated whether L2 responses to 78 novel verbs were predicted by a computational model that generalises conjugation classes on the basis of phonological similarity (the MGL model of [6]). Two identical elicited production experiments were conducted with advanced (late) learners of Portuguese (total n = 46, Chinese L1). Participants had to produce

conjugation-marked infinitives from unmarked forms, potentially making use of their phonological characteristics. The L2 responses were compared against those of a group of 54 native speakers (previously reported in [7]). The results showed that native speaker responses were predicted by the MGL model, but only for the 2nd and 3rd conjugations; generalisation of the 1st conjugation to novel verbs was unaffected by phonological similarity. In contrast, in both experiments, the responses of L2 speakers were predicted by the MGL model for all three conjugation classes. That is, L2 speakers employed phonological information as a cue to conjugation assignment even in cases where native speakers did not (namely, for the 1st conjugation, see Fig. 1).

The results suggest that native speakers partition the space of conjugation classes by distinguishing between context-free and similarity-based generalisations. Late L2 learners do not make such a principled distinction and rely exclusively on phonological similarity. We conclude that natively-acquired morphology is indeed organised along dual-mechanism principles, but that this organisation is not easily acquired and employed by adult learners.

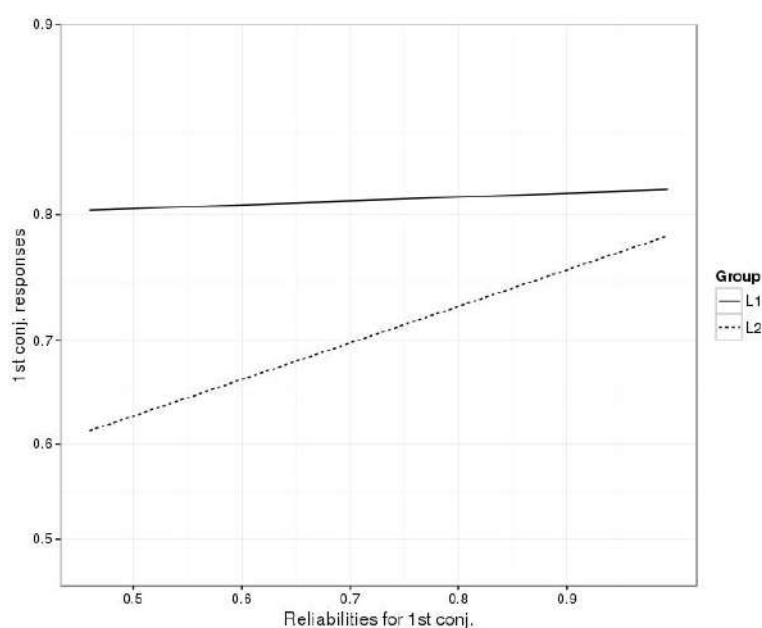


Figure 1: Effect of a measure of phonological similarity to 1st conjugation verbs on the proportion of 1st conjugation responses, for L1 and L2 groups, as estimated by a logistic regression model. The results show a significant interaction between group and phonological similarity.

References

- [1] Rumelhart & McClelland (1986), in *Parallel distributed processing*, MIT Press. [2] Skousen et al. (2002), *Analogical modeling*, John Benjamins. [3] Pinker & Ullman (2002), *TICS*, 6. [4] Yang (2016), *The price of linguistic productivity*, MIT Press. [5] Clahsen & Felser (2006), *TICS*, 10. [6] Albright (2002), *Language*, 78. [7] Verissimo & Clahsen (2014), *JML*, 76.

As propriedades sintático-semânticas das partículas modais do PE

João Azevedo & Jacob Maché

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa,

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

Este artigo será sobre elementos lexicais do Português Europeu que são candidatas para a categoria de “partículas modais”, nomeadamente *afinal*, *sempre*, *lá pós-verbal* e *pré-verbal* e *cá*. Todas surgem mencionadas nas gramáticas tradicionais de A. B. S. Martins (1899); *Torrinha* (1937-38); *Celso Cunha* (1986), *Franco* (1990), *Franco* (1998), e no trabalho de *Meisnitzer* (2012:344–353). Também serão mencionados os marcadores discursivos *claro*, investigado por *Mendes and Lejeune* (2022), e embora de acordo com a sua análise por *Pinto de Lima* (1997).

Será proposto que a sensibilidade ao discurso e o valor modal de alguns destes elementos permite integrá-los numa categoria fechada distinta dos restantes advérbios, e a importância destas propriedades em específico tem como base as investigações de *Thurmair* 1989:44–82 e *Zimmermann* 2011:2024–2027).

Tendo em conta esta nova divisão, o artigo propõe ainda a junção do elemento nem como uma partícula modal possível em alguns dos seus contextos de aplicação possíveis.

No início, será ilustrado que o termo “partícula modal” é idiossincrático ao longo da sua evolução e pode criar problemas de análise. Proposto inicialmente por *Weydt* (1969) para descrever alguns lexemas frequentes na língua alemã que não se enquadravam na descrição teórica tradicional de advérbio, o termo acabou por se tornar controverso por não conduzir a uma definição taxativa dos elementos que o integram. A respeito disso, *Thurmair* (1989:3) já havia observado que, nos vários estudos cujo tema principal era precisamente as partículas modais, o termo “modal” era usado apenas para descrever que estes elementos veiculavam algum tipo de informação extraproposicional não-especificado e, conseqüentemente, não contribuía muito para caracterizar estes lexemas. Mais tarde, *Portner* (2009:1) propôs uma definição mais clara e fiel, com a qual afirma que a modalidade faz afirmações acerca de situações em mundos possíveis ou possibilidades irreais. Assim sendo, apenas um grupo muito pequeno das 20 partículas modais identificadas por *Thurmair’s* (1989:49) pode de facto fazer referência a mundos possíveis.

Em contrapartida, muitas delas comunicam algo acerca do conhecimento partilhado ou acerca das crenças do locutor e interlocutor. Isto faz com que o termo “marcador discursivo” seja cada vez mais utilizado para descrever este conjunto de elementos (cf. *Abraham* 1991, *Zimmermann* 2011, *Bayer and Struckmeier* 2017).

Ao analisar as propriedades sintáticas das partículas modais, é possível identificar duas perspectivas de abordagem. A tradição académica alemã, por um lado, identifica que: (i) elas não podem ocupar posições sensíveis para a estrutura informacional, como o *Vorfeld* em Alemão (cf. *Engel* 1988:749, 764–765, *Thurmair* 1989:25–29, *Helbig and Buscha* 1991:475, *Helbig* 1994:22–24 *Eisenberg* 2013:233–235); (ii) não há nenhum pronome interrogativo capaz de produzir como resposta o marcador discursivo a ser testado, ao contrário dos advérbios de

modo; (iii) e, na língua alemã, há outras restrições sintáticas, como por exemplo alguns marcadores estarem limitados quanto a determinação dos SN à sua volta. No tratamento destes elementos na língua portuguesa, Franco (1990) e (cf. Waltereit 2001 and Remberger 2021) propõem que: (i) embora haja alguma liberdade sintática quanto às partículas, elas não formam um sintagma dentro da estrutura da frase que ocupam, encontrando-se quase sempre na cabeça da frase ou no seu final, como se verifica na consulta em corpus feita para este artigo; (ii) tal como a segunda propriedade identificada para o Alemão, estes elementos não podem ser questionados individualmente; (iii) estes elementos nunca podem ser negados ou estar dentro do escopo de qualquer negação, algo que também se confirma em todos os elementos testados, inclusive aqueles que são eles próprios operadores de negação, como lá A. Martins (2010) e nem; (iv) eles não podem ser intensificados por outros advérbios, embora possam ser combinados com outros marcadores discursivos.

Existe, ainda, uma gradação relevante quanto à liberdade sintática de alguns destes constituintes. Afinal, por exemplo, ocorre naturalmente em várias posições da frase:

- (1) porque afinal ela sabe perfeitamente¹
- (2) eu afinal falo à maneira de Braga¹
- (3) E eu ia ver onde é que eles estavam afinal¹

Como se pode verificar nestes exemplos em corpus, afinal pode surgir sintaticamente antes do sujeito e do predicado como em (1), entre o sujeito e predicado em (2) e depois do sujeito e do predicado em (3). Embora a posição de início de frase seja a mais verificada, como Franco (1990) afirmou, qualquer uma destas posições é regular. Nem com a propriedade de ser sensível ao discurso, contudo, parece ocorrer exclusivamente em posição pré-verbal e sempre precedido pelo sujeito:

- (4) nem tinha idade para ter mota¹
- (5) nem são tão bem tratados não é?¹

Há, ainda, o marcador discursivo lá que depende da posição sintática pré-verbal ou pós-verbal para contrastar dois valores discursivos distintos, sendo que nenhum está ancorado à propriedade de dêitico locativo presente no advérbio lá:

- (6) tu lá sabes...
- (7) tu sabes lá !

Sendo que este contraste é estabelecido principalmente pela posição do marcador, não podemos realmente falar em qualquer liberdade sintática nestes elementos, pois ela não se verifica em nenhum dos exemplos encontrados em corpora.

Este artigo procura, então, testar os vários elementos candidatos à luz destas propriedades sintático-semânticas e propor uma classificação mais sistemática que permita redefinir a fronteira entre os marcadores discursivos e os restantes advérbios (de modo, intensidade, frase, etc.) de forma a conseguir responder às seguintes questões centrais: será que existem partículas modais em Português Europeu? Ao existirem, como podemos diferenciá-las dos advérbios e de que forma é que estes elementos diferem das partículas alemãs já extensivamente estudadas? Serão aproveitados os benefícios da Type Theory with Records (cf.

Cooper (2005b), Cooper (2005a) e Ginzburg (2012)) para modelar a informação sensível ao discurso veiculada por estes elementos, que fará parte da sua entrada lexical no seu DIALOGUE GAME BOARD-value, que é herdado até ao mother node da frase. Sintaticamente, cada partícula discursiva tem o seu conjunto individual de propriedades, o que justifica o seu comportamento heterogéneo.

¹ Rodrigues, Celeste. 2022. DILeB - Discurso Informal de Lisboa e Braga. Lisboa: CLUL - 2020: UIDB/00214/.

Referências

- Abraham, Werner, ed. (1991). *Discourse particles. Pragmatics & Beyond New Series 12*. Amsterdam: John Benjamins.
- Bayer, Josef and Volker Struckmeier, eds. (2017). *Discourse Particles. Formal Approaches to their Syntax and Semantics*. Berlin: De Gruyter.
- Celso Cunha, Luís F. Lindley Cintra (1986). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Cooper, Robin (2005a). "Austinian Truth, Attitudes and Type Theory". In: *Research on Language and Computation 3*, pp. 333–362. DOI : 10.1007/s11168-006-0002-z.
- (2005b). "Records and record types in semantic theory". In: *Journal of Logic and Computation 15.2*, pp. 99–112.
- Eisenberg, Peter (2013). *Grundriß der deutschen Grammatik: Der Satz*. 4th ed. Vol. 2. GB 1602 E36?? Stuttgart: Metzler.
- Engel, Ulrich (1988). *Deutsche Grammatik*. Heidelberg: Groos.
- Franco, António (1990). "Partículas Modais do Português". In: *Revista da Faculdade de Letras : Línguas e Literaturas 7*, pp. 176–196.
- (1998). "Partículas Modais da Língua Portuguesa: Relances Contrastivos com as Partículas Alemãs". In: *Revista da Faculdade de Letras : Línguas e Literaturas 5.1*, pp. 137–156.
- Ginzburg, Jonathan (2012). *The interactive stance: meaning for conversation*. Oxford University Press.
- Helbig, Gerhard (1994). *Lexikon deutscher Partikel*. Leipzig: Langenscheidt.
- Helbig, Gerhard and Joachim Buscha (1991). *Deutsche Grammatik: ein Handbuch für den Ausländerunterricht*. Berlin: Langenscheidt.
- Martins, A. B. Santos (1899). *Pontos de Grammatica Portugueza e Exercicios Praticos*. Ed. by Manoel Gomes. Livraria Avelar Machado.
- Martins, Ana (Jan. 2010). "Negação metalinguística (lá, cá e agora)". In: pp. 567–587.
- Meisnitzer, Benjamin (2012). "Modality in the Romance languages: Modal verbs and modal particles". In: *Theory of Mind Elements across Languages*. Ed. by Werner Abraham and Elisabeth Leiss. *Trends in Linguistics 243*. Berlin: de Gruyter, pp. 335–360.

- Mendes, Amália and Pierre Lejeune (2022). Marcadores discursivos e marcadores modais: uma análise contrastiva de claro e seus equivalentes funcionais em francês. Talk given at Associação Portuguesa de Linguística.
- Pinto de Lima, José (1997). “Caminhos semânticos-pragmáticos da gramaticalização: O case de embora.” In: *Sentido que a Vida Faz. Estudos para Óscar Lopes*. Ed. by Ana Maria Brito et al. Porto: Campo das Letras, pp. 643–655.
- Portner, Paul (2009). *Modality*. Oxford: Oxford University Press.
- Remberger, Eva-Maria (2021). “Discourse and pragmatic markers in the Romance languages.” In: *The Oxford Encyclopedia of Romance Linguistics*. Ed. by Michele Loporcaro and Francesco Gardani. Oxford University Press. DOI : 10.1093/acrefore/9780199384655.013.675.
- Thurmair, Maria (1989). *Modalpartikeln und ihre Kombinationen*. Linguistische Arbeiten 223. Max Niemeyer.
- Torrinha, Francisco (1937-38). *Gramática Portuguesa*. Porto: Edições Marânus.
- Waltereit, Richard (Sept. 2001). “Modal particles and their functional equivalents: a speech-act-theoretic approach”. In: *Journal of Pragmatics* 33.9, pp. 1391–1417. DOI : 10.1016/S0378-2166(00)00057-6. URL : <https://doi.org/10.1016%2Fs0378-2166%2800%2900057-6>.
- Weydt, Harald (1969). *Abtönungspartikel. Die deutschen Modalwörter und ihre französischen Entsprechungen*. Bad Homburg: Gehlen.
- Zimmermann, Malte (2011). “Discourse particles”. In: *Semantics. An International Handbook of Natural Language Meaning*. Ed. by Claudia Maienborn, Klaus von Stechow, and Paul Portner. Vol. 33.2. *Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft*. Berlin: De Gruyter, pp. 2011–238.

**Notas sobre quantificação no domínio verbal em Português Europeu:
o caso de estados e processos**

Inês Cantante

CLUP/ FLUP

O fenómeno da quantificação permite, dito de forma geral e abrangente, expressar quantidades que podem aplicar-se a entidades (ou seja, domínio nominal), mas também a situações estativas ou eventivas, podendo, neste caso, fazer-se referência à quantidade de situações verificadas ou, por outro lado, à sua extensão temporal, i.e., à sua duração (cf. Leal, 2009). No entanto, e apesar da vasta investigação no domínio nominal (cf. Montague, 1973; Lewis, 1975; Barwise & Cooper, 1981; Partee, 1988; 1991; 1995; 1999; Peres, 1992; Oliveira, 1997; Westerståhl, 1999; Muller & Oliveira, 2004; Oliveira & Cunha, 2003; 2011; Leal, 2009; entre muitos outros), no domínio verbal, o tema da quantificação tem sido abordado apenas em alguns trabalhos, como Quadros Gomes (2018; 2021), para o Português do Brasil (PB), Leal (2012), onde se reflete um pouco sobre quantificação no domínio verbal em Português Europeu (PE), e também noutras línguas, como o Inglês e o Espanhol, onde se foca, sobretudo, a quantificação adverbial ou o estudo de orações comparativas. Por isso, o presente estudo pretende analisar problemas de quantificação no domínio verbal, cingindo-se apenas às classes aspetuais Processos e Estados (cf. Vendler, 1967; Dowty, 1979; Moens, 1987; Moens & Steedman, 1988; Oliveira, 2003). A seleção destas categorias é justificada por serem bastante próximas em termos de traços aspetuais, i.e., ambas são homogéneas, durativas e atélicas, o que permite fazer uma análise em que não há interferência de traços relativos à telicidade ou à pontualidade dos eventos, por exemplo.

Para Quadros Gomes *et al.* (2021), com base em dados do PB, quando presentes em sintagmas verbais, os quantificadores *muito/pouco* selecionam semanticamente os seus complementos em termos de dimensões aspetuais, projetadas pelos próprios verbos, aceitando modificar, apenas, escalas abertas que, no seu entendimento, poderão ser representadas por duas possibilidades: frequência (repetição de eventos) ou duração medida (extensão temporal do evento). Segundo os mesmos autores, ao contrário das ‘atividades’ (correspondentes aos processos, no enquadramento teórico do presente trabalho), os estados não projetam nenhuma destas escalas. Consequentemente, a modificação por *muito/pouco* apenas é possível em ‘estados com verbos inerentemente graduais’ e exclusivamente numa leitura de intensificação (vaga e elevada, para *muito*, ou baixa, para *pouco*), rejeitando, por isso, a leitura escalar que, de acordo com os mesmos autores, estará disponível para os processos. O objetivo deste trabalho é, assim, determinar, por um lado, quais as leituras atribuíveis a frases com Processos e com Estados nas quais há presença dos quantificadores *muito* e *pouco* em PE, e, por outro, avaliar se, nos Processos, que, à partida, deverão disponibilizar maior número de interpretações, os verbos analisados apresentam todos as mesmas leituras. Além da distinção entre verbos estativos e eventivos, os segundos serão subdivididos em verbos que representam ‘tipos de

atividades' (tipicamente apelidados de 'performance verbs') e verbos que representam movimento (modo ou direção) (cf. Levin, 1993).

Os resultados parecem mostrar que os processos, quando quantificados por *muito/pouco*, mostram grande diversidade de leituras (cf. (1)), ao contrário dos estados (cf. (2)), que apresentam fundamentalmente leituras de intensidade – podendo, todavia, disponibilizar outras leituras. De facto, em (2), é perfeitamente viável assumir que *muito* pode fazer referência, não só à extensão temporal da vida do indivíduo de quem se fala (i.e., idade), mas também a uma leitura de quantidade (parafraaseável por *passou por muitas coisas*), e que não deve ser confundida com a leitura de frequência (que, se possível, seria referente a um determinado número de repetições do estado 'viver'). Por sua vez, *pouco* (cf. (1a.) e (2a.)) revela-se mais restritivo, pois, apesar de haver leituras que se mantêm em alguns casos, noutros, deixam de ser possíveis, tendo de ser analisadas caso a caso.

(1) **Estudei muito**, mas também tive fases menos boas. (*par=ext583841-clt-96b-2*)

a. «Eu **estudava pouco**, odiava estudar, era a pior coisa da minha vida.
(*par=ext149688-clt-95a-1*)

(2) Afinal, **viveste muito**." (*par=ext663442-nd-95a-1*)

a. Em Portugal, onde a geração dos pais **viveu pouco** a «revolução sexual» dos anos 60 e 70, os adolescentes têm tendência a multiplicar os contactos em namoros sem compromisso, «curtindo» uma sexualidade preambular e inevitavelmente vivida (...). (*par=ext844625-soc-94a-1*)

Assim, mesmo dentro da classe dos processos, parece haver variação: veja-se, por exemplo, o caso de *correr*, em que, além das já mencionadas, são igualmente válidas leituras relativas à distância percorrida, à velocidade da corrida ou, ainda, à sua qualidade (representando, por exemplo, uma *performance* perfeita relativamente a certos padrões de qualidade relevantes). De facto, os dados parecem mostrar que, quando quantificados, os verbos de movimento apresentam certas particularidades, já que, por exemplo, os verbos de movimento direcionado (como *ir* e *vir*), bem como verbos que especificam o veículo utilizado para o movimento (*viajar de avião*, *andar de bicicleta*) apenas permitem uma leitura de frequência. Verifica-se, então, que, mesmo dentro da mesma classe, as leituras obtidas não são constantes, nem em número, nem em relevância.

Note-se ainda que, apesar de efetivamente apresentarem menos leituras que os processos, os estados não permitem, apenas, leituras de intensidade, sendo, também, possíveis outras leituras, como duração, quantidade e frequência. Tal poderá significar que a interpretação final não está apenas dependente do quantificador, tendo o contexto linguístico e, portanto, o próprio verbo, uma importância fundamental.

Palavras-chave: Quantificação; Domínio Verbal; Classes Aspetuais; Estados; Processos

Referências

- Barwise, J. & Cooper, R. (1981). Generalized quantifiers and natural language. *Linguistics and Philosophy*, 4. pp. 159-219.
- Dowty, D. (1979). *Word Meaning and Montague Grammar. The Semantics of Verbs and Times in generative Semantics and in Montague's PTQ*. Dordrecht, Reidel.
- Leal, A. (2009). Semântica Aspectual e Nominal: Contributo das expressões nominais para a construção aspectual da frase. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. [Tese de Doutoramento]
- Leal, A. (2012). Cada vez mais/menos: comparative construction or quantification over eventualities? In C. Schnedeker & C. Armbrecht (eds.), *La quantification et ses domaines*. Paris : H. Champion, pp. 355-366.
- Levin, B. (1993). *English Verb Classes and Alternations: a preliminary investigation*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Lewis, D. (1975). Adverbs of Quantification. In E. L. Keenan (ed.), *Formal Semantics of Natural Language*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 3-15.
- Moens, M. (1987). *Tense, Aspect and Temporal Reference*. Edimburgo: University of Edinburgh. [Tese de Doutoramento]
- Moens, M. & Steedman, M. (1988). Temporal Ontology and Temporal Reference. *Computational Linguistics*, 14 (2), pp. 15-28.
- Montague, R. (1973). The proper treatment of quantification in ordinary English. In K. J. J. Hintikka; J. M. E. Moravcsik & P. Suppes (eds.), *Approaches to Natural Language* (Synthese Library), 49. Dordrecht: Reidel, 221-242.
- Muller, A. & Oliveira, F. (2004). Bare Nominals and Number in Brazilian and European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, 3, pp. 9-36.
- Oliveira, F. (1997). Frases Genéricas. In *Sentido que a vida faz. Estudos para Óscar Lopes*, pp. 745-755.
- Oliveira, F. (2003). Tempo e aspecto. In I. Duarte; I. Hub Faria & M.H.M. Mateus (eds.), *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 127-178.
- Oliveira, F. & Cunha, F. L. (2003). Termos de Espécie e Tipos de predicados. *Língua Portuguesa: Estruturas, Usos e Contrastes*. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto, pp- 57-78.
- Oliveira, F. & Cunha, L. F. (2011). Tipos de Genericidade. In A. Costa; I. Falé & P. Barbosa (Orgs.), *XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística – Textos Selcionados*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, pp. 446-459.
- Partee, B. (1988). Many Quantifiers. In J. Powers & K. de Jong (eds.), *ESCOL 89: Proceedings of the Eastern States Conference on Linguistics*. Ohio: Ohio State University, pp. 383-402. (Reprinted in Partee, B. (2004). *Compositionality in Formal Semantics: Selected Papers by Barbara H. Partee*. Oxford: Blackwell Publishing, pp. 241-258).

- Partee, B. (1991a). Adverbial Quantification and Event Structures. *Proceedings of the Seventeenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society: General Session and Parasession on The Grammar of Event Structure*. pp. 439-456.
- Partee, B. (1991b). Topic, Focus and Quantification. *Semantics and Linguistic Theory*, 1. pp. 159-188.
- Partee, B. (1995). Quantificational Structures and Compositionality. In E. Bach, E. Jelinek, A. Kratzer & B. H. Partee (eds.), *Quantification in Natural Languages*. Berlin: Springer Science+Business Media, pp. 541-601.
- Partee, B. (1999). Nominal and Temporal Semantic Structure: Aspect and Quantification. In E. Hajicova, T. Hoskovoc, O. Leska, P. Sgall & Z. Skoumalová (eds.), *Prague Linguistic Circle Papers*, Vol. 3. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 91-108.
- Peres, J. (1992). Questões de Semântica Nominal. *Cadernos de Semântica*, 1. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Quadros Gomes, A. P. (2018). Restrições aspetuais à distribuição do advérbio baixo muito. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 60 (1), pp. 198-221).
- Quadros Gomes, A. P.; Gomes, A. C. N. & Medeiros, B. S. (2021). Estrutura escalar em classes acionais – As propriedades aspetuais visíveis para a gramática. *Diacrítica*, 35 (1), pp. 78-103.
- Vendler, Z. (1967). *Linguistics in Philosophy*. Ithaca. NY: Cornell University Press.
- Westerståhl, D. (1999). Quantifiers in Formal and Natural Languages. In Gabbay, D & Guenther, F. (eds.), *Handbook of Philosophical Logic – Volume IV: Topics in The Philosophy of Language* Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, pp. 1-131

A expressão da habitualidade com o verbo *costumar* – tempo verbal e interação com adjuntos frequentativos

Telmo Mória

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa,
Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

Os valores de habitualidade (afins, mas distinguíveis, de valores como iteratividade, ou correlação entre eventos) podem ocorrer sem sinalização explícita, em português, como em muitas línguas do mundo – cf. e.g. observações de Michaelis (2006: 12-13) sobre a oposição episódico / genérico (habitual). Nesses casos, a tradição gramatical tem associado estes valores ao uso de **tempos verbais específicos** – e.g. presente genérico, como em (1) ou em (5) –, que alegadamente marcariam os valores em causa de forma explícita (cf. e.g. Peres 1993, Oliveira 2013). Porém, importa sublinhar que praticamente todos os outros tempos verbais são compatíveis com a expressão de valores de habitualidade, colocando em causa a existência de uma relação direta forma-valor envolvendo flexão verbal e marcação da habitualidade:

- (1) O Pedro **joga** ténis.
- (2) O Pedro já **jogou** ténis, quando era adolescente. Agora já não joga.
- (3) Na época, o Pedro **jogava** ténis. Agora já não pratica nenhum desporto.
- (4) Acho que nunca **jogarei** ténis: é um desporto muito agressivo para as articulações.

Entretanto, as línguas dispõem frequentemente de um conjunto de **marcadores explícitos de habitualidade**, que em português incluem, destacadamente: (i) o verbo auxiliar *costumar* – cf. (6) –, (ii) advérbios como *habitualmente* e afins – cf. (7) – e (iii) expressão predicativas verbais (de base nominal ou adjetival) com *ter o hábito (de)* ou *ser habitual* – cf. (8)-(9).

- (5) O Pedro **janta** cedo.
- (6) O Pedro **costuma** jantar cedo.
- (7) **Habitualmente/Normalmente**, o Pedro janta cedo.
- (8) O Pedro **tem o hábito de** jantar cedo.
- (9) **É babitual** o Pedro jantar cedo.

Nesta comunicação, serão analisados e comparados estes diferentes mecanismos de marcação explícita de valores de habitualidade, com foco no uso do **verbo auxiliar *costumar***, que apresenta interessantes restrições gramaticais (e, tanto quanto sei, não tem sido muito explorado na literatura). Observe-se, por exemplo, a dificuldade de combinar o verbo *costumar* com formas verbais perfeitivas, mesmo quando está em causa a expressão de valores de anterioridade, ao contrário do que acontece, por exemplo, com *ter o hábito (de)* – cf. (11) – ou em frases sem marcadores de habitualidade explícitos – cf. (12) (ou (2) acima):

- (10) Sabes que eu {**costumava** / *já **costumei**} fumar dois maços de tabaco por dia?
- (11) Sabes que eu {**tinha** / já **tive**} o hábito de fumar dois maços de tabaco por dia?
- (12) Sabes que eu {**fumava** / já **fumei**} dois maços de tabaco por dia?

(Mas entretanto ganhei juízo e já deixei de fumar.)

A interação entre *costumar* e adjuntos frequentativos *lato sensu* tem especial interesse para a descrição gramatical e será também discutida nesta apresentação:

(13) O Pedro **costuma** jantar {**sempre / muitas vezes / às vezes**} jantar neste restaurante.

A análise centrar-se-á nas questões de semântica temporal relevantes, partindo das análises que têm sido propostas para o inglês (cf. e.g. Krifka et al. 1995, Carlson 2012) e usando como enquadramento formal a Teoria da Representação do Discurso (cf. Kamp & Reyle 1993). Serão considerados com algum pormenor aspetos de forma, e de correspondência forma-valor, envolvendo variações sintáticas e morfossintáticas. A variedade a caracterizar é o português europeu padrão contemporâneo (sem prejuízo de que outras variedades possam ser esporadicamente consideradas e referidas). O estudo usará privilegiadamente dados linguísticos de *corpora* (tanto jornalístico, como literário), disponíveis no “website” www.linguateca.pt, de forma a ilustrar ou fundamentar as generalizações propostas.

Referências

- Carlson, Greg: 2012, “Habitual and Generic Aspect”, in Robert I. Binnick (ed.), *The Oxford Handbook of Tense and Aspect*, Oxford: Oxford University Press, pp. 828-851.
- Kamp, Hans & Uwe Reyle: 1993, *From Discourse to Logic. Introduction to Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory*, Dordrecht: Kluwer.
- Krifka, Manfred et al.: 1995, “Genericity: An Introduction”, in Greg Carlson & Francis Pelletier (eds.), *The Generic Book*, Chicago: The University of Chicago Press, pp. 1-124.
- Michaelis, Laura A. Michaelis: 2006, “Time and Tense”, in B. Aarts & A. McMahon (eds.), *The Handbook of English Linguistics*. Oxford: Blackwell (versão disponível em <https://spot.colorado.edu/~michaeli/MichaelistenseHEL.pdf>)
- Oliveira, Fátima: 2013, “Tempo Verbal”, in Eduardo B. P. Raposo et al. (orgs.), *Gramática do Português*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 509-553.
- Peres, João Andrade: 1993, “Towards an Integrated View of the Expression of Time in Portuguese (First Draft)”, *Cadernos de Semântica* 14, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Uma construção especial com só – interação com quantificadores e sinalização de quantidades elevadas e dignas de nota

Ana Teresa Alves¹ & Telmo Mória²

¹ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade dos Açores

² Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa,
Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

Nesta comunicação, iremos analisar – numa perspetiva predominantemente semântica – a construção ilustrada em (1)-(3), interessando-nos em particular o contributo semântico do operador só:

1. **Só** o Paulo ganhou 10.000€ nesse negócio.
2. **Só** na Europa Ocidental, são recicladas anualmente cerca de um milhão de toneladas de plástico.
3. **Só** na turma A houve 15 negativas.

Na leitura que aqui nos interessa, e de acordo com as nossas intuições, os enunciados significam, respetivamente, que o Paulo ganhou 10.000€ no negócio, que na Europa Ocidental são recicladas anualmente cerca de um milhão de toneladas de plástico, e que na turma A houve 15 negativas, e adicionalmente, o que é crucial e distintivo da construção em causa, que há o *implicatum* de que o valor ganho pelo Paulo, de que a quantidade de plástico reciclado na Europa Ocidental e de que o número de negativas da turma A são dignos de ser assinalados por serem muito elevados ou importantes (e.g. face a determinadas expectativas). Este último aspeto do significado dos enunciados, que, em nosso entender, está intrinsecamente associado ao uso de só, torna-se bastante evidente quando comparamos os três exemplos acima com as suas contrapartidas sem só (cf. 4-6), e quando verificamos que estas contrapartidas podem ser seguidas de comentários avaliativos acerca da quantidade, descrevendo-a como pequena ou inferior ao esperado, o que não é permitido nos enunciados com só (cf. 7-9).

4. O Paulo ganhou 10.000€ nesse negócio, {^{ok}o que é pouco/^{ok}o que é muito}.
5. Na Europa Ocidental, são recicladas anualmente cerca de um milhão de toneladas de plástico, {^{ok}o que é pouco/^{ok}o que é muito}.
6. Na turma A houve 15 negativas, {^{ok}o que é menos do que é habitual/^{ok}o que é mais do que é habitual}.
7. **Só** o Paulo ganhou 10.000€ nesse negócio, {[#]o que é pouco/^{ok}o que é muito}.
8. **Só** na Europa Ocidental, são recicladas anualmente cerca de um milhão de toneladas de plástico, {[#]o que é pouco/^{ok}o que é muito}.
9. **Só** na turma A houve 15 negativas, {[#]o que é menos do que é habitual/^{ok}o que é mais do que é habitual}.

Tanto quanto é do nosso conhecimento, trata-se de uma construção com só não estudada para o português (como, de resto, acontece com várias outras construções com só). Também, tanto quanto sabemos, não está bem estudada para o inglês a construção correspondente, que seria veiculada por *alone*. Contudo, a literatura inglesa sobre o operador

de exclusão afim, *only*, é extensa e nela são considerados certos efeitos ou significados não vericonditionais que podem ser relevantes para o estudo que pretendemos fazer – cf. em especial von Fintel & Iatridou 2007, Zeevat 2009 e 2013 e Greenberg 2022.

A comunicação segue o seguinte roteiro: uma vez identificada e exemplificada a construção em estudo, serão referidas, de forma breve e em contraste com ela, outras construções em que *só* apresenta propriedades distintas. Seguidamente, proceder-se-á à caracterização gramatical pormenorizada da construção e à descrição das suas condições de felicidade. De forma sintética, esta construção caracteriza-se, crucialmente, por envolver a referência explícita a uma quantidade de entidades, de diferentes tipos ontológicos, ou uma enumeração das mesmas – cf. (10) vs. (11). Mais especificamente: superficialmente *só* aplica-se a expressões que podem denotar pessoas, lugares, tempos, atividades ou qualquer outro tipo de entidade, destacando essa entidade no que respeita a uma quantidade que lhe está associada, e que é interpretada como sendo elevada (face a um determinado valor de referência pragmaticamente definido).

10. Só ontem recebemos {^{ok}50 telefonemas/^{ok}telefonemas do Presidente da República, do Ministro da Saúde e do Primeiro Ministro}.

11. #Só o Paulo comprou a casa / **#Só** ontem vi o filme.

A emergência da leitura em causa está sujeita a diversas restrições, destacando-se as que afetam (i) a expressão a que *só* diretamente se aplica – cf. (12), (ii) o quantificador (ou determinante) presente na expressão quantificacional obrigatória – cf. (13)-(14), e (iii) a (im)possibilidade de utilização de expressões como *só* (repetido), *somente* ou *apenas* na mesma frase – cf. (15). Vejam-se alguns exemplos, em que # significa a inexistência da leitura pretendida.

12. #Só {alguns/poucos} cientistas escreveram mais de 20 artigos.

13. Só o Paulo escreveu {#menos de 20/#no máximo 20/#muitos/#poucos/^{ok}mais de 20} artigos.

14. Só um par de sapatos da Gucci custa {#menos do que/^{ok}tanto como/^{ok}mais do que} uma viagem Lisboa – Nova Iorque.

15. Só o Paulo escreveu {#apenas/#só/#somente} 20 artigos.

Esta construção caracteriza-se ainda pelo facto de a expressão que descreve a quantidade ficar obrigatoriamente fora do escopo da negação. Repare-se que a emergência da leitura relevante num exemplo como (16) *só* é facilitada num contexto mais alargado, como o apresentado em (17).

16. Só o Paulo não respondeu a quatro questões.

17. O teste era verdadeiramente difícil e muitos alunos deixaram várias respostas em branco. Só o Paulo não respondeu a quatro questões.

Finalmente, serão ainda apresentadas e descritas construções afins da construção em estudo, mas envolvendo expressões como *apenas*, *sozinho*, ou os quantificadores *pouco mais de* e *menos de*, como nos seguintes exemplos:

18. {Em pouco mais de dois meses / Em apenas dois meses / Em menos de 72 horas / Eu sozinha}, vendi 20 apartamentos.

Em síntese, concentrar-nos-emos nesta comunicação numa construção especial com só (não destacada na literatura) – cf. (1)-(3) – que se caracteriza por introduzir um significado não vericondicional (implicado) de que uma determinada quantidade é elevada (e.g. face a uma determinada expectativa) ou de que um conjunto de situações é importante e digno de nota. A semântica e a pragmática são pois ambas necessárias para fazer uma descrição cabal das condições de interpretação das frases relevantes.

Referências

- Declerck, Renaat. 1994. The only/already puzzle: A question of perspective. *Cognitive Linguistics* 5(4):307-350.
- Greenberg, Yael. 2022. On the scalar antonymy of only and even. *Natural Language Semantics* 30:415-452.
- Von Stechow, Kai e Sabine Iatridou. 2007. Anatomy of a Modal Construction, *Linguistic Inquiry*. 38: 445-483.
- Zeevat, Henk. 2013. Expressing surprise by particles. In *Beyond expressives: explorations in use-conditional meaning*, eds. Daniel Gutzmann e Hans-Martin Gärtner. Vol. 28 of *Current research in the semantics/pragmatics interface*, 297–320. Leiden: Brill.
- Zeevat, Henk. 2009. “Only” as a mirative particle. In *Proceedings of focus at the syntax-semantics interface*, eds. Arndt Riester e Edgar Onea, 121–141. Stuttgart: University of Stuttgart.

L2 Acquisition of State-of-Change Causatives – A Chinese-Portuguese Bidirectional Study

Jiaojiao Yao, Anabela Gonçalves & Nélia Alexandre

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa,

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

It has been observed that Mandarin Chinese (Chinese, henceforth) and European Portuguese (EP, henceforth) show quite many differences in expressing causation of change of state (Yao, 2022). Although syntactic and lexical causatives are available in both languages (see Duarte & Oliveira, 2010; Huang, 1974; a.o.), it has been found that many EP verbs that intrinsically involve causative-resultative meanings (e.g., *partir* ‘break’, *sujar* ‘stain’) do not have equivalent verbs in Chinese (Yao, 2022). Such meanings may have to be expressed by complex forms in Chinese, namely, the Causative Resultative V-Vs (CR V-Vs), where the manner-denoting V1 and the result-denoting V2 occur in adjacency, as shown in (1).

- (1) a. *O menino sujou a mesa.*
b. *Nanhai nong zang zhuozi le.*
boy make dirty table ASP
‘The boy stained the table./Literally: The boy made the table dirty.’ (Yao, 2022)

Even if Chinese exhibits some verbs that seem to correspond to EP causative-resultative verbs (e.g., *sha* ‘kill’ in Chinese, *matar* ‘kill’ in Portuguese), these Chinese verbs only denote the action meaning, not necessarily involving a result, as shown by the contrast in (2), where refutation is allowed in the Chinese sentence (2b) but not in the EP one (2a). To include the result meaning in Chinese, the CR V-V structure is needed. As shown in (2c), since the CR V-V encodes a result meaning, refutation is not allowed anymore.

- (2) a. *Ele matou a menina, (# mas a menina não morreu).*
b. *Ta sha na ge nühai le, (danshi nühai meiyou si).*
he kill that CLF girl ASP (but girl not die)
‘He (went to) kill that girl, but the girl did not die.’
c. *Ta sha si na ge nühai le, (# danshi nühai meiyou si). (CR V-V)*
he kill die that CLF girl ASP (# but girl not die)
‘He killed that girl to death, (# but the girl did not die).’ (Yao, 2022)

Therefore, in the context of L2 acquisition, this constitutes a scenario where certain meanings are expressed by single verbs in one language but syntactic constructions in the other. According to Slabakova’s (2009, 2014) Bottleneck Hypothesis, the acquisition of syntax flows smoothly, but different language modules (in this case, lexical semantics and syntax) may show distinct difficulties in acquisition. Therefore, our question is: Which is easier? The acquisition of L2 verbs whereas the L1 uses syntactic constructions? Or the acquisition of L2 syntactic constructions whereas the L1 exhibits corresponding verbs?

To answer these questions, we conducted a bidirectional experiment, involving 27 L1 Portuguese L2 Chinese learners (18 at intermediate and 9 at advanced level) and 39 L1 Chinese L2 Portuguese learners (22 at intermediate and 17 at advanced level). Besides, two control groups were formed, with 27 native Chinese speakers and 27 native EP speakers, respectively. A semi-induced production task was applied, where the participants were required to produce sentences in the target languages to describe each video/picture according to the cues. There were 30 items, among which 7 were target items, each describing a caused-result event that could be expressed by a single verb in Portuguese, namely, *sujar* ‘to stain’, *limpar* ‘to clean’, *partir* ‘to break’, *abrir* ‘to open’, *matar* ‘to kill’, *cozer* ‘to cook’, and *cortar* ‘to cut’, which do not have equivalent verbs in Chinese – therefore, the CR V-V construction should be used. In data analysis, we focused on how such meanings are expressed in the participants’ production, for example, through single verbs with causative-resultative meanings, syntactic causatives, CR V-Vs, or others.

From the data with EP as the target language, we have found that L1 Chinese L2 Portuguese learners’ production is quite close to the control group, showing good knowledge of Portuguese causative-resultative verbs already at the intermediate level, and the advanced group outperformed the intermediate group (see Figure 1).



Figure 1 – L1 Chinese L2 Portuguese learners’ production (in comparison with the control group)

Moreover, the intermediate group produced more non-target sentences like those in (3), which seem to be due to L1 transfer.

- (3) a. **Ela limpou a mesa limpeza*. (CP-27-Intermediate) (transfer from Chinese CR V-V)
 b. **Ela morreu um bicho*. (CP-17-Intermediate, CP-34-Intermediate) (transfer from Chinese zero-causative)

However, data with Chinese as the target language show that the L1 Portuguese L2 Chinese learners face bigger difficulty in the acquisition of CR V-Vs. As shown in Figure 2, although a progressive trend is observed, the advanced-level learners’ performance is still far from that of native speakers.

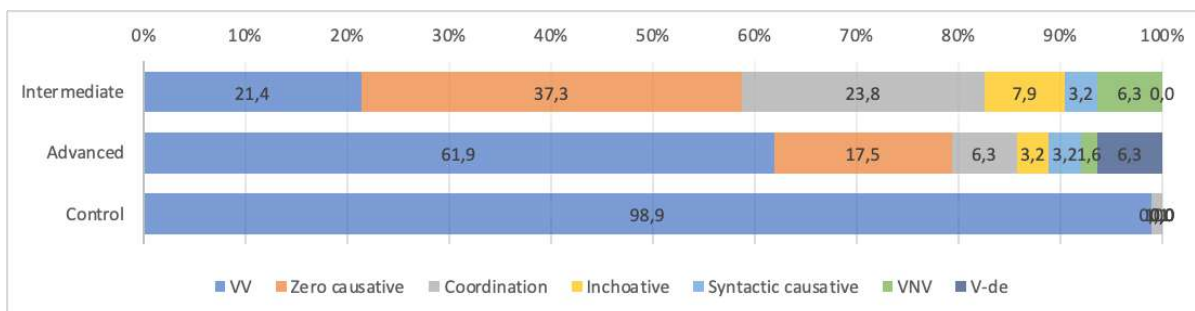


Figure 2 – L1 Portuguese L2 Chinese learners' production (in comparison with the control group)

This study contributes to the understanding of L2 acquisition by providing evidence that converging from L1 syntactic constructions to L2 lexical verbs is easy, but from L1 verbs to L2 syntactic constructions is difficult. Provided that the acquisition of Chinese CR V-Vs by L1 Portuguese speakers constitutes a case of L2 acquisition of functional morphology (see analysis of CR V-Vs in Huang, 1984; Basciano, 2010; Liu, 2019; Yao, 2022), our results seem to confirm the hypothesis of Slabakova (2009, 2014), that functional morphology is the bottleneck of L2 acquisition.

References

- Basciano, B. (2010). Verbal compounding and causativity in Mandarin Chinese. PhD Thesis, Università degli Studi di Verona.
- Duarte, I., & Oliveira, F. (2010). Participípios resultativos [Resultative participles]. In Brito, A. M. et al (eds.), *Textos Selecionados do XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 397–408. Lisbon: Colibri.
- Huang, C.-T. J. (1984). Phrase structure, lexical integrity and Chinese compounds. *Journal of Chinese Language Teachers Association*, 19(2), 53–78.
- Huang, S. (1974). Mandarin causatives. *Journal of Chinese Linguistics*, 2(3), 354–369.
- Liu, J. (2019). The Syntax of VV Resultatives in Mandarin Chinese. PhD thesis, University of Victoria. <http://hdl.handle.net/1828/10559>
- Slabakova, R. (2009). What is easy and what is hard to acquire in a second language? In M. Bowles et al. (eds.), *Proceedings of the 10th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA)*, 280-294. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project. <http://www.lingref.com/cpp/gasla/10/paper2277.pdf>
- Slabakova, R. (2014). The bottleneck of second language acquisition. *Foreign Language Teaching and Research*, 46(4), 543-559. <http://old.fltr.ac.cn/CN/Y2014/V46/I4/543>
- Yao, J. (2022). On Causatives – A comparison between European Portuguese and Mandarin Chinese. *Journal of Portuguese Linguistics*, 21(1), 1-37. DOI: <https://doi.org/10.16995/jpl.5888>

The effect of orthography on the acquisition of English word-initial /h/

by L1-Portuguese speakers

Saulo Ferreira & Chao Zhou

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa,
Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

Background: When acquiring the English voiceless glottal fricative /h/ in word-initial position, learners whose L1 is a Romance language often resort to omission, see Sousa (2017) for European Portuguese (EP) and Mah (2011) for French. A recent study suggests that learners' difficulty with /h/ is neither a problem of articulation nor one of perception. Rather, it can be ascribed to the fact that the grapheme <h> is always silent in their L1 (Jackson & Cardoso 2022). Few studies have explored how native speakers of Brazilian Portuguese (BP) deal with the English /h/ (Osborne 2015, Mafé et al. 2018). Given that word-initial <h> also represents silence in BP, in this study we aim to test whether the acquisition of English word-initial /h/ by L1-BP learners is subject to orthographic influence.

Experimental Study: Twenty L1-BP learners with a beginner level of English (mean LexTALE score 50, SD = 6.19) participated in a delayed-imitation task, in which they were told to imitate words from an alien language. The stimuli used were taken from Melnik and Peperkamp (2021), consisting of English monosyllabic and disyllabic pseudo-words (n=40): 30 h-initial words and 10 distractors. During the task, the participants were first presented with 25 items (15 h-initial and 10 distractors) only auditorily (auditory-only condition) and then were given another 25 items (15 h-initial and 10 distractors) both in auditory and written forms (auditory-orthographic condition). In order to test whether the possible orthographic effect is mediated by literacy, all the participants further underwent a reading test (*Teste de Leitura: Compreensão de Sentenças*; Vilhena et al. 2016).

Results and Discussion: The word-initial /h/ was produced almost all the time in both experimental conditions. An acoustic analysis shows that the duration and intensity values of /h/ were comparable between the two conditions: 0,5 ms and 0,91 dB for auditory-only condition, and 0,51 ms and 0,9 dB for auditory-orthographic condition. These results suggest that orthography does not hinder L1-BP learners from producing the word-initial /h/, in contrast to their EP and French peers. This cross-linguistic divergence might be attributed to how the L2 English [h] is phonologically categorized by learners with different L1s. In French, the [h] does not really correspond to any phonological category, given that the closest L1 sound, the French rhotic, is a uvular fricative or trill (Lahrouchi, 2019). In EP, the English [h] cannot be perfectly accommodated either, as the European Portuguese EP category (strong-R) only varies between [β], [χ], [x], [r], [ʀ] (Rennicke & Martins, 2013). Nevertheless, [h] is an allophone of the BP strong-R ([r] [h], [x], [ʎ]; Cristófaró Silva, 1998), which may lead L1-BP learners steadily map the English sound onto an L1 category. We speculate that the orthographic influence is triggered more frequently in L2 speech when an L2 sound cannot be steadily categorised as an L1 phonological

category (as in the case of EP and French), while any orthographic effect might be overridden when a novel sound is regarded a good exemplar of a given L1 category (as in the case of BP).

References

- Cristófaro Silva, T. (1998). *Fonética e fonologia do português*. São Paulo: Editora Contexto.
- Jackson, S. & Cardoso, W. (2023). Orthographic interference in the acquisition of English /h/ by Francophones. In U. Kickhöfel Alves & J. Alcantara de Albuquerque (Ed.), *Second Language Pronunciation: Different Approaches to Teaching and Training* (pp. 229-248). Berlin, Boston: De Gruyter Mouton. <https://doi.org/10.1515/9783110736120-009>.
- Lahrouchi, M., (2019) "Not as you R: Adapting the French rhotic into Berber", *Glossa: a journal of general linguistics* 5(1): 74. doi: <https://doi.org/10.5334/gigl.874>.
- Osborne, D. (2015). The L2 perception of initial /h/ and /r/ by Brazilian Portuguese learners of English. *Journal of Second Language Pronunciation*, 157-180.
- Mah, J. (2011). *Segmental representations in interlanguage grammars: the case of francophones and English /h/*. PhD Dissertaiton, McGill University.
- Manfé, K. P., Biehl, P. G., Woelfer, S. W., & Silveira, R. (2018). perception of the glottal fricative /h/ in onset position by Brazilian learners of English as a foreign language. *Gradus - Revista Brasileira de Fonologia de Laboratório*, 3(2), 48–71. <https://doi.org/10.47627/gradus.v3i2.127>
- Melnik, G., Peperkamp, S. (2021). High-Variability Phonetic Training enhances second language lexical processing: evidence from online training of French learners of English. *Bilingualism: Language and Cognition [journal name should appear in itálico]*, 24, 497-506. doi:10.1017/S1366728920000644.
- Rennicke, I., Martins, P. (2013). As realizações fonéticas de /R/ em português europeu: análise de um corpus dialetal e implicações no sistema fonológico. *Textos selecionados do XXVIII ENAPL*, pp 509-523.
- Sousa, E. (2017). *Production and perception of the English /h/: the case of native Portuguese speakers of English as a Foreign Language* [Master's thesis, Universidade do Minho].

The interplay between illocutionary force and information managing. A comparison of the pragmatic functions of European Portuguese *lá* and Italian *un po'*

Marco Favaro

Universidade de Lisboa

A profitable approach to describe the meaning of discourse-pragmatic elements revolves around the theoretical distinction between content- vs context-level uses of linguistic expressions (Hansen 2008). The first label refers to uses having a bearing on a state-of-affairs/proposition, while the second label refers to uses having a bearing on the relation between a state-of-affairs/proposition and contextual entities (the discourse itself, the mental states of the interlocutors). This talk looks at the boundary between content-level and context-level uses of two Romance adverbial elements: European Portuguese *lá* 'there' and Italian *un po'* 'a bit'. Beside their prototypical content-level uses – as a deictic locative (*lá*) and as a degree adverb (*un po'*) respectively – both elements have developed specific discourse-pragmatic uses (see for instance Martins 2012; Marques & Duarte 2015, 2017). Quite interestingly, despite the content-level uses of these elements belong to different semantic domains, some of their context-level uses show a comparable distribution and functional similarities. Consider examples (1) and (2) where both elements modify an imperative verb form and contribute to marking specific illocutionary forces (exhortation, request):

(1) CRPC-Oral – pfammn13

V: *ah / por exemplo / gosto imenso da internet //*

V: *acho isto muito giro //*

V: *é uma coisa muito gira*

N: *discorre lá sobre a internet*

V: 'uh / for instance / I really like internet //

V: I think this is really cool //

V: it's a very cool thing

N: talk **MP** (modal particle) about the internet'

(2) KIParla corpus – BOA3021

A: *volevo chiedere sempre a Manuela che cosa dunque eh dunque Calvino si è occupato quindi del problema della fiaba eccetera [...]*

B: *Fiabe italiane*

A: *Fiabe italiane ah che praticamente ecco raccontami **un po'** di cosa cosa sono*

A: 'I wanted to ask again to Manuela what are well uh well Calvino worked then on the issue of the folktale and so on [...]

B: Italian folktales

A: Italian folktales right that basically well tell me **MP** about what what they are'

Relying on newly extracted corpus data (CRPC-Oral for Portuguese; LIP and KIParla for Italian), this talk will examine context-level uses of *là* and *un po'* that have a bearing on the illocutionary force of the utterance, which have not yet been discussed in detail in the literature. Informed by notions of speech act theory and interactional linguistics, a description will be given in terms of illocutionary contexts of use (directive and assertive speech acts) and pragmatic functions expressed (illocutionary force modification, management of discourse inferences, approximation). On the one hand, by exploring the interplay between different pragmatic functions, the discussion will argue for a distinction between those (mostly) relating to the communicated content and those (mostly) relating to illocutionary domain (Hengeveld & Mackenzie 2008), for the former refers to information managing, while illocution directly interfaces to the pragmatics of speech acts. On the other hand, by comparing the context-level uses of *là* and *un po'* with similar elements in a cross-linguistic perspective, it will be argued for an analysis of both elements as modal particles, that is syntactically integrated elements that fine-tune speech acts (Waltereit 2001; Remberger 2021).

Keywords: speech acts, illocutionary modification, modal particles, contrastive linguistics

References

- Hansen, Maj-Britt Mosegaard. 2008. *Particles at the Semantics/Pragmatics Interface: Synchronic and Diachronic Issues. A Study with Special Reference to the French Phasal Adverbs*. Amsterdam: Elsevier.
- Hengeveld, Kees & Lachlan J. Mackenzie. 2008. *Functional Discourse Grammar. A Typologically-Based Theory of Language Structure*. Oxford: Oxford University Press.
- Marques, Maria Aldina & Isabel Duarte. 2015. *Cá e lá: atenuação, reforço e outros valores modais em PE*. *Acta Semiotica et Lingvistica* 20(2): 115–128.
- Marques, Maria Aldina & Isabel Duarte. 2017. *Lá, atenuador em interações informais do português europeu*. *Studia Universitatis Babeş-Bolyai* 4: 17–34.
- Martins, Ana Maria 2012. Deictic Locatives, emphasis and metalinguistic negation. In Charlotte Galves, Sonia Cyrino, Ruth Lopes, Filomena Sandalo & Juanito Avelar (eds.), *Parameter Theory and Linguistic Change*, 213–236. Oxford: Oxford University Press.
- Remberger, Eva-Maria. 2021. Discourse and pragmatic markers in the Romance languages. *Oxford Research Encyclopedia of Linguistics*. Oxford: Oxford University Press.
- Waltereit, Richard. 2001. Modal particles and their functional equivalents: a speech-act theoretic approach. *Journal of Pragmatics* 33(9): 1391–1417.

**Algumas notas sobre o uso dos tempos verbais com valor de futuro
em acórdãos de crime de ameaça**

Ana Sofia Ferreira, Inês Cantante & Rute Rebouças

CLUP/ FLUP

O crime de ameaça é constituído, legalmente, sob critérios específicos do Direito (cf. Hutton, 2021), que diferem daquilo que a interpretação comum considera *ameaça*. Assim, prevê-se, em termos legais, que um crime de ameaça satisfaça, pelo menos, três critérios: (i) a provocação de medo ou inquietação no alocutário; (ii) constituição de um mal futuro; e, por fim, (iii) “a vontade do agente” em levar a cabo a ameaça proferida (cf. Art.153º do Código Penal). Neste trabalho, propomos analisar os contextos linguísticos reais em que se considera, ou não, determinado enunciado uma ameaça, tendo em conta, entre outros aspetos, os tempos verbais - categoria linguística essencial (mas não única) na caracterização de uma ameaça, do ponto de vista legal. O segundo critério parece fundamental na avaliação do crime de ameaça, já que, na diferença entre o que se considera um mal futuro e um mal iminente reside a diferença entre dois crimes distintos: o de ameaça e o de violência. Torna-se, assim, possível avaliar os contextos linguísticos reais em que se considera esta diferença. Para isso, foram recolhidos vários acórdãos relativos a crimes de ameaça dos Tribunais da Relação do Porto, Lisboa, Coimbra, Guimarães e Évora. A análise focou-se, concretamente, na parte correspondente à Fundamentação, mais especificamente nas reproduções de discurso (i.e., citações diretas) aí em apreciação. Procurou observar-se, sobretudo, a importância dada aos tempos verbais utilizados no momento em que as ameaças foram proferidas, uma vez que deverão remeter para um tempo posterior ao da enunciação, caso contrário constituem um mal iminente e não correspondem a uma ameaça (e.g. haverá ameaça, quando alguém afirma: “*hei-de-te matar*”; já se tratará de violência, quando alguém afirma: “*vou-te matar já*” (cf. Comentário Conimbricense do Código Penal, tomo I, 342-343; Figueiredo Dias, 2012). Em Português Europeu, o futuro localiza as situações num tempo posterior ao tempo de enunciação (cf. Oliveira, 2003, 2013), sendo essa posterioridade marcada, muitas vezes, através do contributo de adverbais temporais ((1) *Irei ao cinema amanhã*). Existem, no entanto, outras formas de marcação do tempo futuro: Presente do Indicativo (com valor de futuro) ((2) *Vou ao cinema*.) (cf. Oliveira, 2003), construção perifrástica *ir + infinitivo* ((3) *Vou assistir a uma peça de teatro*.) (cf. Oliveira, 2013; Cunha, 2016, 2019, 2021) e, ainda, perífrase *haver de* (cf. Oliveira, 2013; Marques, 2020) ((4) *Hei-de ir ao cinema*.). Parece, então, expectável que a constituição do crime de ameaça possa marcar-se recorrendo às várias possibilidades de utilização do futuro (cf. (5) “*Não passas de amanhã, vou-te limpar o sebo a ti e à tua mãe*.” (250/20.3SXLSE.E1)). Na análise dos acórdãos, verificou-se que o tempo verbal mais utilizado foi o presente do indicativo (com valor de futuro) (cf. (6) “*mando-te para baixo dos torrões*” (723/19.OPAPTM.E1), (7) “*eu mato-te, (...) ou sua p***, ponho-te as tripas cá fora*” (52/11.8GBFLG.G1), seguindo-se usos da construção perifrástica com *ir + infinitivo* ((8) “*vou buscar uma arma e mando-te dois tiros*” (151/12.9GCAVR.C1), (9) “*eu vou já buscar a espingarda que vos avio a todos*” (102/19.0GHCVL-

C.C1)). A utilização do futuro simples, por sua vez, não foi comum. Na verdade, nos casos em análise, os tempos verbais não são, apenas, tempos futuros, sendo de assinalar, também, ocorrências com o imperfeito (cf. (10) “*era só quem te espetasse esta chave de fendas; matava-te agora aí ia para a prisão mas ao menos ia contente*” (237/20.6GDVFR.P1), que parecem dizer respeito mais à vontade do agente do que, propriamente, mencionar um tempo futuro e, talvez por esta razão, um enunciado proferido neste tempo não é, tipicamente, considerado ameaça. As ocorrências com ‘*haver de*’ ((11) “*hei-de te matar*” (102/19.0GHCVL-C.C1)), também não foram recorrentes, o que contraria o inicialmente esperado, em âmbito legal, como acima já referido. Ademais, é de destacar a importância de outros elementos presentes na frase, que interferem com a interpretação final, nomeadamente, a frequente ocorrência de expressões da gíria, partilhadas pelo conhecimento comum (*fazer a folha, limpar o sebo, partir os dentes, cortar o pescoço*). Sendo o presente, sempre com projeção para o futuro, o tempo mais utilizado nos acórdãos em análise, tal parece suportar a evidência a favor da distinção entre mal futuro e mal iminente na decisão final acerca do crime de ameaça, o que explica que a menção aos tempos verbais seja, por vezes, um argumento utilizado nos acórdãos em análise (pese embora a leitura estreita/literal que deles fazem). Note-se, no entanto, que cada caso acaba por estar dependente das suas próprias condicionantes, que incluem fatores extralinguísticos, como a consideração do tom de voz e os gestos utilizados, por exemplo. A apresentação estruturar-se-á da seguinte forma: inicialmente, faremos uma breve apresentação do problema, com a apresentação do devido enquadramento teórico, onde se abordarão questões relativas aos tempos verbais e se introduzirão conceitos do Direito necessários à compreensão do tema e da abordagem pretendida. Posteriormente, será apresentada a metodologia de investigação, seguindo-se os dados e respetiva análise. O trabalho terminará com a apresentação de algumas considerações finais.

Palavras-Chave: acórdãos, crime de ameaça, mal futuro, tempos verbais, Português Europeu

Referências

- Cunha, L. F. 2016. Algumas peculiaridades da construção *ir* + Infinitivo em Português Europeu. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 1: 233-258.
- Cunha, L. F. 2019. O Futuro Simples em Português Europeu: entre a temporalidade e a modalidade. *Linguística. Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*. 14: 35-68.
- Cunha, L. F. 2021. Propriedades Temporais do Futuro Simples em Português Europeu. *Estudos de Linguística Galega* 13: 29-66.
- Figueiredo Dias, J. D. 2012. *Comentário Conimbricense do Código Penal*, Tomo I, 2ª edição. Coimbra: Coimbra editora.
- Hutton, C. 2021. Legal interpretation: The category of ordinary meaning and its role in legal interpretation. In M. Coulthard, A. May, & R. Sousa-Silva (Eds.), *The Routledge Handbook of Forensic Linguistics* (2nd ed., pp. 79–92). Routledge.

- Marques, R. 2020. Epistemic Future and epistemic modal verbs in Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, 19: 7, 1–30.
- Oliveira, F. 2003. Modalidade e modo. In Mateus, M. *et al* (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Oliveira, F. 2013. Tempo Verbal. In Raposo, E. *et al* (ed.) *Gramática do Português I* (509-553). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Acórdãos retirados de: <http://www.dgsi.pt/>

Artigo 153º do Código Penal pode ser consultado em: <https://dre.pt/dre/legislacao-consolidada/decreto-lei/1995-34437675-66219162>

Comparação de anotações AMR entre línguas: problemas e soluções

Jorge Baptista & Sónia Reis

Universidade do Algarve - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

INESC-ID Lisboa - Human Language Technology Lab

A anotação semântica de textos em linguagem natural pretende obter uma representação do significado que sirva o desenvolvimento de várias ferramentas (Sena *et al.* 2022, Damonte *et al.* 2017, Damonte & Cohen, 2018) para diversas aplicações, nomeadamente em processamento de linguagem natural (PLN), tais como a desambiguação automática de sentido, tradução automática, a sumarização de textos ou a geração de documentos multilíngues. Várias iniciativas foram já desenvolvidas para tal. A *Universal Networking Language* (UNL)⁴ disponibilizou uma versão da obra *The Little Prince* (*O Príncipezinho*), de Saint-Exupéry, com o objetivo explícito de comparar representações de um mesmo texto em diferentes línguas. Mais recentemente (Banarescu *et al.*, 2013), a *Abstract Meaning Representation* (AMR) tem vindo a ganhar popularidade na comunidade de PLN. Este modelo, originalmente proposto para o inglês⁵, pretende representar de forma simplificada o significado das frases. A Fig. 1 (anexo) ilustra a anotação de uma frase em AMR. Embora (i) tenha sido originalmente concebida para a língua inglesa; (ii) tenha sido desenvolvida inicialmente para a anotação de frases independentes; e (iii) não tenha tido pretensões a constituir-se como uma *interlíngua*; este esquema de notação tem vindo (a) a ser adaptado para a representação de outras línguas -- refira-se as anotações da mesma obra em inglês⁶, chinês (Li *et al.*, 2016), persa⁷, espanhol (Migueles Abreira, 2017) e português do Brasil (Anchiêta, 2020)⁸; (b) alargado à anotação de sequências de frases ou discursos (O’Gorman *et al.* 2018)⁹; (c) e pontualmente revisto e alargado por forma a integrar conceitos inicialmente insuficientemente contemplados nas propostas originais (Bonial *et al.* 2018). Como recentemente referem Seno *et al.* (2022), na esteira de Hovy & Lavid (2010), estas reformulações e extensões buscam “o necessário equilíbrio entre a profundidade da teoria linguística a ser utilizada e a estabilidade do processo de anotação”, o que não impede que não haja “dentro da comunidade interessada nessa representação semântica, críticos a algumas decisões feitas originalmente [...]” (Seno *et al.* 2018: 51).

Este trabalho tem como objetivo principal estabelecer um esquema de anotação, inspirado na AMR, que procura resolver um conjunto de dificuldades e problemas encontrados nas soluções adotadas até agora. Para isso, foram utilizadas as anotações já disponíveis de parte da obra de Antoine de Saint-Exupéry *The Little Prince*, em inglês, em espanhol (Migueles Abreira, 2017) e em português do Brasil (Anchiêta, 2020), e uma versão anotada da mesma obra, em português europeu, realizada especificamente para este estudo. Parte-se de 50 frases com anotações AMR nas quatro línguas e, com base nas semelhanças e diferenças entre as anotações, faz-se uma análise crítica dos fenómenos

⁴ <http://www.unlweb.net/unlarium/>

⁵ <https://amr.isi.edu/doc/amr-dict.html>

⁶ <https://amr.isi.edu/download/amr-bank-struct-v3.0.txt>

⁷ <https://arxiv.org/pdf/2205.07712.pdf>

⁸ https://github.com/rafaelanchieta/amr-br/blob/master/amr_br-v1.0.xml

⁹ <https://github.com/timjogorman/Multisentence-AMR-guidelines/blob/master/ms-amr.md>

encontrados e das soluções de anotação adotadas. Considerando as especificidades do português europeu, bem como outros requisitos da anotação semântica que nos parecem fundamentais, são propostas algumas extensões e reformulações do esquema de anotação AMR proposto por Banarescu *et al.* (2013) (Fig. 2). Este trabalho desenvolveu-se nas seguintes etapas: (i) *alinhamento* das frases nas quatro línguas, considerando as especificidades de cada língua e respetiva tradução da obra original e resolvendo os problemas de alinhamento encontrados; (ii) *anotação* das frases da versão em português europeu de *O Príncipezinho*, realizada independentemente por 2 anotadores e com base num conjunto de diretivas desenvolvido autonomamente, nas quais se procura (a) adaptar o AMR a situações linguísticas não observadas no inglês, (b) tornar sistematicamente explícita e consistente a relação entre o texto e a anotação e (c) dar conta de forma adequada de fenómenos linguísticos relevantes não contemplados no quadro do AMR; mediu-se depois o acordo entre anotadores, usando as propostas de Anchieta *et al.*, 2019 (SEMA); e, finalmente, (iii) fez-se uma comparação sistemática e uma reflexão crítica das anotações das frases nas diferentes línguas. Os resultados deste estudo consistem, assim, em: (1) a apresentação sucinta de um conjunto de diretivas de anotação para português europeu; (2) um conjunto de frases em língua natural (em quatro línguas), alinhadas manualmente e sistematicamente comparadas entre si, com a menção explícita dos fenómenos linguísticos encontrados, das soluções de representação adotada (ou falta delas); (3) uma avaliação do acordo entre anotadores decorrente da aplicação independente de um conjunto de diretivas, elaborado especificamente para o português europeu; (4) uma análise crítica das limitações observadas nas anotações disponíveis para as frases estudadas. Pretende-se que este estudo seja, assim, um contributo para o desenvolvimento de um quadro teórico e formal para uma adequada anotação semântica de textos em língua natural, que possibilite o desenvolvimento de ferramentas para o seu processamento computacional.

Referências

- Anchieta, R. T. (2020). *Abstract Meaning Representation Parsing for the Brazilian Portuguese Language*. Doctoral Thesis, Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação, University of São Paulo, São Carlos. doi:10.11606/T.55.2020.tde-29072020-120805.
- Banarescu, L., Bonial, C., Cai, S., Georgescu, M., Griffitt, K., Hermjakob, U., ... & Schneider, N. (2013). Abstract meaning representation for sembanking. In *Proceedings of the 7th linguistic annotation workshop and interoperability with discourse*, pp. 178-186.
- Bonial, C., Badarau, B., Griffitt, K., Hermjakob, U., Knight, K., O’Gorman, T., ... & Schneider, N. (2018). Abstract Meaning Representation of constructions: The more we include, the better the representation. In *Proceedings of the Eleventh International Conference on Language Resources and Evaluation (LREC 2018)*, Miyazaki, Japan. European Language Resources Association (ELRA), pp. 1677-1684.
- Donatelli, L., Regan, M., Croft, W., & Schneider, N. (2018). Annotation of tense and aspect semantics for sentential AMR. In *Proceedings of the Joint Workshop on Linguistic Annotation, Multiword Expressions and Constructions (LAW-MWE-CxG-2018)*, Santa Fe, New Mexico, USA. Association for Computational Linguistics, pp. 96-108.

- Damonte, M., Cohen, S., & Satta, G. (2017). An incremental parser for abstract meaning representation. In *Proceedings of the 15th Conference of the European Chapter of the Association for Computational Linguistics: Volume 1, Long Papers*, Valencia, Spain. Association for Computational Linguistics, pp. 536-546.
- Damonte, Marco & Shay B. Cohen. (2018). Cross-lingual abstract meaning representation parsing. In *Conference of the North American Chapter of the Association for Computational Linguistics: Human Language Technologies (NAACL)*, pp. 1146-1155.
- Hovy, E., & Lavid, J. (2010). Towards a ‘science’ of corpus annotation: a new methodological challenge for corpus linguistics. *International journal of translation*, 22(1), 13-36.
- Li, B., Wen, Y., Qu, W., Bu, L., & Xue, N. (2016). Annotating *The Little Prince* with Chinese AMRs. In *Proceedings of the 10th Linguistic Annotation Workshop held in Conjunction with ACL 2016 (LAW-X 2016)*, pp. 7-15.
- Miguel Abreia, N. (2017). *A study towards Spanish abstract meaning representation*. Master Thesis, University of the Basque Country UPV/EHU.
- O’Gorman, T., Regan, M., Griffitt, K., Hermjakob, U., Knight, K., & Palmer, M. (2018). AMR Beyond the Sentence: the Multi-sentence AMR corpus. In *Proceedings of the 27th International Conference on Computational Linguistics*, Santa Fe, New Mexico, USA. Association for Computational Linguistics, pp. 3693-3702.
- Seno, E., Caseli, H., Inácio, M., Anchiêta, R., & Ramisch, R. (2022). XPTA: um parser AMR para o Português baseado em uma abordagem entre línguas. *Linguamática*, 14(1), 49-68.

```
(b / belong-01
  :ARG0 (p / planet
         :ord (o / ordinal-entity :value 4))
  :ARG1 (b3 / businessman))
```

Figura 1: Representação AMR, no formato PENNMAN da frase: *The fourth planet belonged to a businessman.*

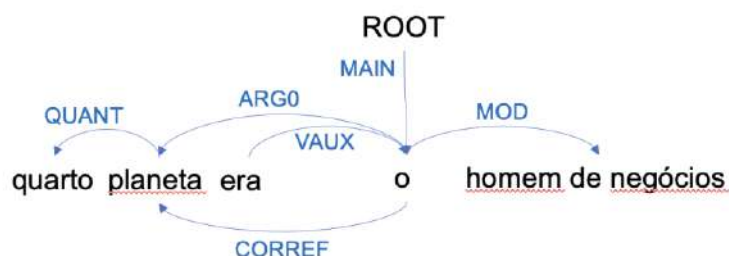


Figura 2: Representação AMR (adaptada ao português europeu), no formato de grafo dirigido acíclico com raiz da frase: *O quarto planeta era o do homem de negócios.*

Linguistic Complexity Features for Automatic Portuguese Readability Assessment

Soroosh Akef¹, Amália Mendes¹, Detmar Meurers² & Patrick Rebuschat³

¹ Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

² University of Tübingen, ³ Lancaster University

This study aims to develop an automatic readability assessment tool for Portuguese that is interpretable and whose performance can be qualitatively analyzed. Insights gained from this study will be used in a broader project which aims to generate automatic feedback for learners on their responses to Portuguese exercises by taking the learners' language competence into consideration.

The corpus used for this task, dubbed c500, contains 500 Portuguese excerpts extracted from books, newspapers, and articles, and annotated by Instituto Camões based on the appropriate CEFR level (A1, A2, B1, B2, and C) of these excerpts for child and adolescent (ages 8 to 18) Portuguese heritage language learners. The distribution of the corpus is heavily skewed toward the pre-intermediate and intermediate levels, with 135 excerpts belonging to the A2 class and 184 texts belonging to the B1 class, accounting for 63.8% of the corpus in total.

Subsets of this corpus were also used in this study, including a subset dubbed c114 containing 114 excerpts previously used in (Santos, Rodrigues, Branco, & Vaz, 2021) (Branco, Rodrigues, Costa, Silva, & Vaz, Assessing automatic text classification for interactive language learning, 2014) (Branco, Rodrigues, Costa, Silva, & Vaz, Rolling out Text Categorization for Language Learning Assessment Supported by Language Technology, 2014) (Curto, Mamede, & Baptista, 2015) and a newly created subset dubbed c386 which excludes these 114 excerpts from c500, as previous research determined they were poorly annotated (Santos, Rodrigues, Branco, & Vaz, 2021). The poor quality of c114 is compounded by the fact that it is heavily skewed toward the B1 class, with 72 out of the 114 excerpts (63.1% of the excerpts) in this subset belonging to level B1. Consequently, removing these 114 excerpts from c500 and effectively creating c386 not only results in a higher quality corpus in terms of the reliability of the annotation, but also creates a more balanced corpus with 124 excerpts belonging to class A2 and 112 excerpts belonging to class B1, accounting for a total of 61.13% of the entire corpus (Table 1).

In order to train an interpretable model capable of the task of automatic readability assessment, a diverse range of syntactic, lexical, morphological, discourse, and psycholinguistic complexity features were extracted from the excerpts using CTAP, which is a web-based linguistic complexity analysis tool, initially developed for English, but later expanded to include a range of languages including Portuguese (Chen & Meurers, 2016).

The machine learning algorithm used for this purpose was the random forest algorithm (Breiman, 2001), which has the benefits of being interpretable, robust to noise, resulting in a more generalizable model, and often the best-performing machine learning algorithm for computational linguistics tasks.

Training the model using 5-fold cross-validation for hyperparameter fine-tuning resulted in an accuracy of 76% on the c500 corpus, which narrowly outperforms the best-performing model on the same dataset used in (Santos, Rodrigues, Branco, & Vaz, 2021), which took advantage of GPT-2 and attained an accuracy of 75.62%. The same model when trained on c386 resulted in a similarly high accuracy of 75.64%. Moreover, a comparison of the confusion matrices of the two models demonstrates the better capability of the model trained on c386 to distinguish between excerpts belonging to the levels A1 and A2 (Figures 1 and 2). Furthermore, while the model achieved an accuracy of 82.6% on c114, the poor quality and the skewedness of this corpus renders this score less generalizable than that of the models trained on c500 and c386.

An analysis of the most important features for the model’s predictions showed that count- and length-dependent features are the most important features for the model with 26 of the top 30 most important features for the model highly depending on the length of the text (Table 2). While these features result in a high accuracy in the current corpus, they are not particularly robust features and may result in poor generalization over real-world samples.

As a result, in order to determine whether the model can retain its accuracy when using features which are more informative in terms of learner language development and by are by extension more robust, count-dependent features and features which calculated variations of type to token ratio were excluded from the feature set, leaving a total of 325 features. Training models using the same algorithm and corpora resulted in an accuracy score of 0.66 on c500 and an accuracy of 0.6923 on c386.

Despite the lower accuracy of the models, analyzing the most important features to the model indicate that lexical richness features bear the heaviest weight in the model’s decision-making process with 16 features in the top 30 features belonging to this category (Table 3), which means the model takes advantage of more developmentally informative features and is therefore more robust and generalizes better to previously unseen corpora.

We conclude that the utilization of linguistic complexity features for the task of readability assessment not only can yield accuracy scores on a par with models trained using artificial neural networks, but it also allows for feature selection such that the validity of the features used by the model is ensured.

Table 1

Distribution of the Excerpts According to the Level Across Corpora

	A1	A2	B1	B2	C
c500	80	135	184	45	56
c114	11	11	72	8	12
c386	69	124	112	37	44

Figure 1

Confusion Matrix of Random Forest on c500 Using 480 Linguistic Complexity Features

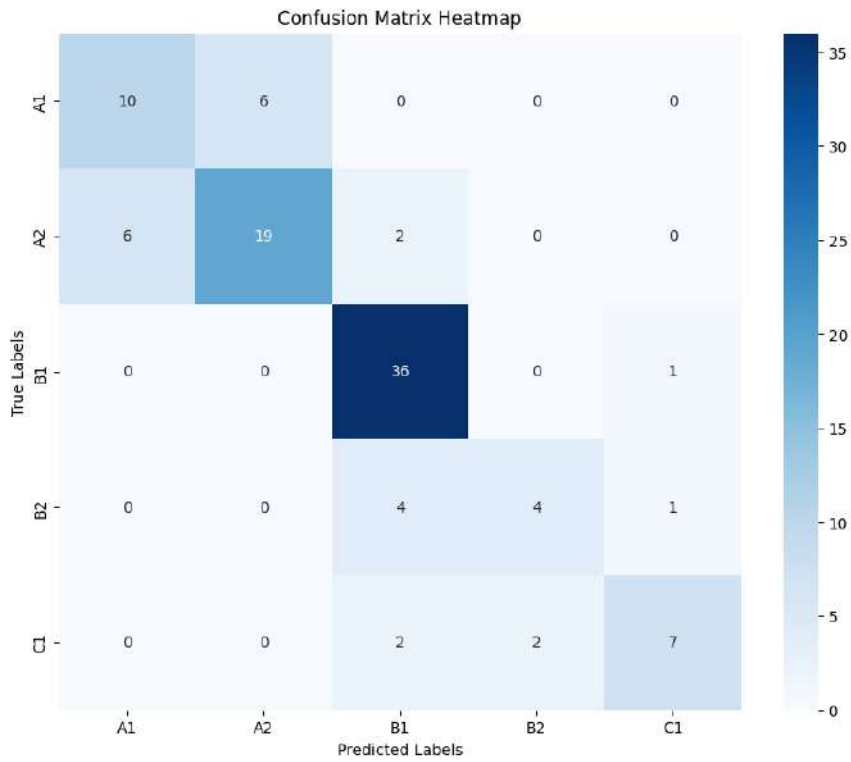


Figure 2

Confusion Matrix of Random Forest on c386 Using 480 Linguistic Complexity Features

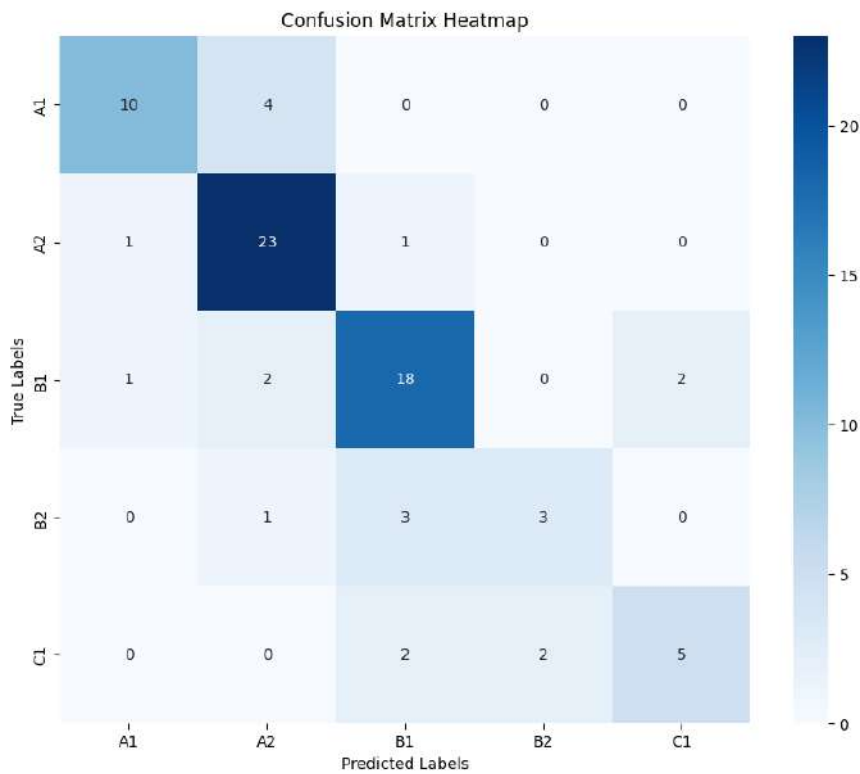


Table 2*Top 30 Most Important Features with Features not Dependent on Length in Bold*

Linguistic Complexity Features	Importance
Number of Letters	0.017184661
Number of Tokens	0.015603319
Number of Word Types	0.015423269
Number of Syntactic Constituents: Prepositional Phrase	0.013736091
Number of POS Feature: Noun Lemma Types	0.013700951
Lexical Sophistication Feature: Age of Acquisition (LW Type)	0.013585695
Number of Tokens with More Than 2 Syllables	0.013268573
Number of POS Feature: Noun Types	0.012778243
Number of POS Feature: Noun Tokens	0.012661855
Lexical Richness: Type Token Ratio (Root TTR Nouns)	0.012382902
Number of syllables	0.012246386
Number of POS Feature: Lexical word Tokens	0.011853192
Lexical Richness: Type Token Ratio (STTR)	0.011766982
Number of Word Tokens (including Punctuation and Numbers)	0.010924059
Number of Word Types (including Punctuation and Numbers)	0.010319134
Lexical Richness: Type Token Ratio (Corrected TTR)	0.009922379
Number of POS Feature: Lexical word Types	0.009887624
Number of POS Feature: Lexical word Lemma Types	0.00970401
Lexical Richness: Type Token Ratio (Root TTR Lexical Words)	0.009645028
Mean Sentence Length in Syllables	0.009395484
Lexical Richness: Type Token Ratio (STTR Words)	0.009386864
POS Density Feature: Interjection	0.009141718
Lexical Richness: Type Token Ratio (STTR Lexical Words)	0.00880863
Number of Word Tokens (excluding punctuation and numbers)	0.008767312
Lexical Richness: Type Token Ratio (Corrected TTR Nouns)	0.00799667
Lexical Richness: Type Token Ratio (Corrected TTR Lexical Words)	0.00769427
Morphological Complexity Inflection Feature: First Person per word token	0.007308061
Lexical Sophistication Feature: SUBTLEX Word Frequency per Million (AW Type)	0.007246581
Lexical Richness: Type Token Ratio (Root TTR Words)	0.007140979
Number of Word Types with More Than 2 Syllables	0.007139983

Table 3

Top 30 Most Important Features When Using Length-Independent Features with Lexical Richness Features in Bold

Linguistic Complexity Features	Importance
Lexical Sophistication Feature: SUBTLEX Word Frequency per Million (AW Type)	0.023361
Syntactic Complexity Feature: Prepositional Phrases per Sentence	0.017611
Lexical Sophistication Feature: SUBTLEX Word Frequency per Million (SD AW Type)	0.015704
Lexical Sophistication Feature: SUBTLEX Contextual Diversity (V Type)	0.014697
Lexical Sophistication Feature: SUBTLEX Logarithmic Word Frequency (AW Type)	0.013774
Percentage of Word Types with More Than 2 Syllables	0.011488
Lexical Sophistication Feature: SUBTLEX Logarithmic Word Frequency (FW Type)	0.010867
Morphological Complexity Inflection Feature: First Person per word token	0.010412
Lexical Variation Feature: Corrected Verb Variation 1	0.010121
SD Global Edit Distance for tokens	0.009114
Lexical Sophistication Feature: Age of Acquisition (LW Type)	0.008852
Lexical Sophistication Feature: SUBTLEX Logarithmic Word Frequency (LW Token)	0.00835
Lexical Variation Feature: Squared Verb Variation 1	0.008299
Mean Local Edit Distance for Lemmas	0.008178
Lexical Sophistication Feature: SUBTLEX Logarithmic Contextual Diversity (AW Type)	0.007841
Mean Local Edit Distance for POS	0.007354
Lexical Sophistication Feature: Age of Acquisition (AW Token)	0.00715
Referential Cohesion: Global Lexical Overlap (lemma-based)	0.007064
Syntactic Complexity Feature: Noun Phrases per T-unit	0.007027
Morphological Complexity Inflection Feature: Past Participle Verb Density	0.006964
Lexical Sophistication Feature: SUBTLEX Logarithmic Word Frequency (LW Type)	0.006895
Lexical Sophistication Feature: SUBTLEX Word Frequency per Million (FW Type)	0.006638
Lexical Sophistication Feature: SUBTLEX Contextual Diversity (V Token)	0.006491
Mean Local Edit Distance for tokens	0.006486
Morphological Complexity Inflection Feature: Indicatives per word token	0.006438
Referential Cohesion: SD of Global Noun Overlap (lemma-based)	0.006319

Syntactic Complexity Feature: Sentence Coordination Ratio	0.006186
Lexical Sophistication Feature: SUBTLEX Logarithmic Contextual Diversity (LW Token)	0.006164
Lexical Sophistication Feature: SUBTLEX Frequency Band 4	0.006128

References

- Argamon, S., & Shlomo, L. (2005). Measuring the Usefulness of Function Words for Authorship Attribution. *Proceeding of the Joint Conference on Association for Literary and Linguistic Computing/Association Computer Humanities*.
- Binongo, J. N. (2003). Who Wrote the 15th Book of Oz? An Application of Multivariate Analysis to Authorship Attribution. *CHANCE*, 16(2), 9-17.
- Branco, A., Rodrigues, J., Costa, F., Silva, J., & Vaz, R. (2014). Assessing automatic text classification for interactive language learning. *International Conference on Information Society (i-Society 2014)*.
- Branco, A., Rodrigues, J., Costa, F., Silva, J., & Vaz, R. (2014). Rolling out Text Categorization for Language Learning Assessment Supported by Language Technology. *International Conference on Computational Processing of the Portuguese Language*.
- Breiman, L. (2001). Random Forests. *Machine Learning*, 45(1), 5-32.
- Chen, X., & Meurers, D. (2016). CTAP: A Web-Based Tool Supporting Automatic Complexity Analysis. *Proceedings of the Workshop on Computational Linguistics for Linguistic Complexity (CL4LC)*. Osaka.
- Coulthard, M. (2004). Author Identification, Idiolect, and Linguistic Uniqueness. *Applied Linguistics*, 25(4), 431–447. doi:10.1093/applin/25.4.431
- Coulthard, M., Johnson, A., & Wright, D. (2017). *An introduction to Forensic Linguistics: Language in evidence* (2 ed.). London and New York: Routledge.
- Curto, P., Mamede, N., & Baptista, J. (2015). Automatic Text Difficulty Classifier - Assisting the Selection Of Adequate Reading Materials For European Portuguese Teaching. *International Conference on Computer Supported Education*.
- Dulles, J. W. (1964). Farewell Messages of Getulio Vargas. *The Hispanic American Historical Review*, 44(4), 551–553. Obtido em 31 de Março de 2020, de www.jstor.org/stable/2511711
- Green, G. M. (1990). Linguistic analysis of conversation as evidence regarding the interpretation of speech events. *Language in the judicial process*, 247-277.
- Kestemont, M. (2014). Function Words in Authorship Attribution. From Black Magic to Theory? *Proceedings of the 3rd Workshop on Computational Linguistics for Literature* (pp. 59–66). Gothenburg, Sweden: ssoaction for Computational Linguistics.
- Mateus, M. H., & Cardeira, E. (2007). *Norma e Variação*. Alfragide: Caminho.

- Neto, L. (2014). *Getulio 1945-1954: De volta pela consagração popular ao suicídio* (1 ed.). São Paulo, São Paulo, Brasil: Companhia das Letras.
- Santos, R., Rodrigues, J., Branco, A., & Vaz, R. (2021). Neural Text Categorization with Transformers for Learning Portuguese as a Second Language. *EPIA 2021: Progress in Artificial Intelligence* (pp. 715-726). Springer.
- Sapir, E. (1927). Speech as a personality trait. *American Journal of Sociology*, pp. 892-905.
- Sapir, E. (1939). *Language: An introduction to the study of speech*. New York: Harcourt Brace.
- Sousa-Silva, R., & Coulthard, M. (2016). Linguística Forense. Em R. J. Dinis-Oliveira, & T. Magalhães (Edits.), *O que são as Ciências Forenses? – Conceitos, Abrangência e Perspetivas Futuras* (pp. 137-144). Lisboa: Pactor.
- Stamatatos, E. (2009). A survey of modern authorship attribution methods. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, 60(3), 538-556.

Text-to-Story: extracting and representing journalistic narratives from text

Purificação Silvano¹, António Leal¹, Alípio Jorge² & Ricardo Campos³

¹University of Porto, CLUP; ²University of Porto, INESC TEC;

³University of Beira Interior, INESC TEC

During the past few years, there has been an increase in research on how to apply Natural Language Processing (NLP) methods to extract, summarise, and create new data from text. This interest derives mainly from the vast amount of unstructured data from news articles, web pages, blog posts and tweets and the difficulty of dealing with this volume of information. A significant part of that information has the format of narratives, composed of stories with participants and events that occur in a given time and place. However, understanding and representing the narrative story can be very challenging for both linguistics and computer scientists. Although a significant number of studies about this topic has been conducted in linguistics and computer science, many challenges persist, namely related to the scope and feasibility of the annotation scheme, the efficiency of the automatic extraction methods of the narrative elements and the representation of narrative structures (cf. Santana, 2023, for a comprehensive survey on narrative extraction from textual data).

The primary purpose of our research, developed within the project *Text2Story* (<https://text2story.inesctec.pt/>), is to extract narratives from news articles (unstructured data) and to represent those narratives in intermediate structures (structured data) to generate visualisations. Even though information extraction and NLP have come a long way concerning the automatic retrieval of the different elements that compose the narrative (cf., for example, Feng *et al.*, 2018, for events, Wang *et al.*, 2021, for entity recognition, Strötgen & Gertz, 2013, for temporal extraction), relating those elements in a cohesive narrative is still very problematic (cf. John *et al.*, 2016). To this end, our investigation aims to build a text-to-story workflow that is useful for journalists and other professionals and that will improve the automatic understanding of narratives.

This talk will present an overview of the work we have been carrying out to build the aforementioned text-to-story workflow. More specifically, we plan to describe the following modules of that workflow and explain the process of creating them: (i) development of the annotation scheme and manual annotation of the dataset; (ii) construction of an annotation to visualisation pipeline which enables representing the narrative in a leaner manner.

In our talk, first, we will portray the annotation scheme designed to feature the main narrative components (Silvano *et al.*, 2021; Leal *et al.*, 2022). This bootstrapping scheme had to be comprehensive enough to depict all the relevant information but not so complex as to overload the annotation process. Since the nature of the narrative elements (participants, events, time, space) is diverse, we developed a novel multilayer semantic annotation scheme with four layers, temporal, referential, semantic role labelling, and spatial, which is the result of the harmonisation of parts 1, 4, 7 and 9 of the *ISO 24617 Language resource management - Semantic annotation framework* (ISO-24617-1, 2012; ISO-24617-4, 2014; ISO-24617-7, 2020;

and ISO-24617-9, 2019). This annotation framework comprises a set of entity structures (participants, events, times, spatial relations, measures) and a set of links (temporal, aspectual, subordination, objectal, spatial and semantic roles) with several tags and attribute values that guarantee suitable semantic and visual representations of news stories. Integrating all the layers meant solving some incompatibilities, which we will also discuss briefly in our presentation. To build this annotation scheme, we adopted MAMA, a subcycle of MATTER (Pustejovsky & Stubbs, 2012), which permits us to test the framework, solve the inconsistencies and improve it. As an annotation tool, we selected BRAT (Brat Rapid Annotation Tool) (Stenetorp *et al.*, 2012) because it comprises mechanisms to include all the tags and attribute values and to adjust them whenever necessary. Our dataset (Nunes *et al.*, 2023) encompasses news articles in European Portuguese from the Lusa News Agency.

Second, we will introduce *Brat2Viz* (Amorim, 2021), a tool and a pipeline to visualise the narrative reported in a news article. In a nutshell, *Brat2Viz* begins by reading the annotation file available in BRAT, then it generates an intermediate logic-based representation in the form of Discourse Representation Structures (Kamp & Reyle, 1993), and, finally, it produces the visualisation, either as a Message Sequence Chart (MSC) (Harel & Thiagarajan, 2003) or as a Knowledge Graph (KG) (Ehrlinger & Wöß, 2016). We will exemplify how this tool works with data from our dataset.

Currently, despite the annotation process's complexity, a total of 119 news articles have been manually annotated (Silvano *et al.*, 2023), and different types of visualisations have been produced. As ongoing work: (i) we are experimenting with (semi)-automatic annotation methods that can facilitate the manual annotation task and with NLP techniques to extract the information related to entity structures and link structures, in particular, the temporal links; (ii) and we are testing our annotation framework in data from other languages and other types of texts. In future work, within the project *StorySense* (FCT, 2022.09312.PTDC), we will add more layers to our annotation scheme, establish links to knowledge bases and ontologies to capture the complex semantic relations between the different narrative elements and levels, and eventually develop a narrative ontology.

References

- Amorim E., Ribeiro, A., Cantante, I., Jorge, A., Santana, B., Nunes, S., Silvano, P., Leal, A., & Campos, R. (2021). Brat2Viz: a Tool and Pipeline for Visualizing Narratives from Annotated Texts. In *Proceedings of the 4th International Workshop on Narrative Extraction from Texts (Text2Story 2021)*, associated to *43rd International Conference on Information Retrieval (ECIR2021)*.
- Ehrlinger, L., & Wöß, W. (2016). Towards a definition of knowledge graphs. *SEMANTICS (Posters, Demos, SuCESS)*, 48(1-4), 2.
- Feng, X., Huang, L., Tang, D., Ji, H., Qin, B., & Liu, T. (2016). A language-independent neural network for event detection. In *Proceedings of the 54th Annual Meeting of the Association for Computational Linguistics (Volume 2: Short Papers)*, 66-71.

- Harel, D., & Thiagarajan, P. S. (2003). Message sequence charts. *UML for real: design of embedded real-time systems*, 77-105.
- ISO-24617-1. (2012). *Language resource management - semantic annotation framework (semaf) - part 1: Time and events (semaf-time, iso-timeml)*. Standard, Geneva, CH.
- ISO-24617-4. (2014). *Language resource management - semantic annotation framework (semaf) - part 4: Semantic roles (semaf-sr)*. Standard, Geneva, CH.
- ISO-24617-7. (2020). *Language resource management - semantic annotation framework (semaf) - part 7: Spatial information*. Standard, Geneva, CH.
- ISO-24617-9. (2019). *Language resource management - semantic annotation framework (semaf) - part 9: Reference annotation framework (raf)*. Standard, Geneva, CH.
- John, M., Lohmann, S., Koch, S., Wörner, M., & Ertl, T. (2016). Visual Analytics for Narrative Text- Visualizing Characters and their Relationships as Extracted from Novels. In *VISIGRAPP (2: IVAPP)*, 29-40.
- Kamp, H., & Reyle, U. (2013). *From discourse to logic: Introduction to modeltheoretic semantics of natural language, formal logic and discourse representation theory* (Vol. 42). Springer Science & Business Media.
- Leal, A., Silvano, P., Amorim, E., Cantante, I., Silva, F., Jorge, A., & Campos, R. (2022). The place of ISO-Space in the Text2Story multilayered annotation scheme. In *Proceedings of The Eighteenth Joint ACL - ISO Workshop on Interoperable Semantic Annotation*.
- Nunes, S., Jorge, A., Leal, A., Amorim, E., Sousa, H., Cantante, I., Silvano, P., & Campos, R. (2023). *Text2Story Lusa [Data set]*. INESC TEC. <https://doi.org/10.25747/ET95-BX90>
- Pustejovsky, J., & Stubbs, A. (2012). *Natural Language Annotation for Machine Learning: A guide to corpus-building for applications*. O'Reilly Media, Inc.
- Santana, B., Campos, R., Amorim, E., Jorge, A., Silvano, P., & Nunes, S. (2023). A survey on narrative extraction from textual data. *Artificial Intelligence Review*, 1-43.
- Silvano, P., Leal, A., Silva, F., Cantante, I., Oliveira, F., & Jorge, A. (2021) Developing a multilayer semantic annotation scheme based on ISO standards for the visualization of a newswire corpus. In *Proceedings of The Seventeenth Joint ACL - ISO Workshop on Interoperable Semantic Annotation*. Groningen, Netherlands.
- Silvano, P., Jorge, A., Leal, A., Amorim, E., Sousa, H., Cantante, I., Campos, R., & Nunes, S. (2023). *Text2Story Lusa Annotated [Data set]*. INESC TEC. <https://doi.org/10.25747/ESFS-1P16>
- Stenetorp, P., Pyysalo, S., Topić, G., Ohta, T., Ananiadou, S., & Tsujii, J. I. (2012). BRAT: a web-based tool for NLP-assisted text annotation. In *Proceedings of the Demonstrations at the 13th Conference of the European Chapter of the Association for Computational Linguistics*, 102-107.
- Strötgen, J., & Gertz, M. (2013). Multilingual and cross-domain temporal tagging. *Language Resources and Evaluation*, 47, 269-298.
- Wang, X., Jiang, Y., Bach, N., Wang, T., Huang, Z., Huang, F., & Tu, K. (2020). Automated concatenation of embeddings for structured prediction. *arXiv preprint arXiv:2010.05006*.

Isto é pronomes pessoais? Sobre a construção de conceitos gramaticais

Ana Luísa Costa¹, Xavier Fontich² & Rute Nunes³

¹ CLUL e ESE-IPS, ² UAb, ³ ESE-IPS

No ensino da gramática em Portugal, a estabilização de uma terminologia linguística para ensino básico e secundário marcou a primeira década de 2000. Contudo, a existência de um *Dicionário Terminológico* cientificamente atualizado está longe de resolver os desafios da aprendizagem da gramática. O estudo de Batalha e Costa (2000), sobre o conhecimento gramatical da geração do milénio, sugere que, ao fim de duas décadas de renovação curricular, se mantêm fragilidades na capacidade de explicar conceitos gramaticais básicos e aponta a necessidade de se “alargar a investigação ao processo reflexivo, não circunscrevendo o estudo da aprendizagem da gramática a respostas-produto de conhecimento” (Batalha e Costa, 2000, p. 52). A finalidade da presente comunicação é explorar o desenvolvimento da construção de conceitos gramaticais através da análise de fala exploratória de crianças do 4.º ano. Como o contexto de interação oral entre pares foi registado durante a realização de um laboratório gramatical sobre pronomes (Batalha, 2018; Duarte, 2008), esta análise permite ainda descrever as potencialidades do trabalho laboratorial em situações de aprendizagem colaborativa promotoras de “atividade metalinguística” (Camps, 2014).

Tal como se observa relativamente a outros conteúdos, o que se ensina sobre gramática não é entendido da mesma maneira por cada um dos alunos. A aprendizagem formal dos conceitos gramaticais, que são conhecimento explícito e metalinguístico, não constitui um saber de facto “partilhado” pelo docente e por cada estudante (Gauvin e Boivin, 2013). Na investigação em didática da gramática, em Portugal, são raros os estudos que analisem o processo reflexivo e a evolução de perceções e conceitos. Para o ensino da gramática de outras línguas, diferentes autores têm explorado as interações orais entre alunos, durante atividades de escrita ou de resolução de problemas de gramática. Por exemplo, no caso do francês, partindo da relação sujeito-verbo, Jouilli e Elalouf (2021) percorrem a conceptualização da noção de sujeito e Gauvin e Boivin (2013) analisam a evolução do conceito de “verbo”. Em Camps e Fontich (2020), vários artigos focam a construção de conceitos gramaticais pelos estudantes em catalão. Nestes trabalhos, geralmente, a análise centra-se não só no tipo de verbalizações, espontâneas ou com recurso a metalinguagem, mas também na distinção entre conhecimento processual e declarativo. Para a análise de verbalizações metalinguísticas, Fontich (2010) propõe unidades que apresentam a vantagem de colocar em destaque o raciocínio desenvolvido pelos alunos: (i) o diálogo, que surge em resposta a uma questão gramatical da aula e que inclui (ii) sequências discursivas, focadas em tópicos específicos. Algumas sequências, de cariz metalinguístico, são designadas (iii) sequências metalinguísticas, integram (iv) enunciados metalinguísticos e podem ser divididas em (v) subsequências metalinguísticas. Uma sequência metalinguística pode ter, em relação ao conteúdo, várias (vi) sequências argumentativas, que incluem (vii) episódios argumentativos aditivos ou reativos.

Retomando as finalidades inicialmente enunciadas, o presente estudo procura responder a duas questões de investigação:

- (1) Como pensam crianças do 4.º ano sobre o conceito de pronome?
- (2) Que vantagens e desvantagens tem um laboratório gramatical realizado em trabalho colaborativo?

Os dados foram recolhidos em ambiente ecológico-naturalista, com a gravação de interações de três díades a realizar um laboratório gramatical numa aula de 4.º ano (total de 2h24'89ss). A transcrição ortográfica das falas das crianças foi analisada, em primeiro lugar, tendo em consideração a natureza das interações, com a distinção de fala disputativa, cumulativa e exploratória (Mercer, 2003). Posteriormente, aplicou-se o modelo de análise de Fontich (2010) nas sequências de fala exploratória destas crianças portuguesas a “pensar em voz alta” sobre pronomes. Os resultados serão traduzidos numa perspetiva qualitativa/interpretativa cujo foco são as unidades de discurso e o conteúdo dos enunciados metalinguísticos.

A tabela 1 ilustra uma subsequência argumentativa relativa à reflexão sobre os referentes de pronomes.

Tabela 1 – Subsequência metalinguística “A que se referem os pronomes?”

SA	EA		EM			Enunciado
	Reativo	Aditivo	Natureza			
			P	S	F	
I	Divergir	-	-	-	-	1.1. S: não aqui /onde é que tem a etapa três? Aqui / aqui diz “Os pronomes ganham significado quando aparecem num texto, consegues confirmar essa conclusão?”
	-	Explicar	X	-	-	1.1. S: sim porque quando estão sozinhos não fazem sentido
	-	Expandir	-	-	-	1.1. S: e agora aqui diz “Não é possível saber a que se referem pronomes como ela, aquela, si, isto, este e meu, quando estão sozinhos, mas quando aparecem num texto”
	-	Explicar	X	-	-	1.1. S: quer dizer quando aparecem sozinhos não têm significado quando aparecem num texto
	-	Aceitar	-	-	-	1.2. L: essa parte eu já entendi
	-	Expandir	-	-	-	1.3. S: os pronomes ganham significado e referem-se a outras expressões.

	-	Explicar	-	X		1.4. S: Quer dizer se a gente fizer frases com pronomes tipo vá “aquele é meu” não sei quê não sei que mais
	-	Aceitar	-	-	-	1.5. L: hum hum
	-	Expandir	-	-	-	1.6. S: as expressões / os pronomes referem-se a
	-	Adicionar		X		1.7. L: objetos, pessoas
		Adicionar	-	X	-	1.8. S: nomes / objetos /adjetivos
II	Contradizer	-	-	-	X	1.9. L: pessoas? adjetivos não / sabes que é nessa né?
	-	Aceitar		X	-	1.10. S: ah pois são nomes /objetos / adjetivos?
	-	Aceitar	-	-	-	1.11. L: acho que seria sim
	-	Aceitar			X	1.12. S: adjetivos / já acabámos professora

Nota. SA: sequência argumentativa; EA: enunciado argumentativo; EM: enunciado metalinguístico; P: pragmática; S: semântica; F: formal

Resultados como este evidenciam uma capacidade de reflexão colaborativa que ultrapassa o que pode ser observado no produto-resposta. No final, a resposta que acaba por ficar registada (e será vista pelo professor) está errada – “adjetivos”. Porém, o raciocínio desenvolvido, incluindo a construção de um exemplo adequado, mostra capacidades de reflexão sobre o funcionamento de pronomes que ficariam silenciadas numa aula tradicional. O laboratório gramatical, associado a trabalho colaborativo, potencia reflexões espontâneas que devem ser o ponto de partida do trabalho do professor, mais consciente das conceptualizações precoces das crianças e da sua capacidade de pensar criticamente sobre a própria língua.

Referências

- Batalha, J. (2018). *Relações entre conhecimento explícito da língua e a competência de leitura. Compreensão de dependências referenciais no ensino básico*. Dissertação de doutoramento. Universidade Nova de Lisboa.
- Batalha, J. & Costa, A. L. (2000). Para um perfil do conhecimento gramatical da geração do milénio. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 7, 37-54.
- Camps, A. (2014). Metalinguistic activity in language learning. In Ribas, Fontich & Guasch (eds). *Grammar at School. Research on metalinguistic activity in language education*. Peter Lang.
- Camps, A., & Fontich, X. (eds.) (2020). *Research and teaching at the intersection. Navigating the territory of grammar and writing in the context of metalinguistic activity*. Peter Lang.
- Duarte, I. (2008). *O conhecimento da língua: desenvolver a consciência linguística*. DGIDC.
- ME.Fontich, X. (2010). La construcció del saber metalingüístic en la interacció en petit grup. In Guasch & Milian (eds.). *L'educació lingüística I l'èrria en entorns multilingües*. Universitat Autònoma de Barcelona. Servei de Publicacions, LLeRA.

- Gauvin, I., & Boivin, M.-C. (2013). Identifier le verbe: élaboration des connaissances par les élèves en classe. *Revue des Sciences de l'éducation*, 39(3), 547-569.
- Jouili, E., & Elalouf, M.-L. (2021). La conceptualisation de la notion de sujet: étude comparative au cycle 4. *Le français aujourd'hui*, 214(3), 51-67.
- Mercer, N. (2003). Helping children to talk and think together more effectively. *Polifonia*, 7, 1-26.

**Desenvolvimento de estruturas de subordinação na escrita:
estudo longitudinal com crianças de 1.º ciclo**

Joana Batalha, Aida Cardoso & Maria Lobo

CLUNL/FCSH

Diferentes estudos têm procurado determinar a “maturidade” da escrita, considerando diferentes medidas, entre as quais a produção de estruturas de subordinação (Hudson, 2009). Em estudos desenvolvidos com várias línguas, em particular o inglês, a subordinação tem sido encarada como domínio sintático indiciador de desenvolvimento da escrita, o que se deve, em grande medida, à associação com a noção de complexidade sintática (Durrant, Brenchley & McCallum, 2021). No caso do português, num estudo que analisou 252 produções narrativas de 126 crianças de 1.º ciclo, Lobo et al. (2022a) verificaram que os conetores subordinativos se tornam mais frequentes do 2.º para o 3.º ano de escolaridade. Além da quantidade, observou-se progressão quanto à diversidade de conetores usados. No início do 3.º ano, os conetores mais usados nas produções escritas foram *que* (em relativas) / *que* (em completivas) / *quando* / *para* / *porque* / *até que*. Também Lobo et. al. (2022b) concluíram, a partir de um *corpus* de 151 produções escritas de 3.º ano de escolaridade, que as estruturas de subordinação predizem de forma significativa a qualidade global da escrita, medida através da conformidade ao formato textual (narrativa). Ainda assim, há evidência de diferentes perfis de desenvolvimento, com diferenças relevantes na produção de estruturas de subordinação entre crianças da mesma faixa etária (Costa, Cerqueira & Carreto, 2017; Lobo et al. 2022a). Na sequência destes trabalhos, pretende-se aprofundar o desenvolvimento longitudinal da complexidade sintática na escrita das crianças de 1.º ciclo, considerando estruturas de subordinação produzidas. A investigação sobre o desenvolvimento da escrita em fases iniciais pode contribuir para o desenvolvimento de modelos de produção escrita mais adequados, que tenham em conta não só escritores mais experientes, mas também escritores a iniciar a aprendizagem da escrita (Alamargot & Fayol, 2009).

No presente estudo, foi analisado um conjunto de textos produzidos por 43 crianças falantes monolíngues de PE sem diagnóstico de perturbações da linguagem. O *corpus*, com um total de 172 textos, inclui textos de quatro momentos distintos do percurso escolar – início e fim dos 2.º e 3.º anos de escolaridade. Estes textos foram obtidos através de uma tarefa de produção escrita induzida a partir de uma sequência de três imagens. Numa primeira análise, foi feito o levantamento dos conetores subordinativos mais frequentes de acordo com Lobo et al. (2022), sendo considerados três tipos de subordinação: (i) orações relativas; (ii) orações completivas finitas e (iii) orações adverbiais (temporais, causais, finais). Partindo do número de estruturas de subordinação produzidas por cada criança, nos quatro momentos analisados, procurou-se também determinar diferentes perfis de desenvolvimento no uso de subordinação na escrita.

No Gráfico 1, pode observar-se uma progressão na produção dos diferentes tipos de estruturas de subordinação ao longo do tempo, sendo expressivo o aumento que ocorre entre

os textos do início e do fim do 2.º ano. Acrescente-se que também a extensão dos textos aumenta, registando-se médias no número de palavras de 34, 71, 63 e 74 nos quatro momentos, respetivamente. Há, contudo, a reportar diferenças nos tipos de subordinação: as relativas ocorrem com maior frequência, podendo observar-se um aumento contínuo no uso destas estruturas; um padrão semelhante é encontrado com as completivas finitas, embora a sua frequência seja menor quando comparada com a de relativas; as adverbiais apresentam um padrão distinto, atingindo um maior número de ocorrências no final do 2.º ano, um menor número no início do 3.º ano, e novamente um aumento no fim deste ano (esta aparente irregularidade no uso de adverbiais deve-se, sobretudo, a um decréscimo de uso das temporais e finais detetado nos textos do início do 3.º ano). Por sua vez, no Gráfico 2, é possível observar o número de ocorrências das estruturas de subordinação em cada texto, nos diferentes momentos, verificando-se que o número de textos em que não é produzida qualquer estrutura de subordinação é mais elevado no início do 2.º ano, diminuindo para menos de metade nos momentos seguintes. Há uma prevalência de textos em que ocorrem 1 a 2 estruturas de subordinação e, em menor número, e sobretudo a partir do fim do 2.º ano, registam-se textos com 3 ou mais estruturas. Partindo destes dados, foi realizada uma análise qualitativa centrada no desenvolvimento de cada uma das 43 crianças incluídas no estudo. Da análise das produções individuais das crianças, podemos identificar diferentes perfis de desenvolvimento (ver exemplos da Tabela 1). Estes exemplos são ilustrativos de percursos distintos: o exemplo 1 ilustra um caso em que a produção das estruturas alvo de análise é nula ou residual nas quatro produções escritas, enquanto no exemplo 3 se verifica uma progressão no uso da subordinação ao longo dos quatro momentos. No exemplo 2, apesar de não haver uma progressão constante de estruturas de subordinação, verifica-se evolução global noutros parâmetros, como o uso da pontuação.

De um modo global, os resultados encontrados estão alinhados com estudos anteriores, mostrando que algumas estruturas de subordinação, como as orações relativas, aumentam progressivamente ao longo do tempo na escrita das crianças (Perera, 1986, citado por Hudson 2009). Apesar de nem sempre haver uma progressão linear do aumento das estruturas de subordinação em todas as crianças, há evidência de desenvolvimento sintático, que se manifesta no domínio das regras de pontuação, em particular na capacidade de delimitar unidades oracionais. Assim, poder-se-á concluir que a subordinação é um indicador relevante para a caracterização de produções escritas iniciais (Lobo 2022b), mas confirmam-se resultados de estudos anteriores que destacam a necessidade de considerar diferentes parâmetros na caracterização do desenvolvimento sintático da escrita (Hudson, 2009).

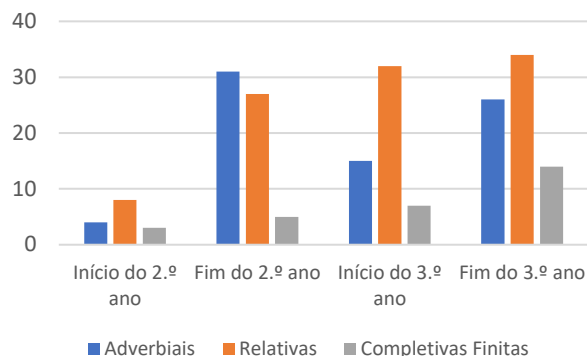


Gráfico 1: Número de ocorrências de cada tipo de estrutura de subordinação nos 4 momentos do estudo

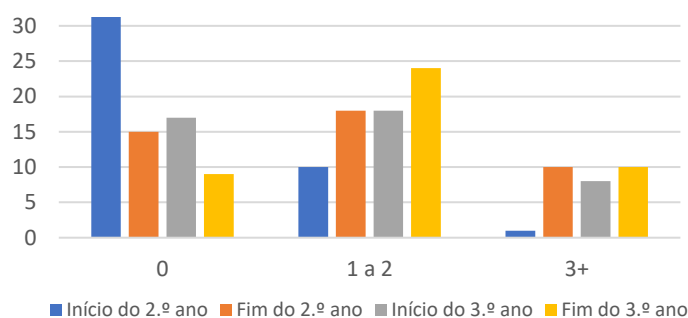


Gráfico 2: Número de textos com 0, entre 1 e 2, e mais de 3 estruturas de subordinação em cada momento do estudo.

Início 2.º ano	Fim 2.º ano	Início 3.º ano	Fim 3.º ano
<i>O título</i> O menino tava a adava da bisitaleta e deponhi cal do butaco e avó ajudava o menino. [A0289]	<i>um cão e o gato.</i> Era uma vez o Diogo. Ele foi passear o cão Bobi, o Diogo viar para a espanha. Eles os dois in-contraram um gato. Emcima de um moro e o Bobi, comesou a latrare e o gato fogio para longe da le. O Diogo la para casa. E disse a mãe [A0289]	<i>O balão azul</i> Era uma vez um menino chama-se santiago e a mãe deu-lhe um balão ao santiago. O santiago não a<xxx> bem e o balão voou mas a mãe a <x>arrou a tempo e o santiago fic<x> muito feliz. [A0289]	<i>O menino e a sua bicicleta</i> Era uma vez um menino chamado Agostinho. Ele tinha 13 anos, o Agostinho chama a sua bicicleta de Matilde. Era assim até ir andar ele andava e andava até não ver um boraco e cair e o Agostinho e aleijou-se mas abrecece uma senhora chamada lida e lhe deu uma penso. Fim [A0289]
Salvador diside: OSalvador q adiad dsside [A0313]	<i>O Rui e o cão</i> O Rui foi pasiar no jardim com o cão que se jamava João, e um dia viram um ganto e cão comesou a lardare, e o ganto assoto-se muito porque o ganto não gostava-se poriso o Rui pegou no cão para o ganto -se. Vicare mais almo e a pardire<x>ado e o ganto e o cão deram-se pai. [A0313]	<i>O João é o balao</i> Era uma fes um menino jamano João que um dia A mãe delhe um balao para ele bica lá fora encato Arromava á cozinha e cado deo-lhe para a mao ele Vou mas um pasarino tava lá pornto e a panho. [A0313]	<i>O António e a bicicleta</i> Numa bela manhã o António foi andar de bicicleta. Mas depois ele caio, e comesou a chorare. Soque depois uma sinhora chegou, e preguntou se tava dodo bem, ele respoente que sim da dodu bem. [A0313]
<i>O Santiago</i> O santiago da va a dar a pasiatá I ~u santiago caio a laijo I ã senhora a jodo u santiago I õ menino vilobai I cosoavilobai I vilõ ã i foi paracasa I foim casadapanlo i pacama. [A0266]	<i>O Tiago e o cão Tito</i> Era uma ves o menino e sechamavase Tiago. E o Tiago levou o seu cão a roa, primeiro pos-lhe a trela, no pescoso. E o cão e Tiago foram a rou. Adarão, adarão, adarão. E encontram um gato e o Tito foi a tras do gato. E u Tiago a panhou o Tito e o gato estava no moro. [A0266]	<i>O João e o seu balão</i> Era uma ves o menino que se chamava se João. Um dia a sua mãe deu um balão azul. - Filho tomala um balau azul. - Oia mãe. Dise o João. O João foi bricar. Amado para o seu. Amadou para o lado e pa o odro e amado pra o ar foi voar. - Filho neque está o balao? não sei mamã. - Olha mãe a quele pasaro esta com o balão obrigado. [A0266]	<i>O menino que caio de bicicleta</i> Era uma vez um menino que chama-se Fernando. Um dia o Fernando foi andar de bicicleta e caio porque tinha um boraco no chão, ele fez um doidoi que deitou sangue, e ele esperou dez minutos centado no chão. - ajuda ajuda. - Disse o Fernando a gritar. O Fernando encontrou uma senhora a passear. - Bom dia desculpe encomudar a senhora pode me ajudar? - Disse ele. - Sim eu posso te ajudar toma um penso - Disse a senhor. - Obrigado - Disse o Fernando. [A0266]

Tabela 1: Perfis de desenvolvimento em função da produção de estruturas de subordinação nos quatro momentos do estudo.

Referências

Alamargot, D. & M. Fayol (2009) Modelling the Development of Written Composition. In R. Beard, D. Myhill, M. Nystrand & J. Riley (eds.) *The SAGE Handbook of Writing Development*. SAGE.

- Costa, A. L., Carreto, V. & Cerqueira, S. (2017) E essa é a minha opinião: para o estudo da emergência da escrita argumentativa. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística* (3), 51-73.
- Durrant, P., Brenchley, M. & McCallum, L. (2021) *Understanding development and proficiency in writing: Quantitative corpus linguistics approaches*. CUP.
- Hudson, R. (2009) Measuring Maturity. In R. Beard, D. Myhill, M. Nystrand & J. Riley (eds.) *The SAGE Handbook of Writing Development*. SAGE.
- Lobo, M., Batalha, J., Estrela, A., & Bragança, B. (2022a) Desenvolvimento sintático em produções escritas de crianças de 1.º ciclo. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, (9), 150-163.
- Lobo, M., Batalha, J., Estrela, A., & Bragança, B. (2022b) Para uma caracterização da complexidade sintática em produções narrativas escritas de níveis iniciais de escolaridade. Comunicação apresentada no Congresso Internacional em Sintaxe. Porto, julho de 2022.

O desuso de *cujo/cuyo* em português e em espanhol.

Tendências analíticas nas formas de substituição

Francisco Fidalgo

Universidade de Aveiro

O determinante e pronome¹⁰ relativo e possessivo *cujo* (Raposo, 2013, p. 906), *cuyo*, *cuxo* é uma forma exclusiva do português, do espanhol e do galego, se bem que nesta última língua existe uma discussão sobre o carácter patrimonial da forma atual e o seu emprego (Freixeiro Mato, 2001). Esta forma relativa tem uma dupla caracterização sintática: é um pronome em relação ao grupo nominal antecedente, mas principalmente deve ser considerado como um adjetivo possessivo em função de determinante do grupo nominal que o segue.

Cujo, como relativo, desempenha três funções¹¹; une partes do texto, uma vez que exerce como nexos de subordinação ao introduzir uma cláusula dependente; retoma o antecedente nominal que corresponde ao possuidor exprimindo uma relação anafórica; e atribui uma interpretação definida¹² e possessiva ao grupo nominal ao que se refere, sendo por isso proibida a ocorrência com um determinante de valor indefinido (Velo, 2013, p.2097).

Cujo/cuyo são formas em desuso tanto no português europeu (Arim et al. 1995, Brito, 1995, 2003; Peres e Mória, 2003; Velo, 2013), de forma mais acentuada no português do Brasil (Kato et al., 1996; De Castilho, 2010; Perini, 2017), como no espanhol nas suas diversas variedades diatópicas (Porto Dapena, 1991; Alarcos, 1994; Brucart, 1999, 2016; Manual, 2010; NGLE, 2009; Instituto Cervantes, 2016). O nosso primeiro objetivo deste estudo é confirmar esta situação de desemprego de *cujo/cuyo* mediante uma pesquisa nos corpora indicados (vid.infra.) e analisar os resultados contrastivamente.

Em português europeu¹³ *cujo* pode ser substituído na atualidade pelas formas analíticas ‘o/a(s)+substantivo+da/o(s) qual(s)’ ou por ‘de+quem’ e ainda por ‘de+que’ com alterações

¹⁰ Existe uma discussão, sobre tudo no português, sobre a natureza categoria de *cujo/cuyo*. É interpretado como pronome na medida que substitui a referência do possuidor: *Cujo* “é, a um tempo, [pronome] relativo e possessivo, equivalente pelo sentido a do qual, de quem, de que» (Cunha e Cintra, 2001, p. 350). Mas também existem um conjunto de estudos que considera que é apenas determinante porque acompanha um substantivo, não substitui um substantivo, ainda que o substantivo ao que determina não se refira ao possuidor, mas sim à entidade possuída.

¹¹ “El papel que desempeña el relativo es triple. Por un lado, ejerce de nexos de subordinación, ya que introduce la cláusula como oración dependiente; por otro, desempeña una función sintáctica en la subordinada (sujeto, objeto directo, etc.); por último, posee naturaleza anafórica, lo que permite relacionar semánticamente la oración subordinada con el grupo nominal del que forma parte” (Manual, 2010, p.837).

¹² No português de Moçambique, é possível constatar a presença das formas “*cujo+esse*”, “*cujo+seu*”, “*cujo+o*”, o que demonstra que os falantes que emitem estas construções não estão conscientes da natureza possessiva e determinada de *cujo* (Brito, 2001).

¹³ Não será objeto capital deste estudo a variedade brasileira do português nem as variedades americanas do espanhol, ficando para posteriores trabalhos uma investigação, do ponto de vista contrastivo, sobre as diferentes estratégias de relativização de que dispõe o PB (Kato et al., 1996; De Castilho, 2010; Perini, 2017) e os variedades do espanhol da América.

semânticas, concordância com o conseqüente não com o antecedente, e sintáticas correspondentes de acordo com o seu carácter de genitivo¹⁴ (Mateus et al., 2003, p. 664).

“Deitei fora o aparelho cujos fios/os fios do qual o rato roeu” (Velooso, 2013, p. 2098).

“Esta é a amiga cuja casa/a casa de quem eu vou logo à noite” (Velooso, 2013, p. 2098).

Peres e Mória indicam, a este respeito, que cujo é “a versão portuguesa do genitivo de um pronome relativo latino, tradicionalmente ligado, em português, a uma posição e função de constituinte genitivo» (2003, p. 314).

Em espanhol cuyo (NGLE, 2009, p.) é substituído, de forma vulgar e incorreta, pela combinação ‘que+su’, fenómeno denominado quesuísmo. Esta permuta é comum em qualquer contexto, até nos registos escritos formais como no seguinte:

“Quiere que juegue más libre, sin la obligación de marcar ni desgastarse porque él es un jugador que su máxima cualidad es la de crear fútbol (entrevista al jugador de fútbol Julio Baptista, abc.es, 09/08/2005, España)” (Instituto Cervantes, 2016, p.104).

Também é possível, sendo caracterizado como um emprego vulgar, desaconselhado e incorreto (NGLE, 2009, p.), substituir cuyo pela combinação ‘artigo definido+grupo nominal+que’, seja de forma contínua ou descontínua:

“Compré un libro que estaban las hojas como descoloridas, en lugar de Compré un libro que las hojas estaban descoloridas y de la normativa Compré un libro cuyas hojas estaban descoloridas 6 (sic). (IC, 2016, p.95 apud Gómez Torrego, 1999).

Em português não encontramos ‘quesuísmo’, talvez porque seria ‘queelsuísmo’ (‘queoseusismo’), e iria comportar uma referência duplicada e pleonástica de género e número aparentemente desnecessária¹⁵ por não ser linguisticamente económica.

*Falo do Manuel, o filho do Chico, que a sua irmã é de Albacete.

Não serão objeto de estudo neste trabalho as denominadas relativas reasuntivas em espanhol (Brucart 2016, p.728; NGLE, 2009) não recomendadas em empregos cultos, nomeadamente escritos, mas com abundantes ocorrências. Também não incluiremos no estudo as relativas cortadoras que se podem verificar também em espanhol¹⁶ (Instituto Cervantes, 2016, pp.90-91).

¹⁴ A forma cujo/cuyo provém da forma latina cuius que significava ‘de quem’ e era a forma que marcava posse (genitivo) da forma relativa qui e da interrogativa quis. O valor ‘de quem’ é constatável no português, no castelhano e no galego até aos séculos XVI-XVII. No espanhol, tal como indicamos para o português no caso de “o+nome+do qual”, as construções ‘el(la)+grupo nominal+del/la que/cual’ (Brucart, 2016, p. 724) são formas canónicas e normativas de substituir a cuyo, exprimindo analiticamente a relação genitiva de posse (e definição) e a filiação anafórica com o antecedente.

¹⁵ Parece, dado que só temos informações orais por enquanto, que é a mesma redundância semântica que faz que com os falantes bilingues de castelhano e galego sejam reticentes a empregarem ‘que+su’ no castelhano, uma vez que é raro em galego.

¹⁶ “Voy al cine con la chica que te hablé ayer, en vez de chica de la que te hablé” (IC, 2016, p.90).

Defendemos que as formas analíticas mencionadas que podem substituir à forma canónica cujo/cuyo em português e em espanhol partilham com ela que todas são formas determinadas que exprimem posse, seja pela presença do artigo definido, do possessivo ou do relativo 'quem' e que garantem ainda, mediante uma solução analítica, à junção com a oração principal fruto da sua dependência sintática e a relação pragmáticosemântica anafórica com o antecedente.

Propugnamos que esta possibilidade de permuta faz parte da cíclica mudança linguística que experimentam todas as línguas, neste caso estas línguas ibéricas, e que lhes permite exprimir semanticamente por médios sintáticos analíticos conteúdos antes expressados por meios sintéticos como a forma 'cujo/cuyo'. Este facto resulta extremamente interessante dado que o português e, em menor medida, o espanhol têm sido consideradas pela Romanística 'clássica' como línguas conservadoras (López Izquierdo, 2014), pelo maior vínculo estrutural com o latim, e sintéticas frente ao francês, língua tida como inovadora ainda que neste caso possua a forma relativa sintética 'dont', e frente ao italiano. Para além deste caso concreto, julgamos que a categorização como línguas conservadoras e sintéticas deve ser revisada no caso de ambas línguas ibéricas, mais ainda no português, nomeadamente nas suas variedades americanas. Esta retificação é óbvia e perentória, por exemplo, no caso das novas formas de expressão da futuridade perifrástica (Fidalgo, 2012, 2020), num quadro mais amplo da reestruturação analítica da expressão da temporalidade.

Julgamos que as duas línguas estão a experimentar uma tendência analítica de substituição da forma 'cujo/cuyo' por um conjunto de formas analíticas, ainda que nem todas façam parte ainda da norma padrão de ambas as línguas nas suas variedades europeias. Esta substituição formal não supõe uma renovação e alteração dos conteúdos semânticos de 'cujo/cuyo' nas duas línguas, mas sim uma renovação formal sintática destes conteúdos, como demonstraremos mediante um estudo contrastivo baseado no emprego de corpora nas duas línguas e um inquérito semidirigido.

Para cumprir os objetivos e demonstrar as hipóteses formuladas, empregamos o corpus do português "Gênero/histórico" de Mark Davies (2006) que "contém uma base de dados com 45 milhões de palavras dos anos 1200 de 1900, e pode ser usado para verificar a história do português. Para o século XX, é dividido igualmente entre gêneros de estilo falado, ficção, jornais e textos académicos".

Para o espanhol, por razões de coerência pesquisadora e relevância contrastiva, iremos empregar também o corpus "Género/histórico" do espanhol de Mark Davies (2002) que "contiene 100 millones de palabras de entre el siglo XIII y el siglo XX, y se puede utilizar para analizar la historia del español. Para el siglo XX, los datos están divididos equitativamente entre textos orales, de ficción, de periódicos y académicos, lo que permite realizar búsquedas para comparar géneros en español."

Para além da pesquisa nos corpora referidos, iremos utilizar ainda um inquérito escrito semidirigido a alunos universitários portugueses e espanhóis com diferentes questões de escolha múltipla e preenchimento livre com considerações sobre a agramaticalidade e correção

de um conjunto de trinta orações relativas que empregam 'cujo/cuyo' e as formas de substituição anteriormente referidas.

Palavras-chave: cujo/cuyo; relativo, desuso, determinação, possessivo; analiticidade

Referências

- Alarcos, E. (1994). *Gramática de la lengua española*. Espasa Calpe.
- Arim, E.; Ramilo, M^a Celeste e Freitas, T. (2005). Estratégias de relativização nos meios de comunicação social portugueses, In: T. Freitas & A. Mendes (orgs.), *Actas do XIX ENAPL* (pp.279-288), Lisboa: APL.
- Brito, A. M. (1991). *A sintaxe das orações relativas em português: estrutura, mecanismos interpretativos e condições sobre a distribuição dos morfemas relativos*. INIC.
- Brito, A.M. (1995). As orações relativas restritivas nas variantes culta e oral em quatro línguas românicas, com incidência especial em português. *Lusorama*, 27, 70-81.
- Brito, A. M. (2001). Relativas de genitivo no Português Europeu e no Português de Moçambique. In Clara Nunes Correia & Anabela Gonçalves (Eds.) *Actas do XVI Encontro Nacional da APL* (pp. 115-129). Lisboa: Colibri.
- Brito, A. M. (2003). "Orações relativas e construções aparentadas". In Mateus, M. H.; Brito, A. M.; Duarte, I. e Faria, I. *Gramática da Língua Portuguesa* (pp.653-694). Lisboa: Caminho.
- Brucart, J. M. (1999). "La estructura del sintagma nominal: Las oraciones de relativo". En I. Bosque, V. Demonte (Eds.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. (Vol. I, pp. 395-522.). Espasa-Calpe.
- Brucart, J. M. (2016). "Las oraciones de relativo". En *Enciclopedia de Lingüística Hispánica*, (1 ed., Vol. 2, pp. 722-735). Routledge.
- Cunha, C., y Cintra, L.F. (2001). *Nova gramática do português contemporâneo*. Sá da Costa.
- De Castilho, A. (2010). *Nova Gramática do português Brasileiro*. Contexto.
- Davies, M. (2002). *Corpus del español. Género/Histórico*. Consultado en: <https://www.corpusdelespanol.org/hist-gen/>
- Davies, M. (2006). *Corpus do Português. Gênero/histórico*. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>
- Kato, M; Braga, M. L.; Corrêa, V. R.; Rossi, M. A. e Sikansi, N. (1996). As construçõesQ no português brasileiro falado: perguntas, clivadas e relativas. In Ingedore G. V. Koch (Org.) *Gramática do português falado*, (vol. VI. pp. 303-368.). Unicamp.
- Fidalgo, F.J. (2012). *La expresión de la futuridad en portugués y su contraste con el español. Tiempos futuros y formas perifrásticas*. [Tesis de doctorado. Universidad de Salamanca] https://gredos.usal.es/handle/10366/110664?locale-attribute=pt_BR
- Fidalgo, F.J. (2020). La eclosión de irei+infinitivo como expresión de la futuridad en portugués. *Quaderns de Filologia: Estudis Luingüístics*, Vol. 25, 57-73.
- Freixeiro Mato, X. R. (2001). Interferencia e niveis de uso dalgunhas construcións con pronome posesivo en galego. *Revista Galega de Filoloxía*, 2, 69-88.

- Instituto Cervantes (IC) (2016). *Cocodrilos en el diccionario. Hacia dónde camina el español*. Espasa.
- López Izquierdo, M. (2014). Sobre la distinción innovador / conservador y los modelos secuenciales en la lingüística histórica, *Revista RILCE*, Vol. 30.3,776-806.
- Peres, J. A. e Mória, T. (2003). *Áreas críticas da língua portuguesa*. Caminho.
- Perini, M. (2017). *Gramática descritiva do português Brasileiro*. Vozes.
- Porto Dapena, J. A. (1997). *Oraciones de relativo*. Arco Libros.
- RAE y ASALE (2009). *Nueva gramática de la lengua española (NGLE)*. Espasa.
- RAE y ASALE (2010). *Nueva gramática de la lengua española (Manual)*. Espasa.
- Veloso, R. (2013). "Subordinação relativa". In Raposo, E. P.; Nascimento, M. F. B; Mota, M. A. C.; Segura, L.; Mendes, A. (Orgs.). *Gramática do Português (GDP)* (Vol. 2 pp.2063-2133). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

A reanálise / incorporação de “o que” em relativas livres em Português revisitada

Ana Maria Brito

FLUP/ CLUP

Objetivo: O objetivo principal é revisitar as relativas livres introduzidas por *o que* variável e por *o que* invariável em Português e desenvolver a proposta de reanálise / incorporação na combinação *o que* invariável proposta por Medeiros Júnior (2016) e Brito (2022). A natureza de *que* como complementador ou como um morfema *Q / wh* não especificado será também discutida.

Além de um morfema interrogativo *o que* (1), o Português tem um morfema *o que* relativo / não interrogativo, tal como ilustrado de (2) a (5). O comportamento deste constituinte mostra que há duas combinações distintas *o que*: um invariável, como na relativa livre (2) e em relativas apositivas (3), e um *o que* variável, que introduz uma “relativa semi-livre” (Rebuschi 2001) ou uma “light headed relative” (Citko, B. 2004) em (4), para além de uma combinação “ambígua” (entre variável e invariável), como em (5):

- (1) (a) O que fizeste?
(b) Pergunto o que fizeste.
- (2) Admiro o que tu fizeste.
- (3) O país foi invadido, o que surpreendeu os observadores.
- (4) Já li o / a / os / as me indicaste (falando de romances / novelas).
- (5) Já li o que me indicaste.

Como Brito & Duarte (2003) já sugerem, nas “relativas “semi-livres”, como (4), a separação entre *o* e *que* por uma preposição é gramatical porque o determinante pertence ao antecedente da relativa, como ilustrado em (6):

- (6) Já li o / a / os / as de que me falaste (falando de romances / novelas).

Como a combinação *o que* invariável, a presença da preposição é impossível, como ilustrado em (7):

- (7) * Admiro *o de que* estás convencido.

Tudo indica, portanto, que na combinação *o que* invariável temos uma palavra, uma unidade, como proposto por Medeiros Júnior (2016), que propõe que o constituinte é o resultado de reanálise / incorporação. De acordo com o autor, a preposição ainda podia interferir entre *o* e *que* no séc. XVI:

- (8) “(...) nisto seguirei o de que sou notado entre eles.” (Couto, séc. XVI)

A estrutura em (8) é portanto ainda (9a), a estrutura comum às relativas semilivres; no Português Europeu Contemporâneo há duas estruturas, (9a) e (9b); na segunda uma preposição entre *o* e *que* é impossível; de acordo com Medeiros Júnior (2016), a estrutura ((9b) é a dominante no Português Brasileiro:

- (9) (a) [DP o [CP que]]
(b) [DP o que [CP]]

Uma das questões relacionadas com esta análise é a natureza do relativo *que*; Brito (1991) para as relativas de SU e de OD argumenta a favor de que o *que* é o complementador, ocupa C e há movimento de um operador nulo. Faria e Duarte (1989) propuseram que este *que* deve ser encarado com um morfema não especificado; Kato & Nunes (2009), Veloso (2013) e Rinke & Assman (2017) propuseram que não só nas relativas de SU e de OD mas também nas de Pied Piping de PPs, o *que* é um determinante relativo. Espírito Santo (2019) aceita a análise de Brito (1991) para as relativas de SU e de OD mas partilha da proposta dos autores anteriores de que o relativo *que* tem o traço [+DET].

Combinando estas duas propostas, contra Brito (1991), partiremos da ideia de que o *que* relativo tem o traço [+DET] mas é não especificado em termos de traços ϕ e de traços semânticos. Aceitando esta ideia, a reanálise é descrita, simplificada, em (10), em que o morfema *que* sobe para D devido ao seu traço [+Det] e devido à sua natureza de clítico:

(10) [DP [D' [D o [D *que*]] [CP ~~que~~ [C' [C [TP ... ~~que~~ ...]]]]]]

É interessante observar o que se passa em Francês, pois nesta língua *ce que* é obrigatório tanto em relativas livres como em interrogativas subordinadas, como em (11) e (12)).

(11) J'aime ce que tu as cuisiné. / * J'aime que tu as cuisiné. (FR)

(12) Je me demande ce que ton frère a acheté / * Je me demande que ton frère a acheté. (Sub. Int.).

Konrad (2019), de onde são retirados os exemplos, considera que as duas estruturas são basicamente DPs e, de modo a explicar estes dados, considera que opera uma reanálise / incorporação que permite criar uma sequência $D_{ce}+OP_{wh}+que$, um elemento [skə] em C (portanto em moldes distintos do que se passa em Português). Konrad propõe que, se D for retido na estrutura, o resultado é uma relativa livre, se D não for retido, é formada uma interrogativa subordinada.

Diferentemente do Francês, as interrogativas tanto independentes como subordinadas e as relativas livres em Português são distintas quanto à possibilidade de exibirem *que* / *o que*: nas interrogativas, *que* e *o que* podem comutar, como ilustrado em (13) e (14), mas nas relativas livres tal comutação é impossível (15) (deixaremos de lado as relativas livres infinitivas) (cf. Matos & Brito 2018):

(13)(a) O que fizeste? / (b) Que fizeste?

(14)(a) Pergunto o que fizeste. / (b) Pergunto que fizeste.

(15) (a) Aprecio o que fizeste / (b) * Aprecio que fizeste.

Outra diferença relaciona-se com o movimento do verbo, obrigatório nas interrogativas em PE com (*o que*) nas independentes e com o *que wh* nas subordinadas (16) (cf. Ambar 1992) e não necessário nas relativas livres, que admitem as duas ordens (17):

(16)(a) (O) que fez a Maria? / * (O) que a Maria fez?

(b) Pergunto que fez a Maria / * Pergunto que a Maria fez.

(17)(a) Admiro o que fez a Maria / (b) Admiro o que a Maria fez.

Como os exemplos mostram, o movimento Q/wh para esp de CP em interrogativas não é suficiente para legitimar a estrutura, não só com o constituinte *o que* (16a), mas também

com o *que* subordinado (16b) em PE. Por essa razão, Matos & Brito (2018: 164) relacionam o movimento do verbo para C com uma estratégia de etiquetagem (“labeling”) da estrutura como CP (p. 164), desenvolvendo Cecchetto & Donati (2010, 2015). Contudo, aceitando Brito (1991), Mória (1996), Miotto & Lobo (2016), Capinogro (2002), entre outros, as autoras continuam a assumir que as interrogativas subordinadas são CP e que as relativas livres são DP contendo CP. Igualmente, comparando interrogativas subordinadas canónicas (“proper”), as interrogativas subordinadas não canónicas (“improper”) e as relativas livres, mostram que a natureza [+int] ou declarativa [+decl] da construção não dispensa a consideração da natureza semântica do predicado matriz (veja-se a distinção entre *perguntar*, *descobrir*, *apreciar*, por exemplo). Por outro lado, as autoras mostram que o diferente comportamento de relativas livres e de interrogativas no que diz respeito à comutação entre *o que* e *que* indica que a presença de *o*, mais do que uma estratégia de etiquetagem é um requisito de identificação da estrutura, pois *que* é sempre ambíguo entre a natureza de complementador e de morfema *Q / Wh*, mas *o que* não é. As autoras propõem que o interrogativo *o que* é o resultado de reanálise, mas tal reanálise deve ser distinguida do que acima se propôs para o relativo *o que*; de facto, em interrogativas a oscilação *que / o que* mostra que a reanálise é lexical, enquanto em relativas livres é o resultado de um processo sintático, como descrito simplificada em (10).

Em conclusão: em Português e noutras línguas, a sintaxe das relativas livres e das relativas semilivres aponta para um nível DP, enquanto as interrogativas subordinadas são CP. Mas há diferenças entre relativas livres e semilivres: nas relativas livres com *o que* invariável opera uma reanálise / incorporação (em sintaxe) que explica que o constituinte se comporte como uma palavra e que uma preposição não possa colocar-se entre *o* e *que*; nas relativas semilivres, não opera tal reanálise e uma preposição pode colocar-se entre *o* e *que*. Finalmente, a presença de *o* em relativas livres parece ser um requisito de identificação da estrutura, pois *que* é sempre ambíguo entre a natureza de complementador e de morfema *Q / Wh*, mas *o que* não é.

Referências

- Ambar, M. (1992) *Para uma sintaxe da inversão sujeito verbo em Português*. Lisboa. Colibri.
- Brito, A.M. (1991) *A sintaxe das orações relativas em Português*. Lisboa, INIC.
- Brito, A.M. (2022) [Relativas livres transparentes em Português: algumas reflexões sintáticas](https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln9ano2022), n. 9 (2022): *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*; <https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln9ano2022>
- Cecchetto, Carlo & Donati, Caterina (2010) On labeling: Principle C and head movement, *Syntax*, DOI 10.1111/j.1467-9612.2010.00140.x;
- Cecchetto, Carlo & Donati, Caterina (2015) (Re)labeling, *Linguistic Inquiry Monographs*, MIT Press.
- Citko, B. (2004). On headed, headless and light-headed relatives. In *Natural Language & Linguistic Theory*. 22: 95-126.

- Caponigro, Ivano (2002). Free relatives as DPs with a silent D and a CP complement. In Vida Samiian (ed.) *Proceedings of the Western Conference on Linguistics*, 2000, Fresno: California State University.
- Espírito Santo, A. (2019) *The acquisition of Direct Object and Prepositioned Relative Clauses in European Portuguese by Native Chinese Speakers*, PhD in Linguistics, University of Lisbon.
- Faria, I. e Duarte, I. (1989) O paradoxo da variação: aspetos do Português Europeu. *R.I.L.P.* 1, 21-27.
- Kato, M. & Nunes, J. (2009). A uniform raising analysis for standard and nonstandard relative clauses in Brazilian Portuguese. In J. Nunes (Ed.) *Minimalist essays on Brazilian Portuguese*. Amsterdam: John Benjamins, 93-120.
- Konrad, I. (2019) At the crossroads between (semi-)free relatives and indirect questions in French. In Ingo Feldhausen, Martin Elsig, Imme Kuchenbrandt & Mareike Neuhaus (eds.) *Romance Languages and Linguistic Theory 15: Selected papers from 'Going Romance' 30*, Frankfurt. Also available at: <https://doi.org/10.1075/rllt.15.04kon>
<https://doi.org/10.1075/rllt.15.04kon>
- Matos, Gabriela & Brito, Ana Maria (2018) Relativas livres e interrogativas parciais: paralelos e diferenças, *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, Nº 4 – 09/2018, pp. 152-167; <https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln4ano2018a38>
- Medeiros Júnior, Paulo (2016) From [o [que]] to [o que] in Brazilian Portuguese Free relatives: a Diachronic View. In Mary Kato & Francisco Ordóñez (eds.) *The Morphosyntax of Portuguese and Spanish in Latin America*, Oxford, 308-331.
- Mioto, Carlos & Lobo, Maria (2016) Wh movement: interrogatives, relatives and clefts. In W. Leo Wetzels, Sergio Menuzzi & João Costa (eds.) *The Handbook of Portuguese Linguistics*. Wiley Blackwell, 275-293.
- Móia, Telmo (1996) A sintaxe das orações relativas sem antecedente expresso do Português. In Anabela Gonçalves, Madalena Colaço, Matilde Miguel & Telmo Móia, *Quatro estudos em sintaxe do Português. Uma abordagem segundo a teoria dos princípios e parâmetros*. Lisboa: Edições Colibri, 149-188.
- Kato, Mary & Nunes, Jairo (2009). A Uniform raising analysis for standard and nonstandard relative clauses in Brazilian Portuguese. In Nunes, J. (ed.) *Minimalist Essays on Brazilian Portuguese Syntax* Amsterdam: John Benjamins, 93-120.
- Rebuschi, G. (2001). Semi-free relative clauses and the DP hypothesis: Basque evidence and theoretical cases. In *IATL*. 8: 55-64.
- Rinke, E. & Aßmann, E. (2017). The Syntax of Relative Clauses in European Portuguese. Extending the Determiner Hypothesis of Relativizers to Relative *que*. In *Journal of Portuguese Linguistics*. 16: 1-26.

Frases relativas e elipse frásica

Gabriela Matos

Universidade de Lisboa

1. A construção de elipse frásica tendo por remanescente um sintagma-Qu (ing. Wh-) como *quem*, *o quê*, *onde*, *como*, designada *Sluicing* em inglês, foi classicamente atribuída a frases interrogativas como (1) (cf. Ross 1969, Merchant 2001, e.o.), ou a frases declarativas com sintagmas Qu- como (2), designadas *interrogativas impróprias* em Suñer (1999):

- (1) a. Eles querem ir a algum lado, embora eu me pergunte *onde* (~~querem eles ir~~)
b. Eles visitaram alguém. Mas *quem?* *quem* [~~visitaram eles~~]

- (2) O Rui ganhou um prémio, mas só na Gala vai descobrir *o quê* [(é que) ~~ganhou~~]

Nas últimas décadas, no entanto, a existência de *Sluicing* envolvendo frases relativas foi atestada em várias línguas como o húngaro (Lipták 2015), o gungbe (Lipták & Aboh 2013) e o português brasileiro (Rodrigues et al 2009, Otto & Siddiqi 2021). Exemplos como (3) evidenciam a existência desta construção também em português europeu:

- (3) a. O Pedro beijou alguém, mas eu não conheço *quem* [~~o Pedro beijou~~]
b. A Maria queria pedir ajuda (a alguém), mas não encontrou a *quem* [~~pedir ajuda~~]

O objetivo central deste trabalho é determinar as propriedades que distinguem e partilham *Sluicing* em relativas e em interrogativas próprias e impróprias.

2. Diferentemente de línguas como o Húngaro (Lipták 2015), no português (brasileiro e europeu), orações com antecedente expresso são excluídas de *Sluicing em Relativas*, veja-se (4) e (5), e só podem ocorrer relativas livres, como em (3) e (6):

- (4) a. *O Pedro beijou alguém, mas eu não conheço [a pessoa (a) *quem* [~~o Pedro beijou~~]]
b. *A Maria queria pedir ajuda (a alguém), mas não encontrou [nenhuma pessoa [*a quem* [~~pedir ajuda~~]]] (português europeu)

- (5) *Ela mora em algum lugar agradável, mas [a cidade *onde* [~~ela mora~~] é muito agitada] (O&S = Otto & Siddiqi, 2021) (português brasileiro)

- (6) Ela mora em algum lugar agradável, mas (seja lá) *onde* [~~ela mora~~] é muito agitado] (O&S)

3. Poderíamos levantar a hipótese de esta distribuição indicar que *Sluicing* requer que o remanescente da elipse ocorra num CP que, em contextos de subordinação, seja selecionado pelo predicado da oração subordinante. No entanto, como evidenciado por Rodrigues et al. (2009) e Otto & Siddiqi (2021), *Sluicing* em relativas ocorre com verbos como *conhecer* que só selecionam argumentos nominais e não frásicos (contraste-se (3a) e (7)). O mesmo acontece com *encontrar* (cf. (3b) vs. (8)):

- (7) *Eu não conheço que o Pedro beijou alguém.
(8) *Ela não encontrou que nenhuma pessoa a ajudasse.

Esta propriedade distingue *Sluicing* em relativas, de *Sluicing* em interrogativas próprias e impróprias como (1a) e (2), em que os verbos da subordinante selecionam CPs por argumentos, como atestado em (9)-(10), sem sintagmas-wh, e com os complementadores *que* e *se*:

- (9) Eu pergunto-me se eles querem ir a algum lado

(10) Na Gala ele vai descobrir *que* lhe atribuíram um prêmio importante.

4. Considerando que Sluicing se restringe a frases interrogativas, Merchant (2001, 2019) propõe que nesta construção, a elipse coocorra com um C(omplementador) com os traços [+ wh, +Q], que desencadeia o movimento de um sintagma- wh (=whP) para [Spec, CP] e se combina por Merge com o traço-E, que licencia o TP elíptico:

(11) $[_{CP} \text{whP}_i [_{C^e} \text{wh, Q}] [_{TP} \dots \bar{t}_i \dots]]$

Esta abordagem, exclui Sluicing de interrogativas impróprias e relativas livres, em que C tem força ilocutória declarativa, e não dá conta do estatuto nominal do constituinte que comporta o whP em Sluicing de relativas. Na sequência de Caponigro (2003), Otto & Siddiqui (2021) assumem que as relativas livres são o complemento de um núcleo D(eterminante) nulo, que atrai o WhP para o seu especificador. Note-se, contudo, que para esta atração se verificar, os traços-[+ wh] têm de percolar de C para o D nulo, quando este se combina por Merge com o CP com o WhP, como ilustrado em (12):

(12) $[_{DP} [_{D} \emptyset]_{+wh} [_{CP} [_{C^e} \text{wh, declarativo}] TP]]$.

Adotando esta análise (que cotejaremos com a proposta alternativa de Rodrigues et al., 2009 baseada em Checcheto & Donatti 2010, 2015), consideramos que as relativas exibindo Sluicing apresentam a seguinte estrutura simplificada, ilustrada para (3b), em que a elipse afetaria TP:

(13) $[_{DP} \text{a quem} [_{D} \emptyset]_{+wh} [_{CP} \text{a quem} [_{C^e} [+wh, + declarativo}]] [_{TP} \dots \text{a quem} \dots]]]$

Segundo alguns falantes, Sluicing em relativas produz frases ligeiramente marginais. Com base nos trabalhos de Lipták (2015) sobre Sluicing em Relativas no húngaro e de Matos & Brito (2013) sobre interrogativas-Wh próprias e impróprias, admitimos que, para estes falantes, todos os casos de Sluicing envolvem movimento do whP para uma projecção de FocP entre CP e TP. Como Foco é excluído das relativas na língua padrão (cf.(14)), tal explicaria essa marginalidade.

(14) *Ela não encontrou quem *é que* a animasse

Referências selecionadas

- LIPTÁK, A. 2015. Relative pronouns as sluicing remnants. *Approches to Hungarian 14*, Amsterdam: John Benjamins.
- MERCHANT, J. 2001 *The Syntax of Silence*. Oxford: OUP.
- OTTO, D.; Siddiqui, D. 2021. Ellipsis Where *(You Don't Expect It): Sluicing in Free Relative Clauses in Brazilian Portuguese. *Proceedings of the 37th West Coast Conference on Formal Linguistics*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project.
- MATOS, G; BRITO, A. 2013. The alternation between improper indirect questions and restrictive relatives. *Linguistik Aktuell* 197. Amsterdam: John Benjamins.
- RODRIGUES, C; NEVINS, A; VICENTE, L. 2009. Cleaving the interactions between Sluicing and Preposition Stranding. *Romance Language and Linguistic Theory*. Amsterdam: John Benjamins.

Perception of European Portuguese [e] and [i] by Hungarian native speakers

Gabriela Tavares¹, Andreia Deme² & Susana Correia¹

¹ CLUNL - Linguistics Research Centre of NOVA University Lisbon

² Department of Applied Linguistics and Phonetics, of ELTE University, Budapest

Research addressing the perception and acquisition of non-native contrasts have identified the perceived distance between L1 and L2 categories as a key factor in learnability, with studies showing that while some non-native contrasts are easy to discriminate, other pose significant difficulties (Best, 1995; Elvin et al., 2014; Escudero & Boersma, 2004; Flege, 1995; Flege & Bohn, 2021; Polka, 1995).

The present study focuses on the perception of the European Portuguese (EP) vowels [e] and [i] by Hungarian native speakers. Hungarian is a non-Indo-European language, with fourteen phonemic and phonetic monophthongs: /ɒ a: ɛ e: i i: o o: ø ø: u u: y y:/ (Markó, 2017). Vowel length is contrastive (e.g., örül ['øryl] 'rejoiced' versus őrül ['ø:ryl] 'getting crazy'), but stress-induced vowel quality change has not been attested (Gósy, 1997).

Assuming that the perception of non-native sounds depends on the phonetic proximity of these sounds with L1 sounds, we predicted that Hungarian speakers categorize the EP unstressed vowel [e] into /ɛ/, /e:/ or /ø/, and [i] into /y/, /e:/, /ɛ/ and /ø/, considering that these are the closest L1 categories to the EP vowels (Figure 1).

To test our predictions, we conducted a perceptual forced-choice identification task with goodness-rating, in which Hungarian participants were asked to match and evaluate EP vowels with Hungarian vowel categories (Bundgaard-Nielsen et al., 2011; Elvin et al., 2014; Faris et al., 2018; Polka, 1995). EP stimuli were presented in an auditory form and consisted of the nine oral vowels – [a e ɛ e i i o o u] – inserted in a [gV] context and recorded by three female native speakers of Portuguese. Hungarian vowel categories were presented in real Hungarian words with a CVCVC structure, visually displayed in a 3x3 grid (Figure 2). The first syllable of these words contained the [gV] possible in Hungarian, with vowel length being disregarded whenever possible: [gɒ], [ga:], [gɛ], [ge:], [gi], [go], [gø], [gu] and [gy]. After the identification task, participants had to evaluate the similarity between the EP vowel they heard and the chosen Hungarian category, in a 4-points Likert scale (1 = very bad example, 2 = bad example, 3 = good example, 4 = very good example). Each Hungarian speaker completed a total of 27 trials (9 EP vowels x 3 EP speakers), randomised across participants. The experiment was built in PsychoPy version 2020.2.3 (Peirce et al., 2019) and hosted online by *pavlovia.org*.

Seventy-eight Hungarian native speakers with no previous contact with EP were recruited, as well as 30 Portuguese native speakers without previous contact with Hungarian, to serve as a baseline condition. All participants were aged 18 to 45, and none reported hearing impairments.

Results partially confirmed our hypothesis: [e] was categorized into /ɛ/ or /ø/, while [i] was categorized into /y/ or /ø/ (Table 1). Regarding goodness-ratings, /y/ was evaluated as a “good example” of [i], while /ø/ had a negative rating. As for the perception of [e], /ɛ/ and /ø/

were equally perceived as a “good example” of the EP vowel.

The results found can be grounded in different explanatory factors. First, the comparison of formant dispersion means between our stimuli and the values of Hungarian perceptual map was based in values from male Hungarian speakers. Therefore, the partial confirmation of our predictions can be explained by the fact that EP female production values were crossed with Hungarian male perception values. Second, differences in phoneme frequency of occurrence may have also biased the results: while [ɛ] has a frequency of 11,4%, [e:] only represents 3,1% (Gósy, 2004). Third, vowel length may have played a role in the results. Although EP stimuli were manipulated to equalize vowel length, Hungarian [e:] exists only as a long vowel and [ɛ] as a short vowel. Consequently, it is possible that the Portuguese [ɛ] did not meet the [e:] length criterion for Hungarian participants. Fourth, χ^2 tests showed a speaker effect in the responses, in the perception of both [e] and [i] ($\chi^2 = 152.19$, $p < 0.001$ and $\chi^2 = 99.601$, $p < 0.001$, respectively). Finally, we also look for effects of f_0 in vowel openness’ perception (Fahey et al., 1996). Values of the tonotopic distances between the first formant and f_0 confirmed that this may have also affected the perception of the two EP vowels by Hungarian listeners.

The present experiment is part of a longitudinal study in acquisition of EP Phonology by Hungarian speakers. Results from this study will allow us to observed changes in categorization of the EP vowels before and after an auditory perceptual training, designed for this purpose, thus contributing to the underexplored research field of L2 European Portuguese Phonology.

Keywords: L2 phonology, Cross-language speech perception, Vowel categorization, European Portuguese

Figures and Tables

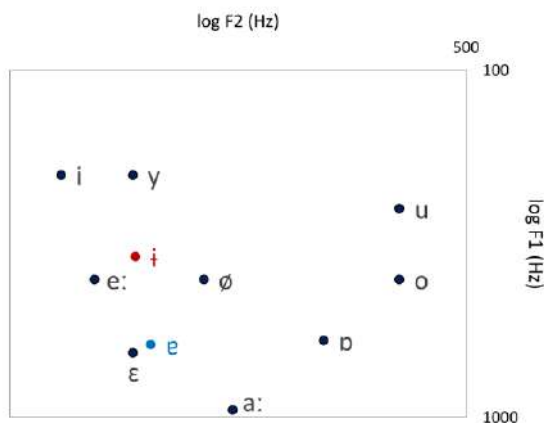


Figure 1. Hungarian perceptual vowel space retrieved from Kiss (1985, p. 166) and modified according to Markó (2017). Location of EP [e] and [i] in production calculated from Andrade (2020, p. 3251).



Figure 2. 3x3 grid with the 9 Hungarian real words, and rating options below

		Orthographic stimuli*								
		/ga:/	/go/	/gɛ/	/ge:/	/gi/	/go/	/gø/	/gu/	/gy/
		GÁBOR	GARÁZS	GERELY	GÉPÉSZ	GITÁR	GONOSZ	GÖRÉNY	GULYÁS	GÜGYÖG
auditory stimuli	[ga]	97,4% (4)	2,6% (2,5)							
	[ge]	0,9% (1,5)		68,4% (3)				29,9% (3)	0,4% (2)	0,4% (4)
	[gɛ]			57,7% (2)	41,0% (2)			1,3% (1)		
	[ge]		0,4% (3)	1,3% (3)	82,1% (3)	15,8% (2)		0,4% (2)		
	[gi]				1,7% (1,5)			25,2% (2)		73,1% (3)
	[gi]				1,7% (1)	98,3% (3)				
	[gø]		78,2% (3)				21,8% (2)			
	[go]						57,7% (3)	0,4% (3)	42,9% (3)	
	[gu]						11,5% (3)		88,5% (3)	

Table 1. Results for Hungarian participants: mean percent of categorization (rounded to the nearest decimal number) and median of goodness-of-fit ratings (in brackets). Rectangles in dashed mark expected choices. Categorizations above change level (11,1%) are marked in bold.

References

- Andrade, A. (2020). Vocalismo. In E. B. P. Raposo, M. F. B. do Nascimento, M. A. C. da Mota, L. Segura, A. Mendes, & A. Andrade (Eds.), *Gramática do Português. Vol. III* (pp. 3241–3330). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Best, C. T. (1995). A direct realist view of cross-language speech perception. In W. Strange (Ed.), *Speech perception and linguistic experience: Issues in cross-language speech research* (Issue April, pp. 171–204). York. [https://doi.org/10.1016/0378-4266\(91\)90103-5](https://doi.org/10.1016/0378-4266(91)90103-5)
- Bundgaard-Nielsen, R. L., Best, C. T., & Tyler, M. D. (2011). Vocabulary size is associated with second-language vowel perception performance in adult learners. *Studies in Second Language Acquisition*, 33, 433–461. <https://doi.org/10.1017/S0272263111000040>
- Elvin, J., Escudero, P., & Vasiliev, P. (2014). Spanish is better than English for discriminating Portuguese vowels: Acoustic similarity versus vowel inventory. *Frontiers in Psychology*, 5(OCT). <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2014.01188>

- Escudero, P., & Boersma, P. (2004). Bridging the Gap Between L2 Speech Perception Research and Phonological Theory. *Studies in Second Language Acquisition*, 26(04). <https://doi.org/10.1017/s0272263104040021>
- Fahey, R. P., Diehl, R. L., & Traunmüller, H. (1996). Perception of back vowels: Effects of varying F1–F0 Bark distance. *The Journal of the Acoustical Society of America*, 99(4), 2350–2357. <https://doi.org/10.1121/1.415422>
- Faris, M. M., Best, C. T., & Tyler, M. D. (2018). Discrimination of uncategorised non-native vowel contrasts is modulated by perceived overlap with native phonological categories. *Journal of Phonetics*, 70, 1–19. <https://doi.org/10.1016/j.wocn.2018.05.003>
- Flege, J. E. (1995). Second language speech learning: Theory, findings, and problems. In W. Strange (Ed.), *Speech perception and linguistic experience: Issues in cross-language research* (pp. 233–276). York Press.
- Flege, J. E., & Bohn, O. (2021). The Revised Speech Learning Model (SLM-r). In R. P. Wayland (Ed.), *Second Language Speech Learning. Theoretical and Empirical Progress*. Cambridge University Press.
- Gósy, M. (1997). Semleges magánhangzók a magyar beszédben. *Journal of Chemical Information and Modeling*, 1(121), 9–19.
- Kiss, G. (1985). A magyar magánhangzók első két formánsának meghatározása szintetizált hangmintákat felhasználó percepciók kísérlet segítségével. *Nyelvtudományi Közlemények*, 160–174.
- Markó, A. (2017). Hangtan. In G. Tolcsvai Nagy (Ed.), *Nyelvtan* (pp. 73–203). Osiris Kiadó.
- Peirce, J., Gray, J. R., Simpson, S., MacAskill, M., Höchenberger, R., Sogo, H., Kastman, E., & Lindeløv, J. K. (2019). PsychoPy2: Experiments in behavior made easy. *Behavior Research Methods*, 51(1), 195–203. <https://doi.org/10.3758/s13428-018-01193-y>
- Polka, L. (1995). Linguistic influences in adult perception of non-native vowel contrasts. *The Journal of the Acoustical Society of America*, 97(2), 1286–1296. <https://doi.org/10.1121/1.412170>

Alongamento compensatório em repetição de pseudopalavras

Christophe dos Santos¹, Émeline Bronner-Huard¹ & Nicola Lampitelli²

¹UMR 1253, iBrain, Université de Tours, Inserm, Tours, France

²MoDyCo UMR 7114 CNRS & Université Paris Nanterre

Este estudo centra-se em casos de alongamento compensatório (AIC) produzido por crianças francófonas com idade média de 4,06 anos no primeiro teste e de 6,06 anos no segundo teste. Uma das ferramentas utilizadas foi uma tarefa de repetição de pseudopalavras chamada LITMUS-QU-NWR-FR (LQNF, dos Santos & Ferré 2018). O AIC consiste em compensar a perda de um segmento através do alongamento de um segmento contíguo (Gess, 2011). Um dos casos mais comuns de AIC envolve a perda de uma coda seguido do alongamento da vogal que precede:

(1) (C)VC_{oda}.CV → (C)V: .CV [C = consoante; V = vogal].

Análises propostas para os AICs (p. ex. Hayes 1989) têm geralmente assumido que uma mora, originalmente associado à coda que é elidida, deve ser realizada: assim, o alongamento da vogal que precede a consoante elidida tem o efeito imediato de realizar a mora associado a esta consoante. Os defensores desta abordagem assumem que i. as línguas com AIC devem ser moraicas, e ii. as moras devem ser expressas na superfície (em sincronia). Para o francês, é frequentemente aceite na literatura que uma análise moraica não é relevante (Dell 1995, mas ver Féry 2003); por conseguinte, devemos esperar que o AIC não ocorra. Contudo, os dados obtidos para este estudo parecem mostrar a presença de um AIC que poderia ser analisado como resultante de uma sequência subjacente de alternância C e V (Lowenstamm 1996, Scheer 2004).

As 59 crianças deste estudo foram recrutadas em 2018-2019 em Tours (França). Cada criança foi testada duas vezes: na *moyenne section* (MS, equivalente ao pré-escolar) e depois, dois anos mais tarde, no *cours préparatoire* (CP, equivalente ao 1.º ano) (Plasse 2021, Bellakhal 2021). A tarefa LQNF inclui um número de itens correspondentes ao seguinte padrão: (CV.)CV(C).CV (onde as codas são limitadas a /l/ ou /s/). No total, existem sete itens com coda interna (CI) no corpus: [kupalfi], [kufalpi], [fikuspa], [pafuski], [kuspa], [filpa], [pilfu], e sete sem CI: [kifapu], [pufaki], [piklafu], [kuflapi], [fupli], [paklu], [plifu]. No total, serão estudadas as repetições destes 14 itens. Cada sessão foi gravada e depois transcrita com Phon (Hedlund & Rose, 2022), seguida de segmentação manual de vogais e consoantes usando Praat (Boersma & Weening, 2022).

A produção dos itens alvos com CI foi agrupada em duas categorias, aqueles em que a CI foi produzida pelas crianças, e aqueles em que a CI foi elidida. Para cada uma destas produções, foi extraída a duração da vogal. A tabela abaixo apresenta os dados analisados até à data, ou seja, a duração média da vogal para cada item de acordo com a presença ou ausência de CI na produção em MS e CP. Para todos os itens, a duração média é sistematicamente superior se o item for produzido sem CI. Para efeitos de comparação, são dadas as durações das vogais dos sete itens alvos sem CI. A duração da vogal em MS é estatisticamente maior quando

o item alvo com CI é produzido sem CI ($U(391) = 14093.000$; $p < .001$). A mesma diferença estatística é também encontrada no CP ($U(398) = 2495.000$; $p < .001$). Os nossos dados mostram assim que a vogal é claramente alongada quando a CI de um item alvo com CI não é produzida, seja em MS ou CP. Deve notar-se que a duração da vogal é aproximadamente a mesma (sem diferença estatística), quer seja em frente de uma CI /l/ ou de uma CI /s/.

Pseudopalavras (alvo)			Duração da vogal em s.	
			σ produzida com CI	σ Produzida sem CI
Com CI	MS	n=391	n=336 0.116 (.052)	n=55 0.162 (.058)
	CP	n=398	n=391 0.093 (.028)	n=7 0.164 (.053)
Sem CI	MS	n=403	NA	n=403 0.138 (.057)
	CP	n=405	NA	n=405 0.109 (.032)

Ao contrário de Almeida (2008) que propõe que as crianças bilingues português/francês usem o AIC como estratégia de reparação para realizar uma mora subjacente, e depois removam este elemento da sua representação uma vez que a exposição ao francês (francês aqui considerado como uma língua não-moraica) seja suficiente para a sua gramática se conformar, assumimos que as crianças primeiro calculam o padrão prosódico das pseudopalavras, isto é, $(CV_1)CV_1(CV_{AIC})CV_2$, e depois realizam cada unidade de CV. CV_{AIC} refere-se ao sítio de realização das codas /l/ e /s/. No caso em que a criança ainda não produz codas, a estratégia é estender a vogal associada ao CV_1 ao sítio do CV_{AIC} . Por outras palavras, o AIC emerge da sequência subjacente das posições prosódicas, e isto é ortogonal à hipótese de o francês ser moraico. Em conclusão, o nosso estudo mostra que quando as codas internas são elididas, há casos de alongamento da vogal anterior, pelo menos numa tarefa de repetição de pseudopalavras. A nossa análise também mostra que uma abordagem CV permite uma representação simples do fenómeno AIC sem a necessidade de assumir moras numa língua não-moraica como o francês.

Referências

- Almeida, L. 2008. Compensatory Lengthening in Bilingual Acquisition of Languages Insensitive to Syllable Weight. A. Gavarró & M. J. Freitas (eds) *Proceeding of GALA 2007*. Newcastle: Cambridge Scholars, 30-40.
- Bellakhal, S. 2021. *Prédire les performances en orthographe dès la maternelle, pertinence de l'épreuve LITMUS-NWR-QU-FR*. MA Thesis, U. Tours.
- Boersma, P. & D. Weening. 2022. *Praat: doing phonetics by computer version 6.2.06* [Computer Software]. Retrieved from <https://www.praat.org>.
- Dell, F. 1995. Consonant Clusters and Phonological Syllables in French. *Lingua* 95. 5-26.
- Féry, C. 2003. Markedness, Faithfulness, Vowel Quality and Syllable Structure in French. *Journal of French Studies* 13. 247-280.

- Gess, R. 2011. Compensatory Lengthening. M. van Oostendorp et al. *Wiley-Blackwell Companion to Phonology*. Oxford: Blackwell, 1513-1536.
- Hayes, B. 1989. Compensatory Lengthening in Moraic phonology. *Linguistic Inquiry* 20, 235-306.
- Hedlund, G. & Y. Rose. 2022. Phon 3.4.2 [Computer Software]. Retrieved from <https://phon.ca>.
- Lowenstamm, J. 1996. CV as the Only Syllable Type. *Current Trends in Phonology Models and Methods*, ed. by J. Durand & B. Laks, ESRI, Salford. 419-442.
- Plasse, C. 2021. *Liens entre représentations phonologiques en maternelle et apprentissage de la lecture : une étude longitudinale*. MA Thesis, U. Tours.
- dos Santos, C. & S. Ferré 2018. A Nonword Repetition Task to Access Bilingual Children's Phonology. *Language Acquisition*, 1-14.
- dos Santos, C., Frau, S., Labrevoit, S., & Zebib, R. 2020. L'épreuve de répétition de non-mots LITMUS-NWR-FR évalue-t-elle la phonologie ? *SHS Web of Conferences* (Vol. 78, p. 10005). EDP Sciences.
- Scheer, T. 2004. *A Lateral Theory of Phonology. Vol 1: What is CVCV, and Why Should it Be?* Berlin: Mouton.

Concordância Verbal 3SG Não-Padrão em Orações Relativas de Sujeito

Márcia Bolrinha

CLUL

A concordância é um fenómeno gramatical através do qual dois ou mais constituintes de uma expressão linguística têm o mesmo valor relativamente às categorias gramaticais da pessoa, do número e do género e pode ser vista como um meio para reforçar nexos gramaticais e/ou semânticos (Raposo 2013:2415).

Algumas construções em português europeu (PE) permitem opções distintas de concordância verbal, como é o caso das orações impessoais (cf. (1)), das orações com sujeito pronominal de interpretação indeterminada, em particular com o pronome *se* (cf. (2)) ou das construções com o verbo *parecer* quando este seleciona uma oração subordinada infinitiva (cf. (3)).

- (1) Dói-me/Doem-me os rins.
- (2) Bebeu-se/ Beberam muito na festa.
- (3) As crianças [parecia estarem]/[pareciam estar] muito cansadas.
(exemplos de Raposo 2013:2472-2495)

Este tipo de variação verbal pode ser explicada através da sintaxe, devido à posição pós-verbal do sujeito (Naro & Scherre, 2007), mas a presença de verbos inacusativos, ou de estruturas sintaticamente semelhantes, tal como estruturas copulativas, estruturas passivas e construções com verbos modais e aspetuais, é considerado por diversos autores um fator determinante para a concordância 3SG em PE (Cardoso, Carilho & Pereira, 2011).

Nas orações relativas, em particular, a concordância com 3SG não-padrão manifesta-se predominantemente nas relativas de sujeito (cf. (4)).

- (4) Havia bocados que ainda estava em lume, em brasa. (Lavre, CORDIAL-SIN LVR07)

De acordo com os dados, as construções de tipo inacusativo surgem em mais de 75,7% das ocorrências.

Em relação à distribuição geográfica, observamos que há uma predominância de ocorrências no litoral, no sul, no distrito de Vila Real, na ilha da Madeira (Madeira) e na ilha de São Miguel (Açores) e que há menos ocorrências do fenómeno no centro e interior do país¹⁷.

O relativizador *que*, segundo Raposo (2013), não é marcado para nenhuma categoria - nem a de pessoa nem a de número -, sendo "invisível" para a concordância, o que significa que não tem capacidade de desencadear qualquer tipo de concordância (incluindo concordância por defeito 3SG).

A hipótese defendida neste trabalho é a da existência de um traço de um pronome nulo (com a função de sujeito) que desencadeia a concordância verbal no singular por defeito. Nestes casos estará em causa a concordância do verbo com um sujeito nulo expletivo pré-verbal. Este sujeito nulo expletivo, nulo de conteúdo fonológico e de traços- Φ interpretáveis, teria um traço

¹⁷ A ausência de dados neste distritos pode dever-se apenas à dimensão reduzida do *corpus*.

[singular] que tipicamente controla a concordância 3SG, apesar de ser desprovido de valor semântico. Assim, o papel principal do expletivo - expresso ou não - seria garantir a concordância verbal (Rizzi, 1982; Carrilho, 2003; Cardoso, Carrilho e Pereira, 2011).

Este trabalho tem como base empírica o CORDIAL-SIN, um *corpus* geograficamente representativo de dados dialetais do PE composto por excertos de discurso espontâneo. O estudo segue os pressupostos da gramática generativa (Chomsky, 1981, 1995).

Palavras-chave: concordância, variação sintática, orações relativas, expletivo nulo

Referências

- Cardoso, A., Carrilho, E. & Pereira, S. (2011). On verbal agreement variation in European Portuguese: syntactic conditions for the 3SG/3PL alternation. *Diacritica*, 25(1), 135-157.
- Chomsky, N. (1981). *Lectures on government and binding, The Pisa Lectures*, Dordrecht: Foris.
- Chomsky, N. (1995). *The Minimalist Program*, Cambridge/Mass.: The MIT Press.
- Naro, A. & Scherre, M. (2007). *Origens do Português Brasileiro*, São Paulo: Parábola.
- Raposo, E. P. (2013). Concordância Verbal. In E. P. Raposo *et al.* (Orgs), *Gramática do Português* (pp. 2425-2495). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Rizzi, L. (1982). *Issues in Italian Syntax*, Dordrecht: Foris.

Discurso Informal de Lisboa e Braga (DILeB) – novo *corpus on-line* de fala do português europeu

Celeste Rodrigues

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa,
Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

O presente póster dá a conhecer o *corpus* on-line DILeB, pretendendo descrevê-lo brevemente e sugerir formas de pesquisa dos dados, estimulando assim a realização de múltiplos estudos linguísticos.

O DILeB é um *corpus* de fala espontânea em português europeu disponibilizado *on-line* que resultou de um trabalho sociolinguístico prévio (Rodrigues, 2003). A fala e a transcrição ortográfica encontram-se alinhadas. O *corpus* é constituído por cento e oitenta excertos de conversas de duração variável (entre 15 e 60 minutos) entre dois intervenientes em entrevistas sociolinguísticas. No DILeB participaram setenta e oito falantes de Lisboa e cento e dois de Braga, distribuídos por diferentes perfis socioculturais (cf. tabela em anexo), o que possibilitará a realização de variados estudos (socio)linguísticos. Todas as conversas foram recolhidas pelo mesmo investigador e, posteriormente, transcritas ortograficamente por alunos graduados utilizando o software *open source* EXMARaLDA – Schmidt & Wörner (2014). Estas transcrições foram posteriormente inseridas na plataforma TEITOK – Janssen (2014).

Trata-se de um acervo único, devido à sua dimensão e também por possibilitar a realização de estudos comparativos do modo de falar de muitos falantes de duas variedades linguísticas portuguesas—a variedade setentrional falada em Braga e a centro-meridional falada em Lisboa—num mesmo momento histórico, a última década do século XX, uma vez que as entrevistas foram realizadas no mesmo período nas duas cidades. Apesar de os dados não terem sido recolhidos ao longo dos últimos anos e, entretanto, poderem ter surgido alterações linguísticas nas duas variedades linguísticas, considera-se que o seu estudo é pertinente para a descrição do português contemporâneo, enquanto documento histórico do português do final do século XX. Para além dos estudos de natureza fonética e fonológica para os quais foi pensado (Rodrigues, 2003), o *corpus* adequa-se a estudos linguísticos noutras áreas de estudo, por exemplo, de análise do discurso, estudos do léxico, análise sintática, fonética forense, entre outras.

O DILeB apresenta as conversas e as transcrições devidamente anonimizadas (Rodrigues & Simões, 2013), permitindo, entre outras funcionalidades, fazer o *download* da transcrição ortográfica. O *corpus* utiliza a plataforma TEITOK (desenvolvida por Maarten Janssen a partir de 2014, enquanto investigador do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa e descrita, por exemplo, em Janssen 2016; 2018), com adaptações posteriores recentemente introduzidas. É, assim, pesquisável por palavra ou sequência de caracteres no formato CQL (*Corpus WorkBench Query Language*), utilizando vários parâmetros dos disponibilizados nos meta-dados—informante, idade, sexo, escolaridade, cidade de origem. É possível fazer diversas pesquisas por categoria morfossintática, o que permite aos diversos utilizadores uma miríade de opções de

estudo. Reconhece-se que a versão inicial apresenta ainda alguns erros de classificação morfossintática, visto esta ter sido feita automaticamente e carecer de aperfeiçoamento. Contudo, esta está a ser revista – o que facilitará a realização de novos estudos destes materiais no futuro.

Informantes do DILeB						
Escolaridade	Sexo	Idade				
		13-19	20-25	26-39	40-55	> 56
Analfabetos	Feminino	-	-	3	4	6
	Masculino	-	-	-	1	4
Até ao 9º ano	Feminino	9	5	6	7	7
	Masculino	7	4	2	4	5
Com 12º ano	Feminino	6	10	5	6	6
	Masculino	6	5	7	4	2
Licenciados	Feminino	-	6	8	6	4
	Masculino	-	6	7	7	5

Tabela 1 - Número de informantes do DILeB por perfil

Referências

- Janssen, M. 2016. TEITOK: Text-faithful annotated corpora. *Proceedings of the 10th International Conference on Language Resources and Evaluation, LREC2016*, pp. 4037–4043.
- Janssen, M. 2018. TEITOK: TEI for Corpus Linguistics. Conference paper: *PROPOR 2018*, Canela, Brasil.
- Rodrigues, C. (2003). *Lisboa e Braga: Fonologia e Variação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Rodrigues, C., & Simões, D. (2013). How can sociolinguistic data be used?. *Diacrítica* 27. Retrieved from <http://ceh.ilch.uminho.pt/publicacoes/Diacritica\ 27-1.pdf>
- Schmidt T and Wörner K (2014), “EXMARaLDA”, In *Handbook on Corpus Phonology*, pp. 402-419. Oxford University Press.
- EXMARaLDA - www.exmaralda.org
- TEITOK - <http://www.teitok.org/index.php?action=about>

**Dominância linguística e variáveis sociais:
um estudo contrastivo entre o português de Angola e a língua umbundu**

Serafim Muenho

Universidade do Minho

O presente estudo parte da hipótese de que os diferentes estágios de aquisição linguística (inicial, intermédio e final), associados à escolaridade, ao género e à idade enquanto variáveis extralinguísticas, podem influenciar a produção linguística, particularmente qual a língua dominante de um falante bilingue (Gonçalves, 2010), (Lambert, Triandis, & Wolf, 1959). Para determinar a língua dominante de falantes bilingues de umbundu (língua bantu de Angola) como L1 e do português de Angola (PA) como L2, realizou-se um estudo contrastivo entre o PA e o umbundu.

Para o efeito, em termos teórico-metodológicos, o estudo assenta nos princípios da sociolinguística variacional, por esta permitir que se compreenda se os usos linguísticos mais frequentes dos falantes bilingues do nosso estudo possam ser explicados pela associação entre variáveis linguísticas e não linguísticas (Labov, 2001). Por outro lado, permite uma observação sistemática da produção linguística dos falantes, definindo de modo formal, o ambiente em que devem ser recolhidos os seus discursos, nomeadamente através de entrevistas “face-to-face” enquanto meio para obter um conjunto de dados em quantidade e com qualidade adequadas para uma análise qualitativa e/ou quantitativa (Labov, 1981). Deste modo, foi selecionada uma amostra estratificada de acordo com o nível de escolaridade, o sexo e a idade dos falantes. Foram criados 5 grupos de 6 informantes cada, correspondendo a um total de 30 falantes de ambos os sexos. Os dados empíricos deste estudo foram extraídos do questionário de Avaliação do Perfil de Linguagem Bilingue (BLP) produzido por Birdsong et al (2012), disponível online em <https://sites.la.utexas.edu/bilingual>. O questionário foi preenchido pelos 30 falantes, 12 dos quais são crianças da terceira e sexta classes de escolaridade, com idades dos 8-12 anos, 18 adultos com idades entre os 40-50 anos. Entre estes, 12 possuem o mesmo grau de escolaridade das crianças e os restantes 6 possuem o grau de licenciatura.

Os dados obtidos remetem para resultados diferentes. Relativamente à associação entre o grau de escolaridade e a dominância linguística do grupo de informantes, o modelo aplicado de correlação inferencial de Spearman, os seus resultados sugerem, no geral, uma correlação positiva e significativa ($0.001 < p = 0.002 < 0.05$). À medida que aumenta o grau de escolaridade dos falantes, aumenta o grau de dominância do português em relação ao umbundu. Quanto à variável idade o teste de correlação aplicado à variável idade (adultos e crianças) em relação ao grau de dominância, o coeficiente de Spearman reflete um nível de significância de 5% e valor de prova ($p < 0.05$). Isto significa que esta correlação é estatisticamente significativa. À medida que aumenta a idade, aumenta o grau de dominância do umbundu em relação ao português. Finalmente, no que diz respeito à variável género, no geral, observa-se que tanto os homens quanto as mulheres são dominantes uns em português, outros em umbundu e uns poucos são bilingues equilibrados.

Tendo em conta os resultados obtidos, conclui-se que variáveis extralinguísticas como a escolaridade, o género e a idade podem desempenhar um papel na determinação da língua dominante dos falantes bilingues do nosso estudo.

Palavras-chave: bilinguismo, aquisição, contacto linguístico, dominância linguística

Referências

- Birdsong, D., Gertken, L. M., & Amengual, M. (2012). Bilingual language profile: an easy-to-use instrument to assess bilingualism. COERLL
- Gonçalves, P. (2010). *A Génese do Português de Moçambique* (1ª). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Labov, W. (2001a). *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell Publishers Ltd.
- Labov, W. (1981). Field Methods of the Project on Linguistic Change and Variation. *Sociolinguistic Working Paper Number 81*. Retrieved from <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED250938.pdf>.
- Lambert, W. W., Triandis, L. M., & Wolf, M. (1959). Some correlates of beliefs in the malevolence and benevolence of supernatural beings: A cross-societal study. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, 162–169. <https://doi.org/https://doi.org/10.1037/h0041462>
<https://sites.la.utexas.edu/bilingual>.

**“Ficar branco de susto, verde de inveja e vermelho de raiva”: A contribuição do verbo “ficar”
em construções com adjetivos de cor em Português Europeu**

Rute Rebouças & Inês Cantante

CLUP/ FLUP

Ficar, em Português Europeu (PE), é considerado um verbo multifuncional e polissêmico (Lejeune, 2011; Rebouças, 2019, 2021), uma vez que: (i) comporta-se como um verbo principal locativo (cf. Raposo, 2013b), assumindo, desta forma, o seu significado básico de ‘permanecer, não se mover’ (cf. Lehmann, 2008) (*A Maria ficou em casa.* = *A Maria permaneceu em casa.*); (ii) apresenta-se como um verbo copulativo e, por esse motivo, indica uma mudança e/ou o fim de um evento e início de um estado resultativo ou consequente (*A Maria ficou triste.*) (cf. Brito, 2003; Carvalho, 1984; Correia, 2010; Duarte & Oliveira, 2010; Rebouças, 2019, 2021; e.o.); (iii) ocorre como verbo de operação aspetual (*ficar a + infinitivo*) (cf. Raposo, 2013a) (*A Maria ficou a estudar.*); e, ainda, (iv) ocorre em construções passivas resultativas (Duarte & Oliveira, 2010; Duarte, 2013; e.o) (*A Maria ficou enfurecida.*). Enquanto verbo copulativo, *ficar* é capaz de selecionar sintagmas nominais, adverbiais, preposicionais e, ainda, sintagmas adjetivais (cf. Lejeune, 2011; Rebouças, 2019, 2021). É neste último tipo de sintagmas que se foca a presente investigação, mais precisamente, sintagmas adjetivais com adjetivos de cor. Os adjetivos qualificativos são adjetivos que possuem a particularidade de exprimir qualidades, estados ou modos de ser (Brito, 2003). Veloso & Raposo (2013), para o PE, dividem os adjetivos qualificativos em dois grupos: adjetivos qualificativos de propriedades físicas, psicológicas, morais e sociais, associadas a seres vivos, e adjetivos qualificativos de propriedades de natureza material, dos quais fazem parte os adjetivos de cor. Os adjetivos de cor, por sua vez, podem ser interpretados diferentemente consoante o contexto em que aparecem inseridos, podendo variar quanto às leituras obtidas, que podem referir-se a quantidade de cor, intensidade da cor ou, ainda, qualidade da cor (aproximação a um protótipo representativo da cor em causa) (cf. Szabó, 2001; Rotshchild & Segal, 2009; Hansen, 2011; Hansen & Chemla, 2017; Kennedy & McNally, 2010; Cantante, 2022, e.o). O presente estudo pretende, assim, verificar em que medida o verbo *ficar* contribui para a interpretação de frases com construções *ficar* + adjetivos de cor, retiradas do *corpus* CETEMPúblico, prevendo-se que, por selecionar um sintagma adjetival, *ficar* deverá comportar-se como um verbo copulativo, promovendo, então, uma mudança de estado (na entidade afetada). A análise dos dados revela, em primeiro lugar, que os adjetivos de cor podem ocorrer junto a sujeitos com a propriedade [+humana] ((1), (2), ver anexo), aliás, conforme previsto em Veloso & Raposo (2013: 1374), que afirmam que “os adjetivos qualificativos que denotam propriedades de natureza material aplicam-se a dimensões constitutivas dos objetos em geral (incluindo os seres humanos)”. Os dados mostram que o tipo de sujeito parece ter influência na leitura final, já que, no caso de um nome que denote um objeto físico (cf. (3), (4)), a leitura é de cor literal, o mesmo não acontecendo nos casos em que o nome em posição de sujeito denota um evento, como em (5), em que a interpretação, neste caso concreto, é parafraseável por ‘*ficar complicado/difícil*’. Há, no entanto, casos em que a

interpretação pode, de facto, ser a de cor literal, mesmo quando aplicada a entidades do tipo [+humano], como é o caso de *ficar roxo*, por exemplo, depois de ser esmurrado (cf. (6)) ou estar a exercer muita força física (cf. (7)), ou de *ficar vermelho* por corar (cf. (8)), ou estar enraivecido (cf. (9)). Aqui, a mudança de estado promovida por *ficar* parece refletir-se fisicamente na entidade afetada, através da associação a uma condição física (*ficar branco* ou *amarelo* poderá significar algo como *empalidecer*) ou a uma mudança de cor, em partes – por exemplo, cara ou pele – do indivíduo denotado pelo nome, semelhante a uma leitura mereológica, parafraseável por *quanto/que partes do indivíduo são da referida cor*. Estes casos são demonstrados por adjetivos como *branco* (cf. (10)), *roxo* (cf. (6), (7)), *vermelho* (cf. (8)-(9)) e *amarelo* (cf. (11)). Todavia, certos adjetivos denotam cores que não podem ser vistas literalmente em tons de pele humanos, como *azul* (cf. (12)) e *verde* (cf. (13)), em que a interpretação terá, obrigatoriamente, de ser não literal, associada tipicamente a emoções. Tal comportamento demonstra que a construção da interpretação final não está apenas dependente do tipo de sujeito, mas que os próprios adjetivos utilizados, bem como a presença de outros elementos na frase, contribuem para o significado final da frase. Assim, não parece possível assumir que os adjetivos de cor possam ser classificados como semanticamente absolutos, já que, por poderem qualificar propriedades de entidades humanas, a mudança de estado que promovem nem sempre é literal (i.e., mudança de cor efetiva e fisicamente visível), conforme nota Demonte (1999: 179), que afirma que, nestes casos, estes adjetivos adquirem valores “*fuertemente valorativos*”. Nos exemplos analisados, estes usos adjetivais estão associados a emoções humanas (*branco* de susto, *verde* de inveja, *vermelho* de raiva/ vergonha), interpretações que em nada se relacionam com as leituras relativas a quantidade, intensidade ou qualidade da cor, tipicamente associadas a estes adjetivos. O trabalho apresentado terá a seguinte estrutura: depois da exposição do problema, onde serão tecidas breves considerações sobre o verbo *ficar* e algumas características dos adjetivos de cor, serão introduzidos os dados, com a respetiva análise e interpretação; finalmente, apresentam-se algumas considerações finais.

Palavras-Chave: *Ficar*; Verbo Copulativo; Sintagma Adjetival; Adjetivos de Cor; Português Europeu

Referências

- Brito, A. M. (2003). Categorias Sintácticas. In Mateus, M.; Brito, A.; Duarte, I.; Faria, I.; Frota, S.; Matos, G.; Oliveira, F.; Vigário, M.; Villalva, A. *Gramática da Língua Portuguesa* (5ª edição, pp. 323-433). Lisboa: Caminho.
- Cantante, I. (2022). Algumas notas sobre a quantificação de adjetivos de cor por muito e pouco. *Linguística: Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, 17.
- Carvalho, J. G. H. (1984). *Ficar em casa/Ficar pálido: Gramaticalização e valores aspetuais. Separata da “Coleção Linguística, 1”*, Coimbra.
- Correia, C. N. (2010). Sobre os valores de *ficar* em Português Europeu. *Revista de Estudos Linguísticos/Linguistic Studies* (5): 153-161.

- Demonte, V. (1999). El adjetivo: classes y usos. La posición del adjetivo en el sintagma nominal. In Bosque, I.; Demonte, V. (Eds.). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española* (pp. 129-215). Madrid: Espasa-Calpe.
- Duarte, I. (2013). Construções Ativas, Passivas, Incoativas e Médias. In Eduardo Raposo, M. Bacelar do Nascimento, M. Coelho da Mota, L. Segura & A. Mendes. (orgs.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Vol. I, Cap. 13, pp. 429-498.
- Duarte, I; Oliveira, F. (2010). Particípios resultativos. *Actas do XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 397-408.
- Hansen, N. (2011). Color adjectives and radical contextualism. *Linguistic and Philosophy*, 34(3), 201-221.
- Hansen, N.; Chemla, E. (2017). Color adjectives, standards, and thresholds: an experimental investigation. *Linguistic and Philosophy*, 40(3), 239-278.
- Kennedy, C.; McNally, L. (2010). Color, context, and compositionality. *Synthese*, 174(1), 79-98.
- Lehmann, C. (2008). A Auxiliarização de ficar. Linhas Gerais. In Almeida, M.; Sieberg, B.; Bernardo, A. M. (Eds.). *Questions on Language Change* (pp. 9-26). Lisboa: Edições Colibri.
- Lejeune, P. (2011). A tradução do verbo polissémico português ficar: rester e o resto. *ReVEL*, 9 (16): 46-60.
- Raposo, E. (2013a). Verbos Auxiliares. In Raposo et al. (eds.) *Gramática do Português* (Vol II, Cap. 29, pp. 1221-1281). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Raposo, E. (2013b). Orações Copulativas e Predicações Secundárias. In Raposo, E.; Bacelar do Nascimento, M.; Coelho da Mota, M.; Segura, L. Mendes, A. (Orgs.). *Gramática do Português* (Vol II, Cap. 30, pp. 1285-1356). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Rebouças, R. (2021). Sobre a semântica do verbo 'ficar' em construções progressivas com adjetivos e particípios. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, (8), 218-236.
- Rebouças, R. (2019). *Sobre o Verbo Ficar em Construções Progressivas* [Dissertação de Mestrado]. Universidade do Porto.
- Rothschild, D.; Segal, G. (2009). Indexical predicates. *Mind and language*, 24(4), 467-493.
- Szabó, Z. (2001). Adjectives in context. In I. Kenesei, & R. M. Harnish (Eds.), *Perspectives on semantics, pragmatics, and discourse: A Festschrift for Ferenc Kiefer* (pp. 119-146). John Benjamins.
- Veloso, R.; Raposo, E. (2013). Adjetivo e Sintagma Adjetival. In Raposo, E.; Bacelar do Nascimento, M.; Coelho da Mota, M.; Segura, L. Mendes, A. (Orgs.). *Gramática do Português* (Vol II, Cap. 31, pp. 1359-1493). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Anexo - Exemplos:

- (1) As veias do pescoço tornam-se salientes, o rosto **fica vermelho**, a fala é muito rápida. (CETEMpúblico, par=ext118028-nd-95b-1)
- (2) Se tomar muito, arrisca-se a **ficar cor-de-laranja**. (CETEMpúblico, par=ext198496-soc-92b-1)

- (3) Por exemplo, no caso dos filmes DVD-Video, é fundamental ajustar o valor de Color Key no Video Configuration, de modo a que o fundo do ecrã **fique preto** e não apresente traços azuis. (CETEMPúblico, par=ext861222-com-98b-2)
- (4) Ao secar, o lenço **ficou azul** porque o composto químico perdeu quatro das seis moléculas de água. (CETEMPúblico, par=ext230145-clt-soc-95b-1)
- (5) Mesmo que a crise **fique preta**, há coisas que não morrerão no mercado de Cannes. (CETEMPúblico, par=ext646695-clt-93b-2)
- (6) Agora a cara está a **ficar** cada vez mais **roxa**, à medida que as horas passam. (CETEMPúblico, par=ext16850-soc-92b-1)
- (7) Agarra-se com toda a força a um dos grandes remos e range os dentes até **ficar roxo**. (CETEMPúblico, par=ext924927-pol-93b-1)
- (8) César Carvalheira **ficou vermelho** de vergonha. (CETEMPúblico, par=ext1473888-des-93a-1)
- (9) **Fica vermelha** de raiva, **branca** de pânico, no momento em que Ava Gardner a confronta com aquilo que deseja: um homem, nada mais do que Gable. (CETEMPúblico, par=ext1335874-nd-95a-1)
- (10) A mãe **ficou branca** de susto. (CETEMPúblico, par=ext409670-soc-94b-1)
- (11) O sorriso de Gomes e dos outros membros da Junta presentes (Narciso Miranda, Aníbal Lira e Rolando Sousa) começava a **ficar amarelo**. (CETEMPúblico, par=ext1116805-soc-93a-2)
- (12) Só com a ideia, Pinto da Costa **ficou azul**. (CETEMPúblico, par=ext591817-pol-94b-1)
- (13) Um aspecto de relevância suficiente para fazer qualquer lisboeta **ficar verde** de inveja. (CETEMPúblico, par=ext157087-eco-95b-1)

O impacto de uma estratégia de ensino afetiva sobre algumas variáveis não-linguísticas em aulas de PLE em formato remoto emergencial

Bruno Costa

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

Hodiernamente, tem-se ressaltado o protagonismo das emoções dentro do conjunto de variáveis que interagem no processo de aprendizagem em geral (Pekrun, 2006; Rodrigo-Ruiz, 2016). Nos estudos em aquisição de L2, o papel concorrente das emoções tem sido igualmente sublinhado (Altarriba & Canary, 2004; Dewaele, 2011; Dewaele & MacIntyre, 2014, 2016; Fraschini & Tao, 2021). Pode-se afirmar, com bastante segurança, que a análise do modo com que as emoções afetam o aprendente no tocante à sua motivação, às suas atitudes orientadas para a situação de aprendizagem e para o professor e ao seu investimento cognitivo refletem o estado da arte nos estudos em aquisição de língua não-materna, com notável impulso nos últimos dez anos (Dewaele & Ferrer, 2022). Neste período, os estudiosos têm, gradualmente, focalizado tipos específicos (e a inteiração entre diferentes tipos) de emoções vivenciadas na aprendizagem de L2 em contexto formal, nomeadamente a ansiedade (foreign language anxiety – FLA), a ansiedade para testes (foreign language test anxiety), o divertimento (foreign language enjoyment – FLE), o aborrecimento (foreign language boredom – FLB) e, mais recentemente, a fluidez (flow).¹⁸

Com o advento da Covid-19, diversos estudos centrados na análise das emoções vivenciadas no contexto de aulas em formato remoto emergencial² começaram a ser publicados. As conclusões apresentadas ainda se têm revelado algo inconclusivas: algumas ressaltaram que as aulas em formato emergencial remoto são consideravelmente desprovidas de emoções (Resnik & Dewaele, 2021; Dewaele, Albakistani & Ahmed, 2022), enquanto outras identificaram altos níveis de certos tipos de emoções, tais como FLE (Wang & Jiang, 2022) e FLA (Resnik, Knechtelsdorfer, & Dewaele, 2022). O papel do suporte oferecido pelos professores também tem sido enfatizado em vários estudos (Elmas & Öztüfekçi, 2021; Wang & Jiang, 2022). Considera-se, portanto, que novas pesquisas podem contribuir para um melhor conhecimento acerca desse intrincado processo, colmatando lacunas e imprecisões que ainda se mostram presentes.

Este estudo busca analisar o impacto de uma estratégia intensiva em afetividade no ensino do PLE ministrado integralmente em formato remoto emergencial¹⁹. A partir da análise dos dados obtidos numa investigação na qual se verificaram duas estratégias distintas para o ensino do PLE (Autor, 2022), formulou-se a hipótese de que uma estratégia mais fortemente baseada em afetividade possa ter oferecido, no respetivo grupo, uma compensação motivacional à falta de interação presencial. Sob a forma de um estudo de caso, a pesquisa recai

¹⁸ Tradução livre nossa para o português.

¹⁹ O termo original é Emergency Remote Teaching (ERT), de autoria de Hodges e colegas (2020, apud Dewaele, Albakistani & Ahmed, 2022, p.1), com o qual se quer diferenciar as aulas online em geral do formato distal associado à situação emergencial imposta pelo contexto pandémico a partir de 2019.

sobre dois grupos de PLE (doravante, T1 e T2), totalizando 16 aprendentes oriundos de 13 países, com idades entre 24 e 48 anos. As duas professoras (doravante, P1 e P2) são falantes de PE. Adotou-se um modelo de métodos mistos, combinando-se um questionário motivacional, um diário de observações de aula e entrevistas. Os itens do questionário voltaram-se para as seguintes categorias: percepção das capacidades individuais dos aprendentes (PCI), medida composta pela autoestima e a FLA; ansiedade para testes (AT); atitude e intensidade da motivação para a aprendizagem do português (AIM); percepção acerca do professor e das aulas (PPA); interesse na aprendizagem de línguas estrangeiras (IAL) atitude em relação aos falantes nativos de português (AFN); orientação integrativa (OInt) e orientação instrumental (OIns).

O questionário revelou, nos dois grupos, uma queda nos valores de AIM e de PPA, sendo que na T2 se observou um resultado melhor do que na T1, combinado com índices igualmente mais favoráveis em PCI (cf. Tabela 1). Este resultado vai ao encontro da análise dos dados qualitativos, que, se por um lado, evidencia um efeito deletério da partilha de emoções negativas por ambas as professoras nos dois grupos, por outro revela uma estratégia mais afetiva e acolhedora por parte da P2, a qual pode ter protegido essas duas variáveis, assegurando melhores resultados. Testes estatísticos com SPSS (cf. Tabela 2) confirmaram, em ambas as turmas, uma significativa correlação positiva entre PPA e AIM. Constatou-se, também, uma correlação negativa não-significativa entre PCI e PPA e AIM, o que reforça a suposição de que a P1 tenha contribuído, nalguma medida, para as piores medidas em autoestima e ansiedade observadas na T1. Os dados apontam a interação online entre os aprendentes, mais presente na T1, como um preditor de FLE. Conclui-se que a estratégia afetiva observada no contexto de privação forçada de contato presencial estudado tenha representado uma possível compensação motivacional à falta de interação presencial.

Palavras-chave: ensino de PLE; emoções; motivação; Covid-19; aulas online

Referências

- Altarriba, J.; & Canary, T.M. (2004). The influence of emotional arousal on affective priming in monolingual and bilingual speakers. *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, 25 (2,3), p.248-265.
- Dewaele, J. (2011) Reflections on the emotional and psychological aspects of foreign language learning and use. *Anglistik: International Journal of English Studies*. 20 (1) p.23-42.
- Dewaele, J.M; Albakistani, A.; & Ahmed, I.K. (2022). Levels of foreign language enjoyment, anxiety and boredom in emergency remote teaching and in in-person classes. *The Language Learning Journal*, DOI: 10.1080/09571736.2022.2110607.
- Dewaele, J.M.; & Ferrer, M.S. (2022). Three entangled foreign language learner emotions: anxiety, enjoyment and boredom. *Estudios de Lingua Inglesa Aplicada (ELIA)*, 22, p. 237-250. DOI: <http://dx.doi.org/10.12795/elia.2022.i22.08>.

- Dewaele, J.M.; & MacIntyre, P.D. (2014). The two faces of Janus? anxiety and enjoyment in the foreign language classroom. *Studies of Second Language Learning and Teaching*, 4 (2), p.237-274.
- Dewaele, J.M., & MacIntyre, P.D. (2016). Foreign language enjoyment and foreign language classroom anxiety. The right and left feet of FL learning. In MacIntyre, P., Gregersen, P, & Mercer, S. (Eds), *Positive Psychology in SLA*. Bristol: Multilingual Matters.
- Elmas, E.; & Öztüfekçi, A. (2021). L2 demotivation in online classes during Covid-19: from an activity theory perspective. *Shanlax International Journal of Education*, 9 (3), p. 72-78.
- Fraschini, N.; & Tao, Y. (2021). Emotions in online language learning: exploratory findings from an ab initio Korean course. *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, DOI: 10.1080/01434632.2021.1968875.
- Pekrun, R. (2006). The control-value theory of achievement emotions: assumptions, corollaries, and implications for educational research and practice. *Educational Psychology Review*, 18, p. 315-341.
- Resnik, P.; & Dewaele, J.M. (2021). Learner emotions, autonomy and trait emotional intelligence in “in person” versus emergency remote English foreign language teaching in Europe. *Applied Linguistic Review*. <https://doi.org/10.1515/applirev2020-0096>.
- Resnik, P.; Knechtelsdorfer, E; & Dewaele, J.M. (2022). Differences in the intensity and the nature of foreign language anxiety in in-person and online EFL classes during the pandemic: a mixed-method study. *Tesol Quarterly*. doi: 10.1002/tesq.3177
- Rodrigo-Ruiz, D. (2016). Effects of teachers’ emotions on their students: some evidence. *Journal of Education & Social Policy*, 3 (4), p.73-79).
- Wang, Q.; & Jiang, Y. (2022). A positive psychology perspective on positive emotion and foreign language enjoyment among Chinese as a second language learners attending virtual online classes in the emergency remote teaching context amid Covid-19 pandemic. *Frontiers in Psychology*, 12, doi: 10.3389/fpsyg.2021.798650.

Tabela 1: variação das medias da T1 e T2 no questionário motivacional

Variável	T1		T2	
	Aumento	Redução	Aumento	Redução
Perceção acerca das capacidades individuais	+0,16			-0,09
Ansiedade para testes	+0,21			-0,13
Interesse na aprendizagem de línguas estrangeiras	+0,33	
Atitude e intensidade da motivação para a aprendizagem do português		-0,22		-0,16
Perceção acerca do professor e das aulas de português		-0,3		-0,37
Atitude em relação aos falantes nativos de português	+0,05		+0,08	
Orientação integrativa		-0,25	+0,12	
Orientação instrumental		-0,4

Tabela 2: correlações de Spearman

Correlações

		capcidades_i individuais	CTAS	Percecao_AulasProf	Motivacao_AprendPortugues	
rô de Spearman	capcidades_individuais	Coefficiente de Correlação	1,000	,554*	-,489	-,505
		Sig. (2 extremidades)	.	,040	,076	,065
		N	14	14	14	14
	CTAS	Coefficiente de Correlação	,554*	1,000	-,635*	-,571*
		Sig. (2 extremidades)	,040	.	,015	,033
		N	14	14	14	14
	Percecao_AulasProf	Coefficiente de Correlação	-,489	-,635*	1,000	,591*
		Sig. (2 extremidades)	,076	,015	.	,026
		N	14	14	14	14
	Motivacao_AprendPortugues	Coefficiente de Correlação	-,505	-,571*	,591*	1,000
		Sig. (2 extremidades)	,065	,033	,026	.
		N	14	14	14	14

*. A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

**Ouvir (*dizer*) como marcador de evidencialidade em Português Europeu:
algumas considerações semânticas**

Rute Rebouças

CLUP/ FLUP

Definida como uma categoria linguística (Boas, 1938) que indica a fonte de informação (Aikhenvald, 2004, 2020) ou o modo de obtenção de uma informação (Lucena-Silva & Nogueira, 2017), a evidencialidade tem sido amplamente estudada em diferentes línguas. Esse estudo tem evidenciado que, embora de natureza diversa, existem mecanismos para especificar a fonte na qual a informação é baseada: se o falante viu ou ouviu o evento, se fez uma inferência sobre ele ou se inferiu algo com base no que soube através de outro (falante) (Aikhenvald, 2004, 2020). Contudo, a evidencialidade pode, consoante as línguas, ser marcada formal e gramaticalmente, através de morfemas e/ou afixos (como, p.e., nas línguas Hixkaryana, Coos e Tariana (de Haan, 1997; Aikhenvald, 2004)), ou através de itens lexicais (como, p.e., Inglês (Aijmer, 2004), Espanhol (Albelda & Marco, 2019) e Italiano (Mari, 2010)). Uma língua como o Português Europeu (PE), que não dispõe de itens gramaticalizados para expressar a fonte de informação (Aikhenvald, 2004, 2020), pode, no entanto, marcar a evidencialidade através de itens lexicais, dos quais, se destaca, entre os verbos de percepção (i.e., *ver*, *ouvir* e *sentir*) (cf. Vendrame-Ferrari, 2010, 2012a, 2012b), o verbo *ouvir*. Assim, este trabalho ocupa-se do estudo do verbo *ouvir*, no sentido de compreender em que medida este verbo se comporta como um marcador de evidencialidade, em PE. Pretende-se, também, averiguar quais as condições necessárias para que seja desencadeada uma leitura evidencial, e, quando for, quais os tipos de evidencialidade a que lhe são associados. De facto, devido à complexidade dos sistemas evidenciais, muitos são os estudos realizados acerca da especificação da fonte de informação em diferentes línguas (Willett, 1988; de Haan, 1997, 2005; Aikhenvald, 2004, 2020; Squartini, 2001; Vettters, 2012; e.o.), uma vez que a evidencialidade pode manifestar-se de diferentes formas. Porém, tradicionalmente, Willett (1988), tendo em consideração a natureza primária ou secundária da fonte de informação, propõe uma distinção entre dois tipos de evidencialidade: a) direta (o falante testemunha diretamente a situação, através da percepção visual ou auditiva) e b) indireta (o falante afirma saber da situação através de meios verbais (i.e., evidencialidade indireta relatada (ou de relato)) ou de meios inferenciais (i.e., evidencialidade indireta inferencial)). Para esta análise foram recolhidas frases, sempre que possível, do CetemPúblico; havendo, no entanto, casos em que os exemplos foram construídos para fins ilustrativos. Deste modo, perante a interpretação e análise dos dados, parece possível afirmar que *ouvir*, em PE, é um verbo de percepção que marca, indiscutivelmente, a evidencialidade direta sensorial auditiva, pois o falante, em frases como (1) e (2), não só afirma que *na montanha há zumbidos semelhantes aos dos insectos* ou que *tem o conhecimento, através de uma notícia, de uma burla com selos de passe no dia 4 de outubro*, mas, além disso, indica que adquiriu essas informações através da percepção direta auditiva. Em relação aos exemplos (3) e (4), *ouvir*, apesar de manter a sua leitura de percepção sensorial, o tipo de fonte de informação já não é primária como em (1) e (2), mas secundária. Este verbo,

parece-nos, no entanto, continuar a comportar-se como um marcador evidencial, embora não exista referência explícita à fonte (*ouvir dizer* (cf. (3)) ou *pelo que ouvi* (cf. (4)), tratando-se, por isso, de evidencialidade indireta de relato (de terceira mão, segundo Willett (1988), pois o falante apenas reproduz o que ouviu de outro falante que, na verdade, esse falante, também, não é a testemunha direta). Associando-se ao “*hearsay*” (Cruschina & Remberger, 2008; Veters, 2012), é possível a paráfrase “*alguém disse que*” ou “*disseram que*” (cf. (3)-(4)). Importa, ainda, acrescentar que, nas frases (5) e (6), construídas, respetivamente, na terceira pessoa do singular e do plural, *ouvir*, parece comportar-se, igualmente, como marcador evidencial indireto de relato. Todavia, trata-se de uma evidencialidade de segunda mão, pois o falante reproduz o que ouviu de um outro falante, que é a testemunha direta da situação (cf. Willett, 1988), não se associando, portanto, ao “*hearsay*”, ao contrário de (3) e (4). Note-se, ainda, o conjunto de exemplos em (7): na frase (7), parece-nos poder existir uma ambiguidade interpretativa, pois é possível afirmar algo como (7a), mas, também, como (7b). Além da leitura de percepção auditiva, associada à evidencialidade direta sensorial auditiva (cf. (7a)), pode, consoante a interpretação, o verbo *ouvir*, assumindo o significado de *ouvir dizer* (cf. (7b)), comportar-se como evidencial indireto de relato. No entanto, verifica-se que essa possível interpretação dupla atribuível a (7) não parece ocorrer num frase como (8), uma vez que a única leitura possível é de percepção auditiva direta. Além disso, analisando uma frase como (9), o falante, através da percepção auditiva, pode, eventualmente, fazer uma inferência, com base em evidências conhecidas (como, p.e., a *voz trémula da Maria*), e, assim, *ouvir* poderá estar associado a uma leitura evidencial inferencial (de resultado). Isto parece permitir-nos concluir que o verbo *ouvir* é, em PE, um marcador de evidencialidade (cf. Vendrame-Ferrari, 2010, 2012(a,b)), associado à percepção direta, em construções com a primeira pessoa (cf. (1), (2)), mas também pode, consoante as construções em que ocorre, ter leituras evidenciais indiretas. Este trabalho terá a seguinte estrutura: após a exposição da contextualização teórica acerca da evidencialidade e meios de expressão da mesma em línguas que não a marcam formalmente, como em PE; apresentam-se os dados bem como a sua análise e interpretação; na parte final, tecem-se algumas considerações finais.

Palavras-Chave: *ouvir*, *ouvir dizer*, evidencialidade, Português Europeu

Referências

- Aikhenvald, A. (2004). *Evidentiality*. United States: Oxford University Press Inc.
- Aikhenvald, A. (2020). Evidentiality and Information Source. In Lee, C. & Park, J. (Eds.), *Evidentials and Modals* (Cap. 1, pp. 19-40). Leiden, Boston: Brill.
- Aijimer, K. (2004). The interface between perception, evidentiality and discourse particle use – using a translation corpus to study the polysemy of see. *Tradterm*, 10: 249-277.

- Albelda Marco, M. & Jansegers, M. (2019). From visual perception to evidentiality: A functional empirical approach to *se ve que* in Spanish. *Lingua*, 220: 76-97.
- Boas, Franz. (1938). Language. In Franz Boas (Ed.), *General anthropology* (124-145). Boston: Heath & Co.
- Cruschina, S.; Remberger, E. M. (2008). Hearsay and reported speech: Evidentiality in Romance. *Rivista di Grammatica Generativa*, 33: 95-116.
- De Haan, F. (1997). *Evidentiality and epistemic modality: setting boundaries*. II Association for Linguistic Typology Conference, Eugene, Oregon.; XXVI Linguistic Association of the Southwest Conference, Los Angeles, California.
- De Haan, F. (2005). Encoding speaker perspective: Evidentials. *Linguistic diversity and language theories*, 72: 379-417.
- Lucena-Silva, I & Nogueira, M. (2017). A expressão da evidencialidade no contexto dos gêneros textuais. *Entrepalavras*, 7: 130-147.
- Mari, A. (2010). *On the evidential nature of the Italian future*. Em HAL-archives ouvertes.
- Squartini, M. (2001). The internal structure of evidentiality in Romance. *Studies in Language*, 25(2): 297-334.
- Vendrame-Ferrari, V. (2010). *Os verbos ver, ouvir e sentir e a expressão da evidencialidade em língua portuguesa*. Tese de doutoramento, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, São José do Rio Preto.
- Vendrame-Ferrari, V. (2012a). Verbos de Percepção em Construções Evidenciais de Acordo com o Modelo da Gramática Discursivo-Funcional. *Revista Linguística*, 8(1): 110-112.
- Vendrame-Ferrari, V. (2012b). Orações complexas com verbos de percepção como forma de expressão da evidencialidade. *Estudos Linguísticos*, 41(1): 101-115.
- Vetters, C. (2012). Modalité et évidentialité dans pouvoir et devoir: typologie et discussions. *Langue Française*, 173: 31-47.
- Willett, T. (1988). A Cross-linguistic Survey of the Grammaticalization of Evidentiality. *Studies in Language*, 12(1), 51-97

Anexo - Exemplos:

- (1) Chego à montanha, por volta das 8h30, **ouvi** um zumbido semelhante ao dos insectos.
(CetemPúblico, *par=ext898720-soc-93b-1*)
- (2) No passado dia 4 de Outubro, no Jornal da meia-noite da TVI, **ouvi** a notícia de uma burla com selos de passe, salvo erro da Carris, mencionando que os autores eram todos negros.
(CetemPúblico, *par=ext533361-nd-95b-1*)
- (3) **Ouvi dizer** que precisavam de trabalhadores, vim ver se arranjavam alguma coisa, mas nada.
(CetemPúblico, *par=ext436539-soc-95b-1*)
 - (3a) *Alguém disse que* precisavam de trabalhadores, vim ver se arranjavam alguma coisa, mas nada.
 - (3b) *Disseram que* precisavam de trabalhadores, vim ver se arranjavam alguma coisa, mas nada.

- (4) Pelo que **ouvi**, pode ser que seja o Presidente norte-americano mais culto deste século. (CetemPúblico, *par=ext1385802-pol-94b-2*)
- (4a) *Alguém disse que* pode ser que seja o Presidente norte-americano mais culto deste século.
- (4b) *Disseram que* pode ser que seja o Presidente norte-americano mais culto deste século.
- (5) A presidente da câmara **ouviu** atentamente os nossos comentários. (CetemPúblico, *par=ext1008748-soc-98a-2*)
- (6) À chegada, os que se preparavam para um fim-de-semana descansado **ouviram** os seus nomes nos altifalantes do aeroporto da cidade. (CetemPúblico, *par=ext835720-eco-94a-1*)
- (7) **Ouvi** que a Maria caiu.
- (7a) **Ouvi** que a Maria caiu *porque fez bastante barulho*.
- (7b) **Ouvi dizer** (=Alguém me disse) que a Maria caiu
- (8) **Ouvi** a Maria (a) cair.
- (9) **Ouvi** a voz da Maria *e percebi que ela não estava bem*.

**The Manito Topos Project: documenting the silenced toponymies
of the bilingual Spanish-English speaking communities of Nuevo México and Colorado**

Len Nils Beké

University of New Mexico

The Manito Topos Project: documenting the silenced toponymies of the bilingual Spanish-English speaking communities of Nuevo México and Colorado This paper reports on the results of a language documentation project in the US states of New Mexico and Colorado. Since 2014, the author has worked with members of the Spanish-English bilingual communities along the Sierra de la Sangre de Cristo to document and map their vernacular toponymy, which have been silenced in official cartography published by the US government through the US Geological Survey and the US Forest Service. This erasure may be seen as a symptom of what Historian J.B. Harley (1988) called toponymic silencing: the set of representational practices by which hegemonic actors erase, obscure, and delegitimize the place naming practices of minoritized or subjugated populations. The communities in this study are descendants of Mexicans and Indigenous people who lived in the area when it was annexed by the United States in 1848 following the Mexican American war and their Nuevomexico dialect is the oldest dialect of Spanish spoken in the country. The traditional place names used in these communities are primarily in Nuevomexicano Spanish, but also include bilingual and English forms. They have been erased in official cartography by omission, partial and full translation, standardization of dialect forms, deliberate misspelling, incorporation of language learner errors into official names, addition of English elements, and imposition of unrelated English place names. Accurate representation of traditional Nuevomexicano toponymy accounts for barely 15.4% of the total toponym labels for natural features (valleys, rivers, mountains, etc.) printed on government maps of the study area. At the time of submitting this abstract, documentation efforts have found the traditional antecedents of 49.5% of the official names for these features, in addition to determining the locations named by 280 traditional place names which had never previously been mapped (increasing the total number of recorded toponyms for natural features in the area by 25.5%, from 1096 to 1376). More fieldwork is planned for summer 2023. This paper shows how the US government achieved, at least in its official cartography, the toponymic silencing of the Nuevomexicano population - with significant attention given to the precise linguistic mechanics of that process. It also presents an overview of the counter-cartographic materials that have been developed by the author to support community maintenance of toponymic knowledge and efforts at contestation. References: Harley, J. B. (1988). Silences and Secrecy: The Hidden Agenda of Cartography in Early Modern Europe. *Imago Mundi*, 4, 57–76.

Variação na concordância verbal - um estudo sobre o verbo *haver* existencial

Vera Fernandes

FCSH-UNL

Introdução: A estrutura com o verbo *haver* existencial encontra-se em variação no sistema do português europeu. Possui uma forma normativa consagrada em gramáticas e dicionários que é ensinada nas escolas, mas também uma forma não normativa que é utilizada pelos falantes. Segundo Raposo (2020), a construção sintática com concordância em número dá-se principalmente quando o verbo *haver* está no pretérito imperfeito do indicativo ou quando ocorre como verbo pleno em perífrases verbais. O verbo *haver* existencial não atribui papel temático externo e ainda assim atribui Caso acusativo, contrariando a Generalização de Burzio (Burzio, 1986) e tornando-se um verbo atípico no sistema. As estruturas com concordância vão no sentido de o tornar mais regular e de o fazer funcionar como os outros verbos inacusativos em que o argumento interno passa a funcionar como sujeito gramatical e recebe caso nominativo. Esta reanálise do verbo *haver* existencial como sendo um verbo inacusativo é um fenómeno que pode ser enquadrado com outros fenómenos na língua portuguesa, nos quais também se verifica variação. Pode enquadrar-se numa família de construções que envolvem expletivos na posição de sujeito (Cardoso, Carrilho & Pereira, 2011; Carrilho, 2003), à semelhança do que se verifica, por exemplo, no inglês com o contraste entre os expletivos *it* e *there*. Também no caso do verbo *haver* existencial poderão ocorrer dois expletivos nulos: um com traços de pessoa e número e que verifica a concordância com o verbo (construção sem concordância, 3SG); e outro que não tem traços de pessoa - número e faz uma relação de associação com o SN pós-verbal e é esse SN que acaba por verificar os traços (construção com concordância, 3PL).

Questões de Investigação e Metodologia: Neste estudo, pretende-se estudar o grau de aceitabilidade das estruturas com e sem concordância do verbo *haver* existencial e verificar até que ponto as estruturas com concordância estão integradas na gramática implícita dos falantes e quais os fatores condicionadores dos padrões de concordância. 28 falantes monolíngues de português europeu, a frequentar o ensino superior, realizaram duas tarefas de juízo de aceitabilidade: uma com pressão de tempo e outra sem pressão de tempo. Enquanto a tarefa com pressão de tempo força o participante a recorrer fundamentalmente ao seu conhecimento implícito (Bader & Haüssler, 2010; Bowles, 2011; Ellis, 2005; Godfroid et al., 2015), a tarefa sem pressão de tempo dá-lhe tempo para aceder ao seu conhecimento explícito e monitorizar as suas respostas. Nas duas tarefas, os participantes tinham de avaliar a aceitabilidade de frases com o verbo *haver* numa escala de 1 a 4. Foram manipuladas diferentes variáveis linguísticas, incluindo a concordância (com e sem concordância), o tipo de forma verbal (simples ou perifrástica), o tempo verbal do verbo simples (pretérito perfeito ou imperfeito) e o tipo de verbo auxiliar na forma perifrástica (semiauxiliar modal ou temporal) (Tabela 1). A análise estatística dos dados foi realizada com modelos de efeitos mistos, em R, usando o pacote lme4 e a função lmer (modelo linear misto).

Resultados e Conclusões: Na tarefa sem pressão de tempo, as construções com concordância são mais aceites com formas verbais perifrásticas do que com verbos simples, com os quais tendem a ser rejeitadas. Há, neste caso, um efeito significativo de tempo verbal: a construção com concordância é claramente aceite no pretérito imperfeito, mas não no perfeito. As construções sem concordância são mais aceites com verbos simples (em particular no pretérito perfeito) do que com formas perifrásticas (havendo uma tendência para a rejeição destas construções com o verbo auxiliar *ir*) (Tabela 2).

Na tarefa com pressão de tempo, as construções com concordância são aceites tanto com formas verbais simples (embora significativamente mais com o pretérito imperfeito do que com o perfeito), como perifrásticas. As construções sem concordância são mais aceites com as formas verbais simples (particularmente, no pretérito perfeito) do que com as perifrásticas, havendo menor aceitação com o verbo auxiliar *ir* do que com *poder* (Tabela 2). Estes resultados confirmam que existe sensibilidade a diferentes fatores linguísticos na manifestação de concordância com o verbo *haver* e parecem indicar que a construção com concordância, em alguns contextos, está já plenamente integrada na gramática implícita dos falantes. A preferência dos participantes pela estrutura com concordância nas formas verbais perifrásticas, em ambas as tarefas, mostra-nos que os participantes não associam a norma de uso do verbo *haver* existencial, quando este é utilizado como verbo pleno em perífrases verbais – o que está em linha com o que afirma Raposo (2020) – e confirma que esta construção está integrada na gramática dos participantes. Mas o maior grau de aceitabilidade da estrutura com concordância na tarefa com pressão de tempo constitui evidência de que os participantes têm algum conhecimento da norma.

Por outro lado, a estrutura com concordância com formas verbais simples tende a ser rejeitada na tarefa sem pressão de tempo e isto mostra-nos que é sentida pelos participantes como desviante em relação à norma. Esta variação na aceitação das formas com concordância confirma a existência de duas gramáticas em competição.

Palavras-chave: haver existencial, concordância verbal, variação sintática, norma e variação

Referências

- Bader, M. & Häussler, J. (2010). Toward a model of grammaticality judgments. In *Journal of Linguistics*, 46 (2), pp. 273-330. Cambridge University Press.
- Bowles, M. (2011). Measuring implicit and explicit linguistic knowledge: What can heritage language learners contribute? In *Studies in Second Language Acquisition* 33 (2), pp. 247-271. Cambridge University Press.
- Burzio, L. (1986). *Italian Syntax: A Government-Binding Approach*. Dordrecht: Kluwer.
- Cardoso, A., Carrilho, E. & Pereira, S. (2011). On verbal agreement variation in European Portuguese: syntactic conditions for the 3SG/3PL alternation. In *Diacrítica*, 25 (1), pp.135-157.

- Carrilho, E. (2003). Ainda a 'unidade e diversidade da língua portuguesa': a sintaxe. In Castro & Duarte (Eds.) *Razões e Emoção. Miscelânea de Estudos em Homenagem a Maria Helena Mira Mateus* (1), pp. 163-178. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Ellis, R. (2005). Measuring implicit and explicit knowledge of a second language: A psychometric study. In *Studies in Second Language Acquisition* 27 (2), pp. 141-172. Cambridge University Press.
- Godfroid, A. et al. (2015). Timed and untimed grammaticality judgements measure distinct types of knowledge. In *Studies in Second Language Acquisition* 37 (2), pp. 269-297. Cambridge University Press.
- Raposo, E. B. P. (2020). Concordância verbal. In Raposo et al (Eds.) *Gramática do Português* (3), pp. 2425-2495. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian.

<i>Contexto</i>	<i>Exemplo de Item de Teste</i>
Simple, PI, SG	Quando a dentista chegou, havia alguns pacientes na sala de espera.
Simple, PI, PL	Quando o réu chegou, haviam alguns populares zangados à sua espera.
Simple, PP, SG	Quando a peça terminou, houve muitos admiradores a aplaudir de pé.
Simple, PP, PL	Quando a corrida terminou, houveram alguns adeptos a invadir a pista.
Perífrase com <i>poder</i> , SG	Se cortarem a autoestrada, pode haver muitos engarrafamentos na estrada nacional.
Perífrase com <i>poder</i> , PL	Se chover em Coruche, podem haver alguns problemas nas zonas ribeirinhas.
Perífrase com <i>ir</i> , SG	Quando a festa terminar, vai haver alguns copos espalhados pelo chão.
Perífrase com <i>ir</i> , PL	Quando a gerência mudar, vão haver muitos ajustes na nossa empresa.

Tabela 1 - Exemplos de itens de teste por contexto

		Tarefa de juízos de aceitabilidade sem pressão de tempo			Tarefa de juízos de aceitabilidade rápidos		
		Média	Mediana	Desvio Padrão	Média	Mediana	Desvio Padrão
Verbo simples	Plural	2,25	2	1,12	2,89	3	1
	Singular	3,20	4	0,95	3,37	4	0,96
Forma perifrástica	Plural	3,08	3	0,91	3,27	4	1,04
	Singular	2,66	2	1,02	3,02	3	0,99
Verbo simples perfeito	Plural	2,05	2	1,00	2,51	2	1,22
	Singular	3,46	4	0,84	3,54	4	0,84
Verbo simples imperfeito	Plural	3,00	3	1,02	3,28	4	1,14
	Singular	2,93	3	0,99	3,19	4	1,05
Forma perifrástica <i>poder + haver</i>	Plural	2,94	3	0,96	3,33	4	1,07
	Singular	2,83	3	1,00	3,23	3	0,91
Forma perifrástica <i>ir + haver</i>	Plural	3,23	3	0,84	3,21	4	1,01
	Singular	2,49	2	1,01	2,81	3	1,03

Tabela 2 - Quadro resumo dos valores médios obtidos na tarefa com e sem pressão de tempo